



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
CAMPUS DE MARÍLIA  
Faculdade de Filosofia e Ciências

**MARIANA DA SILVA CAPRIOLI**

**Análise do Discurso Literário: proposta de metodologia no processo de  
Análise Documental de textos narrativos de ficção.**

**MARÍLIA  
2018**

MARIANA DA SILVA CAPRIOLI

**Análise do Discurso Literário: proposta de metodologia no processo de  
Análise Documental de textos narrativos de ficção.**

Dissertação de Mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Marília, requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Produção e Organização da Informação.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Ernesto de Moraes.

**MARÍLIA  
2018**

Caprioli, Mariana da Silva.

C253a Análise do discurso literário: proposta de metodologia no processo de análise documental de textos narrativos de ficção / Mariana da Silva Caprioli. – Marília, 2018.  
104 f. ; 30 cm.

Orientador: João Batista Ernesto de Moraes.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018.

Bibliografia: f. 96-104

1. Análise documental. 2. Análise do discurso literário.  
3. Ficção. I. Título.

CDD 401.41

Ficha catalográfica elaborada por  
André Sávio Craveiro Bueno  
Bibliotecário  
CRB 8/8211

MARIANA DA SILVA CAPRIOLI

**Análise do Discurso Literário: proposta de metodologia no processo de  
Análise Documental de textos narrativos de ficção.**

Dissertação para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – Unesp – Campus de Marília.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: \_\_\_\_\_  
Dr. João Batista Ernesto de Moraes

2º Examinador: \_\_\_\_\_  
Dr<sup>a</sup> Deise Maria Antonio Sabbag

3º Examinador: \_\_\_\_\_  
Dr<sup>a</sup> Dulce Amélia de Brito Neves

**Marília, 2018**

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre uma parte difícil de fazer. Durante o progresso da pesquisa, muita coisa acontece. Muitas pessoas se aproximam. Um número maior ainda se afasta. E no final, só nos resta observar o que sobrou e ficar satisfeito e feliz com o resultado final desse percurso.

Não posso começar de outra forma se não agradecendo à FAPESP pelo apoio financeiro que me deu a estabilidade e segurança necessárias pra desenvolver minha pesquisa da melhor forma. Muito obrigada!

Logo após é muito importante, pra mim, agradecer ao meu orientador, professor João Batista, que sempre acredita no que proponho e me dá todo o apoio e orientação, além de confiança infinita. O senhor tem sido muito importante nesses cinco anos de pesquisa, minha inspiração pra seguir esse caminho acadêmico, muito obrigada por tudo, sempre.

Todo agradecimento à banca, pela disponibilidade em ler meu trabalho, pelo cuidado que tiveram ao analisar e dar sugestões muito mais que pertinentes para que ele melhorasse. Professora Dulce, agradeço pela disponibilidade em avaliar o trabalho, bem como fazer parte da banca. É um prazer conhecer a senhora. Obrigada.

Professora Deise, te conhecer foi uma grata surpresa, já te citava tanto, te ver pessoalmente e descobrir o quão cuidadosa e profissional é, me fez te admirar ainda mais. Muito obrigada pelas considerações e participação.

Professor Daniel, faltam palavras pra expressar minha admiração. Obrigada pelas aulas durante o mestrado, delas saiu um artigo que tenho extremo carinho e logo será publicado. Obrigada por todas as considerações dadas na qualificação, que acatei com felicidade. É mais uma das minhas inspirações nesse trajeto. Muito obrigada, de verdade.

Obrigada também ao professor Walter, por ter oferecido uma disciplina ótima, da qual também resultou um trabalho, que apresentei em Portugal, uma grande oportunidade que surgiu daí. Obrigada!

A todos os professores da pós-graduação da FFC, obrigada.

Obrigada ao grupo de pesquisa “Linguagem, Discurso e Organização”, as reuniões de estudo são sempre muito produtivas e agradáveis ao lado de vocês. Vale um agradecimento especial à Ariane, pelo tanto de vezes que enchi as paciências dela no CEDHUM, pedindo favores e fazendo ela brigar com as impressoras. Obrigada pela paciência!

Não posso, nunca, deixar de agradecer à Larissa, eterna companheira de trabalhos, de boas conversas e açaís. Você foi um trevinho de quatro folhas que apareceu no meu segundo ano de faculdade e permanece até hoje, naquele cantinho especial do coração. Você é luz! E espalha ela pras pessoas que estão ao seu redor. Obrigada por tudo isso. Se mantenha sempre forte e fight like a girl!

Ana e Laís, obrigada também pelas parcerias e encontro de meninas que sempre nos proporcionam ótimos momentos. Vocês são especiais e extremamente capazes, nunca deixem que digam o contrário. Junto com a Lari temos o poder. Girl Power.

Aos amigos que ainda permanecem e acompanham os momentos de finais de semana, vocês já sabem. Obrigada pelos mojitos, jogos e muitas risadas, o caminho até aqui ficou mais fácil com vocês.

Agradecimento especial à Suzana pelos 12 poucos anos de amizade. Você vai longe, amore, sabe disso. Obrigada por sempre estar lá pra mim, mesmo quando longe.

A todos que passaram por esses anos de pesquisa, não só na academia, mas também na minha vida, muito obrigada. A vocês desejo forças pra continuar e nunca desistir

Ao meu amor, Felipe... Como prometi, vou agradecer até a última etapa desse longo caminho. Você me dá o suporte que preciso pra sempre seguir em frente, sempre sonhar com o mais alto, acreditar que vou chegar lá. E você também vai chegar lá. Sua determinação e empenho são exemplos a serem seguidos. Agradeço sempre por ter te conhecido, há 6 anos, isso mudou a minha vida. Eu te amo.

Finalmente, à minha querida mãe, por ser a mulher mais forte que conheço, e por passar por todos os problemas da vida de forma exemplar. Nossa família vem se reduzindo, mas o amor que temos uma pela outra nunca vai diminuir. “A gente já passou por tudo, qual seria a graça da vida sem você aqui? Pra ser o meu porto seguro, o presente que a vida me deu logo que eu nasci”. Aprendi que a vida é trem bala, e apesar de tudo, precisamos sorrir e abraçar nossos pais enquanto ainda estão aqui. Te amo.

Estou ficando cada vez mais concisa nos agradecimentos, mas é só porque fica muito difícil agradecer da forma correta a todos, e, no fim das contas, só posso dizer mais uma vez: obrigada!

*(...) Vivi, olhei, li, senti, Que faz aí o ler, Lendo, fica-se a saber quase tudo, Eu também leio, Algo portanto saberás, Agora já não estou tão certa, Terás então de ler doutra maneira, Como, Não serve a mesma para todos, cada um inventa a sua, a que lhe for própria, há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura, ficam pegados à página, não percebem que as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é que importa, A não ser, A não ser, que, A não ser que esses tais rios não tenham duas margens, mas muitas, que cada pessoa que lê seja, ela, a sua própria margem, e que seja sua, e apenas sua, a margem a que terá de chegar (...)*

SARAMAGO, 2000, p. 44

## RESUMO

A Ciência da Informação é articulada na produção, organização e uso da informação, onde a organização se importa, também, com a representação da informação e da mesma forma, sabe-se que a Análise Documental se preocupa com a representação, podendo, assim, articular a Análise do Discurso enquanto parte dela. Partindo disto, a Análise do Discurso Literário mostra-se pouco utilizada e se refere à análise de textos literários com base na Análise do Discurso e seus conceitos, levando em conta que um discurso literário permite que seus dizeres possam ser considerados sob uma enunciação dada por uma posição sócio histórica e os enunciadores se revelam substituíveis. Como objetivo geral teve-se a intenção de propor elementos para realizar uma experiência tendo a Análise do Discurso como metodologia para decodificar formações discursivas que auxiliassem o processo de análise documental de textos narrativos de ficção. Nos específicos averiguou-se a aplicabilidade da Análise do Discurso como metodologia de análise na literatura; se destacou a importância da análise de textos literários em comparação de textos científicos; analisou-se os contos “O Sapatao”, “Que Vidinha”, “A Mensagem”, “Dois Açucareiros” e “Capitu” de Dalton Trevisan, para resolução das questões levantadas; realizou-se a comparação das análises realizadas com as representações encontradas em outras unidades de informação para a observação da representação que seria melhor recuperada e traçou-se um paralelo entre as formações discursivas e formações ideológicas com o regime de informação. Tem a Análise do Discurso de matriz francesa como metodologia, com a intenção de mostrar que seus conceitos são aplicáveis no projeto proposto. Contos do autor foram analisados para a observação de termos e assuntos que pudessem representar a obra e comparou-se com unidades de informação escolhidas para a observação da representação ali encontradas. Como resultados, pode-se afirmar que os objetivos foram alcançados e a Análise do Discurso se mostra uma metodologia viável para a análise em literatura, possibilitando uma abertura para estudos e parâmetros futuros na área. Observou-se que os textos narrativos de ficção podem ser melhor representados se analisados sob a ótica da Análise do Discurso, possibilitando, assim, uma melhor recuperação e uso dos documentos.

Palavras-chave: Análise Documental; Análise do Discurso Literário; Textos narrativos de ficção; Contos.

## ABSTRACT

Information Science is articulated in the production, organization and use of information, where the organization cares, also, with the representation of the information and in the same way, it is known that the Documentary Analysis is concerned with the representation, articulate Discourse Analysis as part of it. From this, the Literary Discourse Analysis is rarely used and refers to the analysis of literary texts based on Discourse Analysis and concepts, considering that a literary discourse allows its sayings might be considered under an enunciation given by a partner position social and historical and enunciators are revealed replaceable. As a general objective, it was proposed to propose elements to carry out an experiment with Discourse Analysis as a methodology for decoding discursive formations that would aid the process of documentary analysis of fictional narrative texts. In the specifics the applicability of Discourse Analysis was analyzed as methodology of analysis in the literature; the importance of analyzing literary texts in comparison with scientific texts was emphasized; the tales “O Sapatão”, “Que Vidinha”, “A Mensagem”, “Dois Açucareiros” e “Capitu”, by Dalton Trevisan were analyzed for the resolution of the issues raised; a comparison of the analyzes carried out with the representations found in other information units was carried out to observe the representation that would be better retrieved and a parallel was drawn between the discursive formations and ideological formations with the regime of information. It has the Discourse Analysis of French matrix as methodology, with the intention of showing that its concepts are applicable in the proposed project. Tales of the author were analyzed for the observation of terms and subjects that could represent the work and was compared with units of information chosen for the observation of the representation found there. As results, it can be affirmed that the objectives were reached and the Discourse Analysis shows a feasible methodology for the literature analysis, allowing openness for studies and future parameters in the area. It was observed that fictional narrative texts can be better represented if analyzed from the perspective of Discourse Analysis, thus enabling a better retrieval and use of the documents.

**Keywords:** Documentary Analysis; Literary Discourse Analysis; Narrative fiction texts; Short stories

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Conto (1): "O Sapatão" .....	62
Imagem 2 - Conto (2) "Que Vidinha" .....	62
Imagem 3 - Conto (3) "A Mensagem" .....	63
Imagem 4 - Conto (4) "Dois Açucareiros" .....	63
Imagem 5 - Conto (5) "Capitu" .....	64
Imagem 6 - Registro Completo do livro "Arara bêbada" - Deadalus .....	88
Imagem 7 - Registro Completo do livro "Arara bêbada" - Acervus .....	89
Imagem 8 - Remissivas de assunto - Acervus .....	89

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ideias força para legitimação do discurso – Conto (1).....	66
Quadro 2 - Ideias força para legitimação do discurso – Conto (2).....	68
Quadro 3 - Ideias força para legitimação do discurso – Conto (3).....	71
Quadro 4 - Ideias força para legitimação do discurso – Conto (4).....	74
Quadro 5 - Ideias força para legitimação do discurso – Conto (5).....	77
Quadro 6 - Etapas da Análise do Discurso .....	82
Quadro 7 - Sistematização das análises realizadas .....	82
Quadro 8 - Descritores.....	86
Quadro 9 - Descritores encontrados nas unidades de informação.....	90
Quadro 10 - Comparação dos descritores.....	90

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 METODOLOGIA , MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>15</b>
<b>3 ANÁLISE DOCUMENTAL: ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO COMO AUXÍLIO PARA REPRESENTAÇÃO E RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>4 ANÁLISE DO DISCURSO E ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO.....</b>	<b>28</b>
<b>5 REGIME DE INFORMAÇÃO .....</b>	<b>40</b>
5.1. Paralelo com a Formação Discursiva e a Formação Ideológica .....	42
<b>6 TEXTOS NARRATIVOS DE FICÇÃO.....</b>	<b>45</b>
6.1 Contos.....	49
<b>7 ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO DOS CONTOS.....</b>	<b>57</b>
7.1 Primeiro Tratamento de Análise Superficial .....	58
7.1.1 Quem diz?.....	59
7.1.2 Como diz?.....	61
7.2 Transformação da superfície linguística em objeto discursivo .....	64
7.2.1 “O que é dito neste discurso?” .....	65
7.3 Do objeto discursivo para o processo discursivo.....	79
7.3.1 “Por que isso e não outro?” .....	79
<b>8 SISTEMATIZAÇÃO DAS ANÁLISES E EXTRAÇÃO DE TERMOS.....</b>	<b>82</b>
<b>9 COMPARAÇÃO DAS ANÁLISES COM REPRESENTAÇÕES EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO.....</b>	<b>87</b>
<b>10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>96</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Análise Documental vem sido utilizada com eficácia em textos técnico-científicos, pois estes apresentam uma estrutura textual e física que facilitam essa aplicabilidade, mas, como mostra Sabbag (2013), essa aplicabilidade em textos narrativos de ficção acaba não sendo utilizada, ou apresenta dificuldades no momento de representar o conteúdo temático dessas obras, e por tais motivos existe a necessidade de maior aprofundamento no tema. A preocupação com a recuperação de textos narrativos de ficção surgiu a partir da década de 1980 na Ciência da Informação, principalmente pela dificuldade de representar o conteúdo temático.

Guimarães, Moraes e Guarido (2007) e novamente Moraes (2011) mostram a necessidade do estabelecimento de parâmetros para futuros estudos que possam seguir o caminho da Análise Documental de textos narrativos de ficção, como se propõe esta pesquisa, o que mostra seu teor inovador, uma vez que propõe interligar tal viés de pesquisa com a Análise do Discurso de matriz francesa, dois tipos de pesquisa que já vinham sendo desenvolvidas, porém que ainda não possuíam ligação.

Com isso, pode-se partir do pressuposto que o processo discursivo é rico em ferramentas que podem decodificar formações discursivas presentes no discurso literário. Diante das inconsistências presentes no processo de recuperação da informação em obras de literatura em Unidades de Informação tem-se como problema investigar e formar uma metodologia para decodificar formações discursivas nos discursos literários, sendo pautado em formações discursivas, ideológicas e na materialidade do discurso. Além de propor-se a observação da contribuição da materialidade discursiva para a recuperação da informação de textos narrativos de ficção.

Sabe-se que a Ciência da Informação se articula na tríade *produção, organização e uso* da informação, segundo Guimarães (2008), e que a organização da informação se importa com a representação da informação, pode-se pensar na Análise do Discurso como parte da organização e representação, uma vez que esta faz parte da Análise Documental e “[...] apresenta um conjunto de procedimentos metodológicos voltados à definição do conteúdo temático de documentos de modo a permitir a recuperação, o acesso e o uso da informação neles contida” (MORAES, 2011).

Isto exposto, os seguintes objetivos foram traçados:

**GERAL:** propor elementos para realizar uma experiência tendo a Análise do Discurso como metodologia para decodificar formações discursivas que auxiliem o processo de análise documental de textos narrativos de ficção.

**ESPECÍFICOS:**

- Averiguar a aplicabilidade da Análise do Discurso como metodologia de análise na literatura;
- Destacar a importância da análise de textos literários em comparação de textos científicos;
- Analisar os contos “O Sapatao”, “Que Vidinha”, “A Mensagem”, “Dois Açucareiros” e “Capitu” de Dalton Trevisan, para resolução das questões levantadas;
- Comparar as análises realizadas com as representações encontradas em outras unidades de informação para a observação da representação que seria melhor recuperada;
- Traçar um paralelo entre as formações discursivas e formações ideológicas com o regime de informação.

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, documental e metodológico. Se refere ao processo 2016/05842-8 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)<sup>1</sup> e vale apresentar que, em processo de análise do projeto pela fundação, foi sugerido que seria interessante tratar, além dos textos literários, também os textos científicos. Tal sugestão não foi adicionada ao projeto por alguns motivos, sendo eles: os textos científicos foram objeto de estudo em Trabalho de Conclusão de Curso, onde se observou sua importância e valorização no meio em que o Bibliotecários e Cientistas da Informação atuam.

O trabalho se trata do “O percurso discursivo da Ciência da Informação por meio do estudo de periódicos da área na década de 1990”, Caprioli (2016), onde a área foi analisada por meio dos discursos presentes nos artigos dos periódicos e também foi construído como a área observa e define Ciência da Informação. Dessa forma, observou-se que os textos científicos são de extrema importância na área e possuem amparo para pesquisas, enquanto pesquisas voltadas para os textos literários não são tão exploradas.

Sabe-se que, após a conclusão da presente pesquisa, e considerando os resultados positivos encontrados, introduziu-se uma pesquisa com os textos científicos em projeto de Doutorado.

Como proposto o plano de trabalho, a primeira etapa da pesquisa foi levantar a bibliografia sobre Análise do Discurso e seus conceitos fundamentais (Formação Discursiva e

---

<sup>1</sup> <<http://www.fapesp.br/2>>

Ideológica), tratados tanto no capítulo 2 de metodologia – onde também se expõem os materiais e métodos a serem utilizados na pesquisa – quanto no 5, onde se expõe sobre a Análise do Discurso e também sobre Análise do Discurso Literário. Então, no Capítulo 2 encontram-se os Métodos e Metodologia utilizados na pesquisa.

No capítulo 3, tratou-se sobre a Análise Documental e como utilizar a Análise do Discurso Literário para auxiliar na compreensão das informações contidas no texto, para que posteriormente sejam estruturadas, dessa forma, colabora de forma essencial para a etapa de representação da informação.

Posterior a isso, tratou-se das definições de discurso e discurso literário, no capítulo 4, juntamente com a exposição sobre a Análise do Discurso e também sobre Análise do Discurso Literário, qual o contexto em que surgiram, suas principais definições e como se relacionam.

O paralelo entre as Formações Discursivas e Ideológicas com Regime de Informação foi traçado no capítulo 6, e trouxe algumas observações interessantes referentes ao profissional enquanto membro de uma unidade de informação, no momento de representar obras, e também quanto o autor enquanto pessoa, inserido na sociedade e com ideais e vivências próprias, evidenciando discursos no momento de escrever seus textos.

A importância da análise de textos literários em comparação de textos científicos foi tratada no capítulo 6, quando se fala sobre os textos narrativos de ficção e sobre os contos, gênero específico a ser analisado posteriormente.

O Capítulo 7 foi destinado à análise dos contos selecionados através Análise do Discurso, mais especificamente a Análise do Discurso Literário, como metodologia e as peculiaridades dos contos enquanto discursos inseridos em um contexto, proferidos pelo autor.

Acredita-se que a sistematização das análises através de quadros seja a melhor forma de observar os resultados encontrados, pois, além de facilitar a observação do que foi analisado, pode-se, futuramente, facilitar a utilização, se necessário. O Capítulo 8 foi designado para essa finalidade. Também se utilizou o capítulo para a extração de termos de indexação, baseado no “Tesauro de literatura”, para que se possa observar e comparar com as representações encontradas em unidades de informação no prosseguimento do trabalho.

Entrando na fase final do trabalho, o Capítulo 9 foi construído para comparar as análises realizadas e os termos extraídos, com representações encontradas em unidades de informação, a fim de observar como as unidades representam e se as análises colaboram no momento de representar.

Por fim, as considerações finais foram tratadas no Capítulo 10, com a intenção de organizar as informações do trabalho e também apresentar os objetivos alcançados.

Começamos, então, com a explanação sobre a metodologia, os materiais e os métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, uma das partes mais importantes, uma vez que se trata da base e direção para a construção do caminho que será traçado durante a pesquisa.

## 2 METODOLOGIA , MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização desta pesquisa seguiu-se as etapas propostas, iniciando com o levantamento bibliográfico exaustivo em bases como a Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação - BRAPCI<sup>2</sup> e a Scientific Electronic Library Online - SciELO<sup>3</sup>, revistas como *Ciência da Informação*<sup>4</sup> e *Perspectivas em Ciência da Informação*<sup>5</sup> e Google Scholar<sup>6</sup> em busca de artigos, também livros e teses serão consultados sobre Análise do Discurso e seus conceitos fundamentais, com foco em Formação Discursiva e Ideológica, também sobre Análise do Discurso Literário, Análise do Discurso na representação da informação e ainda sobre a importância da análise de textos literários em comparação de textos científicos.

O tema proposto se mostrou inovador por conter poucas pesquisas voltadas e, por tal motivo, foram encontrados poucos textos relacionados nas bases anteriormente escolhidas, excetuando-se o Google Scholar, onde alguns textos foram recuperados e colaboraram para a base teórica.

Na etapa seguinte foram levantadas informações sobre o tipo de literatura tratada no trabalho, sendo os textos narrativos de ficção. Também foram levantadas informações sobre o autor escolhido, para observar de maneira clara a aplicação de Formação Discursiva e Ideológica, pautadas no contexto em que o autor está inserido e escreveu suas obras e somente então se passar para a análise das obras escolhidas e para que seja possível a observação da representação da informação.

O autor escolhido se trata de Dalton Trevisan, nascido em Curitiba, em 1925, considerado autor contemporâneo, produzindo contos curtos em linguagem concisa, e sempre deixando claro “do conto para o soneto e dele para hai-cai” (TREVISAN, 1974), diferente do que se pressupõe que os autores o façam. Uma análise detalhada de alguns de seus contos presentes nos livros *O vampiro de Curitiba* (1974), *Vozes do retrato* (1994) e *Arara bêbada* (2004), pode-se perceber sua escrita calcada nas relações humanas e os conflitos que tais relações acarretam. Nesta perspectiva, os contos escolhidos foram: “O Sapatão”, “Que Vidinha”, “A Mensagem”, “Dois Açucareiros” e “Capitu”, contidos no livro *Arara bêbada*, de 2004.

---

<sup>2</sup> <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/>>.

<sup>3</sup> <<http://www.scielo.org/php/index.php>>.

<sup>4</sup> <<http://revista.ibict.br/ciinf>>.

<sup>5</sup> <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci>>.

<sup>6</sup> <<https://scholar.google.com.br/>>.

A análise de obras do autor é parte importante no trabalho pra que seja possível a observação e consideração da representação da informação, uma vez que existem incompletudes e desvios nessas representações, pois, segundo Castañon Moreno (1992)

[...] más que las limitaciones y obsolescencia de los sistemas a los que se suelen atribuí imprecisiones e inconsistencias en la representación temática, muchas veces el problema se genera porque el bibliotecario se preocupa más por ajustarse a un sistema de clasificación o indización que por llevar a cabo un análisis documental que le permita ante todo comprender plenamente el tema que se expone en el texto de una obra.

Foi utilizada a Análise do Discurso de matriz francesa, na qual, segundo Maingueneau (1997), é caracterizada pelo discurso do tipo escrito, doutrinário e institucional, os objetivos determinados do discurso sendo de propósitos textuais, de explicação, forma e construção do objeto, método estruturalista e com isso envolvendo a linguística e a história, e finalmente que tem como uma das origens a linguística.

A Análise do Discurso é uma teoria interessante e com inúmeras possibilidades de aprofundamento quanto à análise do Discurso Literário (VERSA; SOARES, 2014), e dessa forma não escapa da máxima de Pêcheux (1997) que “[...] a forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o non-sense da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidencia primeira”.

Acreditou-se necessário a escolha de um autor, bem como suas obras, sendo contos, para serem lidos e analisados sempre sob a perspectiva da Análise do Discurso, por se tratar da metodologia desse trabalho, pois segundo Nogueira (2001):

[...] é importante referir desde já que a Análise do Discurso não é apenas método(s). É também uma perspectiva sobre a natureza da linguagem e da sua relação com questões centrais das ciências sociais. Mais especificamente, a Análise do Discurso representa um conjunto relacionado de abordagens ao Discurso, abordagens que acarretam não só práticas de recolha de dados e de análise, mas também um conjunto de assunções metateóricas e teóricas.

Contudo, como já observado e estudado em trabalhos anteriores, não existem, explicitados na literatura sobre os temas, procedimentos específicos para a realização de uma análise discursiva, sendo ela científica, como já efetuada em outros trabalhos, ou literária, como se pretende fazer aqui.

Em trabalhos de conclusão de curso, até o momento, Lima (2015) e Caprioli (2016), utilizaram-se de processos esquematizados por Orlandi (2008) e sintetizados por Lima (2015), para a realização de análises de discursos científicos, onde artigos eram retirados de revistas

específicas da área para a observação de como a Ciência da Informação era tratada de maneira conceitualizada.

Para a análise do discurso, portanto, nos utilizamos da seguinte sintetização, elaborada por Lima (2015, p. 18-19), mas exposta por Orlandi (2008):

**“Primeiro tratamento de análise superficial”:**

Momento em que se tem um contato primário com a superfície linguística do texto. É também neste momento em que é exposto o elemento do arquivo, ou seja, o corpus que será submetido à análise.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Para efetuar esta transformação é necessário realizar uma pergunta norteadora: “O que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?” A partir de tal estruturação, expõe-se o objeto discursivo a partir dos fenômenos linguísticos discursivos (paráfrase, polissemia, polifonia) que incidem sobre ele.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Momento em que a pergunta norteadora é: “Por que isso e não outro?”. Na resposta em cada análise será atingido o processo discursivo, que mostra a relação que aquele dizer tem com o seu exterior.

Todos os textos escolhidos passaram pela fase da análise por meio dos aportes teóricos fornecidos pela Análise do Discurso francesa, levando em conta as Formações Discursivas e Ideológicas, também o discurso literário como uma base para tanto e com a intenção de observar a forma de representação da informação desses textos.

Ainda, um paralelo entre as Formações Discursivas e Ideológicas com o Regime de informação foi traçado, para construção de um aporte da Ciência da Informação dialogando com a Análise do Discurso e o Discurso Literário.

E, finalizando, uma comparação com os textos analisados e suas formas de representação em unidades de informação com OPACs (*Online Public Access Catalogue*), sendo eles: Dedalus – Catálogo Coletivo da USP e Base Acervus, o catálogo do Sistema de Bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas. A comparação será realizada para a observação da representação que seria melhor recuperada pelo usuário, lembrando que se tratará de um experimento para observação se as obras possuem representações que os usuários consigam recuperar com facilidade.

Para que se possa realizar a comparação das análises encontradas com as representações em unidades de informação, primeiro precisa-se extrair termos que representem as análises, trabalho feito pela indexação – ato de descrever e identificar o conteúdo de um documento com termos que represente os assuntos, constituindo, assim, uma linguagem de indexação – nas unidades no momento de representar as obras.

Sabe-se, segundo a norma NBR 12676:1992, que os processos de indexação passam pelo exame do documento para o estabelecimento do assunto de seu conteúdo, posteriormente identificam-se os conceitos encontrados nos assuntos e a tradução desses conceitos para uma linguagem de indexação.

O principal objetivo da linguagem de indexação é assegurar o controle de vocabulário para assuntos gerais e específicos (FUJITA; GIL LEIVA, 2010). Então, tomando Gil Urdiciain (2004, p. 17) como base, podemos considerar a linguagem de indexação como “[...] todo sistema artificial de signos normalizados, que facilitam a representação formalizada do conteúdo dos documentos para permitir a recuperação, manual ou automática de informação solicitada pelos usuários”.

Como controle de vocabulários podemos pensar em tesouros que, segundo Artandi (1970), são inicialmente usados para servir ao indexador no momento de selecionar os termos mais adequados para descrever o conteúdo de um documento, mas, além disso, os tesouros passam a ser vistos como instrumentos valiosos para auxiliar o usuário a explorar adequadamente.

Então, para a retirada dos termos para posterior comparação em unidades de informação, utilizaremos o “Tesouro sobre literatura”, organizado por Gomes e equipe em 1985. A elaboração do tesouro teve início no Projeto “Cabeçalho de Assunto Unificado” da Biblioteca Nacional, e o IBICT se propôs a patrocinar a conclusão e também a edição. Então temos que para elaboração do trabalho:

[...] desde o início rejeitou-se a mera listagem alfabética, adotando-se o formato de um tesouro terminológico. Na verdade, o tesouro, que tem por base as conceituações, patenteia as relações vigentes entre os termos - sinônimas, hierárquicas e outras - e, por isto mesmo, permite exercer maior controle sobre a linguagem e assegura uma prática consistente (GOMES et al, 1985, p. 6).

Explica-se o uso de tal tesouro: no trabalho, tem-se a intenção de extrair termos para representar as análises realizadas para que, posteriormente, possam ser comparadas com representações em unidades de informação, e sabe-se que nas unidades de informação as obras já se encontram devidamente representadas, com os termos já extraídos, então o presente tesouro apoiará a retirada dos termos aqui.

A utilização específica do tesouro se dá por ser voltado à literatura, onde as obras narrativas de ficção podem ser configuradas. Pois, como Moraes (2011, p. 20) coloca

“[...] ao associar a questão da ficção ao cerne da obra literária, coloca em evidência um aspecto que é quase indissociável, ou seja, o trinômio *literatura – imaginação – criação* é a base que pode muito bem caracterizar, e definir, a obra de ficção, no sentido que se trata de uma construção "a partir de elementos imaginários calcados no real e/ou de elementos da realidade inseridos em contexto imaginário".

E assim, podemos extrair dele os termos que necessitamos para futura comparação em unidades de informação.

Encontrou-se outro instrumento para a indexação de obras de ficção, conhecido como “Vocabulário controlado para indexação de obras ficcionais” de Sidney Barbosa, Eliane Serrão Alves Mey e Naira Christofolletti Silveira, de 2005, mas optou-se por não utilizá-lo, pois, em observação, constatou-se que se utilizou do tesouro aqui escolhido para comparação e construção. Também pelo fato do vocabulário estar mais voltado para a elaboração de uma lista pragmática para a identificação dos gêneros de obras ficcionais, diferindo do tesouro, que tem a intenção de extrair termos para representação de obras de literatura, entre elas, as narrativas de ficção.

Com isso posto, segue-se observando que Duarte (1999) traz algumas afirmações sobre a utilização de textos literários como objeto da Análise do Discurso. Em um primeiro momento, afirma que, ao escolher um *corpus* literário, assume-se que se trata de um discurso com especificidade.

Por *corpus*, podemos compreender a tomada de seleção de discursos representativos a serem analisados, respondendo a uma ideologia em um espaço e tempo (SARGENTINI, 2005). Ou seja, a noção de *corpus* aproxima a parte prática a ser desenvolvida na análise, do conceito teórico de Formação Discursiva, a ser tratada posteriormente.

Tomando então, o *corpus* literário, encontramos os diálogos recriados nas narrativas, que não devem ser analisáveis como trocas verbais, assim:

O estudo de diálogos de um *corpus* de ficção não deve fazer esquecer que as suas regras são as do texto escrito, embora os discursos de personagens da narrativa pretendam imitar actos de fala orais. Nos diálogos de ficção, há, por um lado, uma idealização simplificadora e, nesse sentido, redutora, que os afasta da complexidade das trocas reais. Mas há também, por outro lado, efeitos de estilização amplificadora, quer dizer, a inclusão eficaz de certos traços permite «oralizar» as cenas dialogadas (DUARTE, 1999, p. 17).

Então não se deve analisar enquanto discurso verbal, mas sim obedecendo as regras do texto escrito. A vantagem da utilização de um *corpus* literário se dá pelo fato do contexto de cada exemplo ser facilmente recuperado (DUARTE, 1999).

### **3 ANÁLISE DOCUMENTAL: ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO COMO AUXÍLIO PARA REPRESENTAÇÃO E RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

Tende-se a compreender a Análise Documental como um conjunto de procedimentos que se estruturam por análise, síntese e representação de conteúdos documentais que geram produtos como: “catálogos, notações classificatórias, índices e resumos. A essa dimensão de conteúdo, alia-se uma preocupação com a recuperação da informação enquanto objetivo de natureza mais imediata” (GUIMARÃES; SALES, 2010, p. 02).

Kobashi (1994) já afirmava que a Análise Documental<sup>7</sup> determina e cria princípios e mecanismos que promovam a circulação da informação e de documentos. Ainda: responde pelo “conjunto de procedimentos utilizados para exprimir o conteúdo dos documentos científicos sob formas destinadas a facilitar a sua localização ou consulta” (GARDIN, 1987, p. 48-49).

Dessa forma, Guimarães (2003) traz que a Análise Documental abriga as etapas de análise e síntese da informação, e seus maiores esforços possivelmente estão centrados nos procedimentos metodológicos que visam a desconstruir ou decompor o conteúdo temático do documento para que posteriormente se possa reconstruído por meio de representações documentais (MORAES, 2011).

Então, pode-se compreender que a Análise Documental tem como papel a representação documental com a intenção de estabelecer um vínculo individual entre seu documento original e seu substituto, e para que isso aconteça se faz necessária a intermediação de um instrumento comutador, ou seja, uma Linguagem Documental (SABBAG, 2013). Ela tem o papel de transformar o que está escrito em um texto em uma linguagem que pode ser compreendida e utilizada por determinada unidade de informação para representar tais informações. Lara (1993) afirma que as representações documentais são de caráter generalizante e que o nível de informação a ser veiculado é determinado pelo código de intermédio a ser usado.

Sabbag (2013) sintetiza bem tal explanação

Neste contexto, a Análise Documental compõe um conjunto de operações com propriedades analítico-sintéticas que objetivam a análise do conteúdo temático dos documentos, sua síntese, condensação e representação, para a recuperação da informação por um determinado grupo (ou grupos) de usuários. Esses conjuntos de operações, e técnicas, estabelecem processos, métodos, normas e procedimentos que promovem o acesso aos documentos

---

<sup>7</sup> A autora utiliza o termo “Análise Documentária”.

por meio da análise (decomposição) e representação informacional tendo subsídios interdisciplinares em áreas como a Linguística, Lógica e Terminologia (SABBAG, 2013, p. 88).

E dessa forma, Kobashi (1994) mostra as diferentes maneiras que a Linguagem Documental, enquanto código comutador pode ser conhecida, sendo elas: Sistemas de Classificação, Linguagem de Indexação, Lista de Cabeçalhos de Assuntos etc. Podendo ser selecionadas de diversas fontes como linguagem de uso corrente e terminologias da área, por exemplo.

A autora ainda afirma que a Análise Documental se defronta com dois objetivos, ao menos, sendo eles: “a) o Texto, como a sua unidade de análise; b) a Linguagem Documental como instrumento comutador” (KOBASHI, 1994, p. 45). O que nos leva a pensar que o presente trabalho se encontra no primeiro objetivo, tendo-a como unidade de análise.

Não se reduzindo, portanto, a um conjunto de regras perenes, utilizáveis em todas as circunstâncias, é

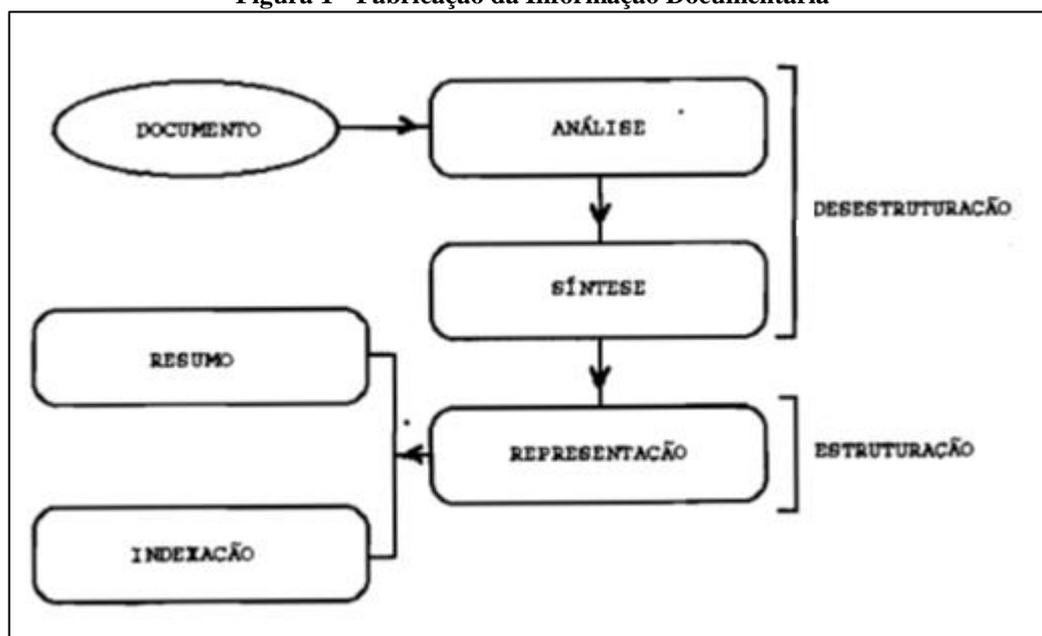
[...] antes de tudo, uma disciplina de natureza metodológica que, para avançar teórica e praticamente, deve criticar continuamente seus pressupostos, procedimentos e instrumentos; deve, ao mesmo tempo, com base na reflexão permanente, elaborar novas hipóteses de trabalho que contribuam para aperfeiçoar os processos que lhe dizem respeito (KOBASHI, 1994, p. 22).

Desse ponto de vista, Kobashi (1994, p. 22-23) apresenta três aspectos indissociáveis da Análise Documental, pertencentes a esferas diferentes, sendo: esfera da produção; da pragmática e teórica.

A esfera da produção é onde são idealizadas as regras de geração das modalidades de informação documentária; a da pragmática é onde se identificam as condições de aderência entre sistemas documentários e usuário; enquanto a esfera teórica é onde se determina o objeto em si da Análise Documental, suas funções, métodos e procedimentos metodológicos.

Do último ponto de vista, define-se a Análise Documental como uma operação com textos. A figura a seguir, idealizada ainda por Kobashi (1994), caracteriza suas operações básicas:

**Figura 1 - Fabricação da Informação Documentária**



Fonte: Kobashi, 1994, p. 23.

Na figura podemos observar que os textos são, em primeiro momento, desestruturados (análise e síntese), ou seja, etapa de distinção e seleção entre informação essencial e informação acessória. Trata-se de uma tarefa complexa, pois implica em atribuir valor às informações presentes nos textos.

Acredita-se, deste modo, que é na etapa de análise onde podemos encaixar o proposto nesse trabalho: utilizar a Análise do Discurso Literário para auxiliar a compreensão das informações contidas no texto para que, posteriormente sejam estruturadas, dessa forma, colaborando de forma essencial para a etapa de representação da informação.

Posterior a essa etapa, por conseguinte, as informações selecionadas são estruturadas, ou seja, submetidas a processos de combinação para que sejam elaborados novos textos – os conhecidos resumos – ou transformados em símbolos de linguagem documental – indexação (KOBASHI, 1994).

A Informação Documentária<sup>8</sup> tem, por definição, a função de relevância. A autora aponta que: “Ela deve, de um lado, promover a identificação de itens informacionais que respondam de modo pertinente a uma dada pergunta e, de outro, deve permitir a tornada de decisão sobre a consulta ou não do documento original” (KOBASHI, 1994, p. 24).

<sup>8</sup> Expressão usada por Kobashi, definida como sendo a “representação condensada do conteúdo informacional de documentos, cuja função básica é a de facilitar a circulação da informação e documentos nas várias esferas da atividade humana” (1994, p. 50).

Para cumprir tais funções com eficácia, deve ser elaborada por meio de metodologias que garantam a equivalência de sentido entre a representação e o texto original. Esse se trata do objetivo central da Análise Documental.

Podemos dizer baseado em Moraes (2011, p.27) então, que

a área de análise documental de conteúdo pode ser definida como um conjunto de procedimentos de natureza analítico/sintética, que envolve os processos de análise do conteúdo temático dos documentos, e sua síntese, por meio da condensação ou da representação em linguagens documentárias.

Com isso, Guimarães, Moraes e Guarido (2007), mostraram que alguns elementos mereciam destaque, como no quadro a seguir:

**Tabela 1 - Análise Documental de conteúdo**

<b>PROCEDIMENTOS</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
<b>Processos</b>	o conteúdo da área se dá por meio de uma sequência lógica de procedimentos
<b>Análise</b>	a decomposição de um todo em seus elementos constitutivos, buscando um sentido informativo
<b>Conteúdo temático</b>	o conjunto de elementos documentais que refletem a dimensão informativa (a função original) do documento
<b>Representação</b>	o conteúdo temático passa a ser expresso de maneira padronizada conforme parâmetros previamente estabelecidos

**Fonte: Guimarães; Moraes; Guarido, 2007, p. 94.**

Essa elaboração compreende um conjunto de operações esquematizáveis independente do *corpus* documental ou do sistema documentário no interior do qual se realiza. As operações, segundo Kobashi (1994, p. 42) são separadas em três fases:

a) ler um texto, b) **selecionar** do mesmo o conteúdo informacional considerado pertinente para usos determinados e, finalmente, c) **representar**, ou seja, dar forma as informações selecionadas, de modo a torná-las documentariamente manipuláveis. Essas três operações são, à primeira vista, facilmente executáveis (grifo nosso).

A palavra “Representação” evoca muitas noções, e para se evitar equívocos e polissemia, segundo Kobashi (1994), procuramos determinar o significado particular e específico que nos interessa, ou seja, o que se refere aos processos da Análise Documental.

A autora traz que, para a Documentação, o termo “representação” se trata de um conceito primitivo, associado tanto à noção de descrição de maneira que identifiquem materialmente os documentos (catalogação), quanto ao processo e ao produto da condensação do conteúdo (indexação e elaboração de resumos – processos; índices e resumos – produtos).

Dessa forma, podemos tratar dos processos de representação da informação, que estão centralizados na representação descritiva, ou seja, a forma do documento, e representação temática, a representação de conteúdo do documento.

Para Barité (2001), tanto informação quanto conhecimento são palavras ambíguas, admitindo inúmeros significados. Ainda, que o conhecimento se trata de uma conquista subjetiva da informação. São usados instrumentos, como tesouros e sistemas de classificação para representar tematicamente a informação dos documentos e, dessa forma, oferecê-la para a comunicação correta entre os indivíduos, para que se possa gerar novos conhecimentos.

A organização é dada ao conhecimento, mas este é representado pelo tratamento temático e pela extração de informações dos documentos, logo consideramos, na visão de Barité, que se organiza o conhecimento e representa-se a informação, o ponto de vista do tratamento temático (MARTINS; MORAES, 2012, p. 182).

Dessa forma, cuida-se aqui da representação da informação, como parte da organização do conhecimento, por tratar de um contexto da representação temática da informação, para que se possa recuperar em unidades de informação.

Então, segundo Guimarães (2008), a organização da informação se importa com a representação da informação, podendo-se imaginar na Análise do Discurso como parte da representação, uma vez que esta faz parte da Análise Documental e “[...] apresenta um conjunto de procedimentos metodológicos voltados à definição do conteúdo temático de documentos de modo a permitir a recuperação, o acesso e o uso da informação neles contida” (MORAES, 2011).

A representação da informação é necessária para que haja uma organização da informação e para que possa ser recuperada posteriormente. Pinho, Nascimento e Melo (2015) observam que no âmbito da Ciência da Informação existe uma ambiguidade em relação ao uso dos termos Representação da Informação e Representação do Conhecimento. No presente trabalho, procura-se tratar da Representação da Informação, sendo importante explicar a diferença entre os termos.

Representação da informação se trata de um processo cognitivo que passa pelas etapas de percepção, identificação, interpretação, reflexão e codificação, não se tratando apenas de um processo técnico. Para uma base de definição de Representação da Informação. e Representação do Conhecimento. toma-se Brascher e Café (2008)

[...] a RI consiste em um processo que envolve a descrição física e de conteúdo de um objeto informacional, e a RC envolve uma análise de domínio que resulta em sistemas conceituais estruturados esquematicamente

que são utilizados no processo de descrição de conteúdo na RI (apud PINHO; NASCIMENTO; MELO, 2015, p. 115).

Partindo disso, temos que a representação da informação tem como principal característica a substituição de uma entidade linguística longa e complexa (que se trata do documento) por uma descrição abreviada (NOVELLINO, 1996). A autora ainda coloca que essa sumarização não é apenas uma solução prática para a quantidade de material presente em uma unidade de informação a ser representado, armazenado e recuperado, mas também é desejável, pois tem a função de demonstrar a essência do documento, funcionando como um artifício de ênfase das principais características, considerando a recuperação sendo “a solução ideal para organização e uso da informação” (NOVELLINO, 1996, p. 38). Brascher e Café (2008) corroboram que envolve um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um material informacional específico.

Dessa forma, tem a intenção de construir pontos de acesso para recuperação da informação existente em sistemas de informação. Vargas e Van der Lan (2011) trazem que os pontos de acesso mais comuns e solicitados pelos usuários são título, autor e assunto, mas em alguns casos também podem procurar por editora, ano de publicação e outras possibilidades, dependendo da necessidade dos usuários em cada tipo de sistema de informação.

Para representar a informação, existem duas etapas a se seguir, sendo as duas igualmente importantes: representação descritiva e representação temática. Ou ainda, como coloca Pinho, Nascimento e Melo (2015), é composta por um conjunto de elementos que se referem à descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais, de modo que

A descrição física está diretamente relacionada ao suporte material, a catalogação, ou seja, descrição do autor, título, local, editor, data, paginação, dimensão, dentre outros. Essas informações compreendem descrições dos atributos de um documento, refletindo desta forma a sua origem e facilitando sua recuperação (PINHO; NASCIMENTO; MELO, 2015, p. 115).

Ou seja, a representação descritiva pode também ser chamada de catalogação e se refere à descrição física do documento, como o nome já indica, sendo a responsável por trazer informações como dimensões das obras, número de páginas, localização no acervo e os pontos de acesso como autor, título e assunto geral.

Para que se essas informações sejam extraídas, é necessário

que seja feita uma leitura técnica do documento, ou seja, a análise do item, visando ao levantamento de informações necessárias à sua representação. O instrumento mais utilizado para representação descritiva é o Código de Catalogação Anglo-Americano (CCAA2) (VARGAS; VAN DER LAN, 2011, p. 24).

O Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2, sigla em inglês), é responsável por toda a descrição física do documento, inclusive a decisão dos pontos de acesso, e partindo dele se utiliza uma linguagem codificada, como dito acima, para que o documento possa ser classificado e indexado, e assim ser localizado no acervo. O que se trata exatamente do trabalho da representação temática, que se concentra no conteúdo do documento, sem levar em consideração seu suporte.

A descrição temática, ou de conteúdo, segundo Carlan (2010, p. 27) tem seu trabalho concentrado em “conceitos contidos nos documentos e a representação desses conceitos de forma sistemática e semanticamente estruturada (elaboração de resumo, indexação, classificação, ...)”.

O resumo se trata de um produto da Análise Documental e tem a função de representar de forma sintetizada os pontos mais relevantes de um documento. A indexação é o processo em que se representa o conteúdo dos documentos por meio de descritores e a classificação tem o objetivo de agrupar e organizar os documentos pelos assuntos que tratam, auxiliada pelos sistemas de classificação como CDD e CDU (PINHO; NASCIMENTO; MELO, 2015).

De acordo com a NBR 12676 – Métodos para análise de documentos – (ABNT, 1992) a indexação é “o ato de identificar e descrever o conteúdo de um documento com termos representativos dos seus assuntos e que constituem uma linguagem de indexação”. A norma dita que as principais etapas do processo de indexação são: o exame do documento; estabelecimento do assunto de seu conteúdo; identificação dos conceitos encontrados nos assuntos e a tradução desses conceitos para termos de linguagem de indexação. Tais etapas fazem parte da análise temática, se tratando de uma operação que permeia todo o processo de representação e recuperação de informação, sendo uma das principais responsáveis pela qualidade dos sistemas de recuperação de informação (VAN DER LAN, 2002).

Para indexar, podemos nos valer, portanto, de Vocabulários Controlados, que, segundo Currás (1995), se tratam de listas de termos elaboradas para identificar os assuntos de um documento, específicas o bastante para que tal documento seja recuperado com rapidez e eficácia. Então podemos afirmar que a indexação costuma ser assimilada às operações que lançam mão de linguagens construídas, tipo tesouros (KOBASHI, 1994).

Podemos definir:

Tesouro é uma lista estruturada de termos associada empregada por analistas de informação e indexadores, para descrever um documento com a desejada especificidade, em nível de entrada, e para permitir aos pesquisadores a recuperação da informação que procura (CAVALCANTI, 1978, p. 27).

Então podemos nos valer de tesouros para representar obras afim de recuperar informações de forma precisa e eficiente.

Em relação aos resumos, Kobashi (1994) considera que as quatro operações para sua elaboração são: identificação do tema do texto; identificação das informações contidas no texto; seleção das informações mais importantes e representação dessas informações (COSTA; MOURA, 2013). Basicamente, o resumo tem a função de resumir as informações de um documento pra que o usuário, ao lê-lo, tenha a oportunidade de decidir se deseja ou não acessar o documento completo, ou seja, ajuda o usuário a escolher os documentos que são mais úteis ao seu interesse.

Já a Classificação tem a função de proporcionar acesso ao conteúdo temático, com o intermédio entre o usuário e o documento pesquisado. Muitos profissionais a compreendem como função de designar e controlar a localização física do documento no acervo e somente para isso, obviamente sendo uma de suas grandes funções no acesso à informação, mas não pode ser resumida somente pela atribuição numérica. (SOUSA; FUJITA, 2013). Como Lancaster expressou em 2004, a organização dos documentos nas estantes das bibliotecas não é a única função da classificação, pois

Suponhamos que o bibliotecário tome um livro e decida que trata de ‘aves’. Ele lhe atribui o cabeçalho de assunto AVES. Alternativamente, pode atribuir o número de classificação 598. Muitos se refeririam à primeira operação como catalogação de assuntos e à segunda como classificação, uma distinção totalmente absurda. A confusão é ainda maior quando se percebe que indexação de assuntos pode envolver o emprego de um esquema de classificação ou que um índice impresso de assuntos pode adotar a seqüência de um esquema de classificação. [...] O fato é que a classificação, em sentido mais amplo, permeia todas as atividades pertinentes ao armazenamento e recuperação da informação. (LANCASTER, 2004, p. 20-21).

Ou seja, a classificação também tange a recuperação da informação e não apenas o armazenamento.

Dessa forma, esse trabalho tem a intenção de demonstrar que a Análise do Discurso Literário, a ser tratada posteriormente, pode se tratar de um modo de análise de documentos para futuras representações de obras narrativas de ficção no momento da retirada de termos que deverão representar uma obra, ou seja, no momento da indexação e classificação, tratamento temático da informação. Em outras palavras, a Análise do Discurso Literário pode trazer informações do momento de concepção do documento que não está expresso nele. Partindo disso, passaremos ao levantamento de Representação da Informação, levando em consideração tais aspectos da Análise do Discurso Literário.

## 4 ANÁLISE DO DISCURSO E ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO

Discurso é efeito de sentido entre locutores, segundo Orlandi (2009), mas também o discurso não deve ser confundido com a “fala”, da dicotomia “língua/falar” proposta por Saussure (1916), uma vez que o discurso não se opõe à língua. O discurso então, como a fala, se trata apenas de uma ocorrência casual, individual, uma realização do sistema, fato históricos, assistemático, com variáveis, etc, da língua. Dessa forma: “O discurso tem sua singularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto” (ORANDI, 2009, p. 22).

Para Maingueneau (2009) a noção de discurso é de difícil operação, pois, de algum modo, atua em dois planos: de um lado possuindo certos valores clássicos em linguística, e de outro, sendo passível de uso pouco controlado, servindo de palavra-chave em uma certa concepção de língua. Então, quando falamos em discurso literário, há a promoção da convergência de algumas ideais-força que imprimem dada inflexão a nossa abordagem de literatura. E “não é outra a situação de pragmática, cuja restrição a uma disciplina bem delimitada é tarefa vã” (MAINGUENEAU, 2009), ou seja, é possível dizer que “discurso” e “pragmática” se tratam de noções solidárias, ficando uma ao lado do objeto e a outra dos modos de apreensão do objeto.

Vale ressaltar que a obra utilizada em sua maioria nessa seção, se trata do livro “Discurso Literário” de Dominique Maingueneau, pois o autor é grande referencia para tratar do assunto. Seguindo, dessa forma, o autor traz as diversas oposições que o “discurso” entra, situado no campo da linguística, sendo eles:

Uma unidade linguística pode ser designada como construída por uma sucessão de “frases”. E é nessa designação que a acepção de Análise do Discurso se refere à “gramática do discurso”, concebida nos anos 50 por um linguista como Harris, a ser tratada. Atualmente prefere-se “linguística textual”.

Discurso também pode se opor à “língua”, conceituada como sistema de valores virtuais, e, com isso, aproximar da oposição de língua e fala de Saussure. Ainda, pode-se ligar ao discurso uma orientação sociológica ou psicológica.

Para Émile Benveniste (1988), discurso se aproxima de “enunciação”, se tratando da língua que assume o homem que fala, e na condição de intersubjetividade constituinte do fundamento da comunicação linguística.

Ainda, em um nível acima, o “discurso” sendo considerado como um uso restrito do sistema, como por exemplo, “discurso comunista” se opõe à “língua”, aqui definida como sistema compartilhado por membros de uma comunidade linguística. Nesse contexto o “discurso” se trata de um termo ambíguo, podendo designar tanto o sistema que possibilita produzir um conjunto de textos, como também esse conjunto de textos, exemplificando “o ‘discurso científico’ é tanto *o conjunto dos textos* produzidos pelos cientistas como *o sistema* que permite produzi-los, eles e outros textos qualificados de científicos” (MAINGUENEAU, 2009, p. 40), sendo contradito por Orlandi (2009), como visto acima.

Algumas ideias-força que interessam diretamente o estudo do fato literário precisam ser ativadas, levando em conta a concepção da linguagem e da semântica, sendo elas:

**1) O discurso supõe uma organização transfrástica:** Não quer dizer que necessariamente seja maior ou de tamanho superior à frase, mas mobiliza estruturas de ordem diferentes das frases. Um provérbio constituído de uma única frase pode ser considerado um discurso, por exemplo. Os discursos se submetem a regras de organização que vigora em uma comunidade, regras dos múltiplos gêneros de discursos.

**2) O discurso é uma forma de ação:** Toda enunciação constitui um ato ilocutório, ideia difundida a partir da problemática dos atos de fala, desenvolvida por filósofos como Austin (1990) e Searle (1995), posteriormente. Os atos ilocutórios elementares se integram a atividades linguísticas de determinado *gênero*, panfleto, por exemplo, inseparáveis de atividades não-verbais. Por mais banal que pareça dizer que a fala se trata de uma atividade, ela modifica os modelos tácitos que regem nossa abordagem de textos. Então, o discurso literário participa do mundo que se considera que “reflita”, se tratando de uma atividade singular, mas também uma entre outras atividades.

**3) O discurso é interativo:** A conversação é a maneira mais clara da interatividade do discurso, e pressupõe dois falantes que coordenam suas intervenções. Porém, nem todo discurso está ligado à conversação, se tratando então, de estar mais evidente no que se refere à literatura. A maneira mais cômoda de dizer que o discurso é interativo, é considerar que o intercâmbio oral se trata do uso “autêntico” dele, e que as outras maneiras de uso do discurso sejam maneiras mais enfraquecidas. Mas não se deve confundir *interatividade* fundamental do discurso com *interação oral*. Mesmo quando não se pode identificar o destinatário é considerada uma interatividade constitutiva, se tratando do intercâmbio, explícito ou não, com outros locutores, reais ou não. Aqui, entretanto, a conversação não pode ser considerada o discurso em si, mas sim um dos modos de manifestação da interatividade fundamental dele. Nas obras literárias, portanto, o autor não pode se desvincular do princípio

de cooperação, existindo, assim, obras não porque a literatura se encontra fora da interação, mas por se tratar de uma conversação impossível e se utilizando dessa impossibilidade. Essa conversação impossível corresponde a tipos muito diferentes, dependendo dos modos de exercício da literatura, por exemplo: “a poesia cavalheiresca apoia-se na conversação mundana, a poesia romântica a recusa” (MAINGUENEAU, 2009, p. 41).

**4) O discurso é orientado:** É orientado porque se desenvolve no tempo, além de ser concebido em função da meta do locutor. Ainda, é construído em função de um fim, entendendo que tenha uma destinação. Porém, pode haver desvios no caminho, pode voltar à direção inicial ou ainda seguir outra direção, entre outras coisas. Dessa forma:

Sua linearidade costuma manifestar-se mediante um jogo de antecipações ou de retornos da parte do locutor, que efetua um verdadeiro ‘direcionamento’ de sua fala. Mas esse direcionamento se efetua em condições muito diferentes caso o enunciado venha a ser de um enunciador que o controla do início ao fim, como acontece num livro, ou caso possa ser interrompido ou desviado a qualquer instante por um interlocutor (MAINGUENEAU, 2009, p. 41-42).

A perda pelo locutor do controle do discurso só pode se tratar de uma encenação, se tratando de textos escritos ou enunciações orais ritualizadas.

**5) O discurso é contextualizado:** O discurso não se trata de uma intervenção num contexto, pois só existe discurso contextualizado. Vale dizer, o discurso contribui para o contexto, podendo modifica-lo no decorrer de uma enunciação. Aqui se encontra um ponto crucial, não só para a explanação dessas ideias-força, mas também para o trabalho, uma vez que deseja observa exatamente isso: como o discurso pode dizer alguma coisa em determinado contexto, podendo ainda ser modificado dependendo de como é enunciado, e por quem.

**6) O discurso é assumido por um sujeito:** Como dito, as reflexões e discussões da subjetividade de enunciações se trata de um grande eixo da Análise do Discurso. O discurso pressupõe um “centro dêitico”<sup>9</sup> que não possui sentido por si só, e faz referência, numa enunciação, a uma pessoa, tempo e espaço. Supõe também a atribuição da responsabilidade dos enunciados a várias instâncias utilizadas na enunciação. A separação entre o centro dêitico e fonte do ponto de vista é de suma importância na análise de textos “dialógicos”. E sabe-se, de qualquer forma, que o discurso literário se trata de um dos mais privilegiados lugares de manifestação do dialogismo.

---

<sup>9</sup> Elementos linguísticos que indicam o lugar (aqui) ou o tempo (agora) em que um enunciado é produzido e também indicam os participantes de uma situação do enunciado (eu/tu).

**7) O discurso é regido por normas:** O discurso está sujeito a normas como qualquer comportamento social, sendo algumas regras sociais mais gerais, e suas normas específicas. Sabe-se que nenhum ato de enunciar pode ser formulado sem uma justificativa de seu direito de apresentar-se da maneira que se apresenta. Estar situado em gêneros do discurso contribui de maneira essencial para o trabalho de legitimação na formação de uma unidade com exercício de fala, sabendo que um gênero se trata da definição de um conjunto de normas compartilhadas pelos falantes na atividade de fala.

**8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso:** Um discurso só assume um papel de sentido no interior de outros discursos, onde deve abrir seu caminho. Para a interpretação de qualquer enunciado é preciso que se relacione com todos os outros tipos de enunciado. A literatura assume uma atividade discursiva com uma coloração específica, não sendo privilegiada pela inscrição numa série genética que nutre seus estudos.

É possível observar, neste momento, onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso, como será tratado no próximo tópico.

No final da década de 1960 a linguística gerativa já se encontrava bem implantada, e não era mais possível abordar a problemática do texto partindo do postulado de imanência, nesse contexto de desenvolvimento de correntes enunciativas e pragmáticas (MUSSALIM, 2011). Maingueneau (2009) então expõe uma nova forma de tratar a comunicação verbal que vinha se impondo e se sustentando com base nas ideias força, citadas anteriormente: “o discurso como atividade, a primazia da interação, a reflexividade da enunciação, a inscrição dos enunciados em gêneros do discurso, uma concepção institucional do sentido, a inseparabilidade entre texto e contexto etc” (MAINGUENEAU, 2009, p. 34).

Foi nesse contexto de refluxo do estruturalismo que o campo de estudos literários se desenvolveu com a problemática de concentrar a atenção na inscrição sociocultural das obras, bem como nas condições de comunicação expostas nelas. Mussalim (2011) coloca de forma clara que o nome de Bakhtin aparecia de forma demasiada, com tentativas de renovação, porém, no domínio de abordagens do texto literário outras correntes influenciavam, a abordagem discursiva do texto literário, por exemplo, que se moldava por meio da teoria de recepção e reflexão sobre intertextualidade que vinha se desenvolvendo desde os anos 60.

Partindo de tais exposições, podemos tratar da Análise do Discurso (AD), que passou por um período decisivo para sua construção enquanto disciplina, sendo os anos 50, e como expõe Brandão (2004, p. 13), surgindo, de um lado, o trabalho de Harris (*Discourse analysis*, 1952), mostrando a possibilidade de ultrapassar as análises presas somente à frase, ao estender

procedimentos da linguística distribucional americana aos enunciados, chamados de discursos. E, por outro lado, os trabalhos de R. Jakobson e E. Benveniste tratando da enunciação. São esses estudos que apontam para as perspectivas e posturas teóricas da Análise do Discurso, sendo uma linha mais americana e a outra mais europeia.

Para Orlandi (1986), essas direções vão realmente marcar as duas formas de pensar a teoria do discurso

[...] uma que entende como uma extensão da lingüística (que corresponderia à perspectiva americana) e outra que considera o enveredar para a vertente do discurso o sintoma de uma crise interna da lingüística, principalmente na área da semântica (que corresponderia à perspectiva europeia) (BRANDÃO, 2004, p. 14).

A posição europeia parte de relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer, segundo Orlandi ainda, colocando a exterioridade como marca fundamental, diferente da outra concepção americana da análise do discurso como extensão da linguística.

Segundo Maingueneau (1997) a “escola francesa de Análise do Discurso”, assim denominada por ele, filia-se a uma tradição intelectual europeia, sobretudo da França, que é condicionada a unir reflexão sobre texto e sobre história. Nos anos 60, sob o respaldo do estruturalismo da conjuntura intelectual francesa, se tornou propícia a articulação entre a linguística, o marxismo e a psicanálise na área, por isso, nasceu tendo uma base interdisciplinar.

A Análise do Discurso filia-se também a uma prática escolar muito utilizada na França nesse período anterior a década de 60, conhecida como “explicação de texto”, surgindo como uma possível substituição desta ferramenta, uma vez que a literatura exerceu um grande papel no país, e cabe na substituição enquanto exercício escolar.

Porém, a Análise do Discurso possui um viés de ruptura a uma conjuntura política e epistemológica, e os contextos em que se insere são amplos, por se tratar de uma ciência interdisciplinar, então Ferreira (2007) coloca

Do ponto de vista político, a Análise do Discurso (AD) nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo linguístico então vigente, visto como uma nova facção do tipo burguês. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD busca desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a linguística. A rigor, o que a AD faz de mais corrosivo é abrir um campo de questões no interior da própria linguística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua,

historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época. (FERREIRA, 2007, p. 40).

Enquanto na França a conjuntura política da década de 60 contrapunha a AD à tendências dominantes nas Ciências Sociais como a Análise de Conteúdo, e também a podia-se observar a entrada da corrente formalista-logicista com grande força e graças a linguistas como Chomsky, no Brasil a AD se prolifera no final da década de 70, por diferentes razões.

No Brasil, a AD teve sua consolidação iniciada por Eni Orlandi, professora, orientadora, pesquisadora e autora que fez da área um lugar de referencia consagrado no quadro acadêmico institucional, e, desde o início, tem seu embate travado com a Linguística, sendo acusada de não dar importância à língua, estando fixada, exclusivamente, no âmbito político (FERREIRA, 2007).

Em dias atuais, a AD se desvencilhou da Linguística e ganhou mais espaço e circulação nas áreas-fronteiras das Ciências Humanas como: História, Filosofia, Sociologia e Psicanálise.

Essa maior circulação nas áreas traz perigos para a AD, pois pode-se observar alguns de seus conceitos banalizados e seu aparato teórico colocado apenas como mero “método de análise do discurso”, pressupondo que dispositivos teóricos e analíticos podem ser fragmentados como entidades independentes. O que dá consistência para as análises feitas pela discursividade é o fato de não se pode separar teoria de prática. Hoje a AD pode ser associada a uma diversidade de materiais que podem servir de objeto nas análises de discursos brasileiros, diferente do que se concebia antigamente, estando ligada, quase que exclusivamente, a análise de discurso político.

Do campo verbal ao não-verbal, passando pelos temas sociais (imigração, movimento sem terra, greves) e por diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano), ou por questões estritamente teóricas (hiperlíngua, autoria, sujeito do discurso, equivocidade da língua), a Análise do Discurso no Brasil ou Escola Brasileira de Análise de Discurso, como nos propõe Eni Orlandi (2002, p.37), amadureceu, se consolidou e garantiu seu lugar no âmbito dos estudos da linguagem realizados pelas ciências humanas (FERREIRA, 2007, p.45-46).

O que nos leva a perceber que o presente trabalho atua exatamente nesse âmbito, tentando mostrar que como a AD é possível em vários cenários, no Discurso Literário isso não seria diferente.

Nogueira (2001) traz que a AD fornece uma metodologia para a interpretação de textos sociais, não sendo meramente um tópico para temas da psicologia social. Enquanto

Barros (2014) complementa, mostrando suas bases com jogo entre a produção linguística e histórica, e que busca as rupturas e lapsos do texto, da seguinte forma:

A AD, diferente de outras “metodologias” de pesquisa, tem em seu método de análise princípios bastantes inovadores calcados num jogo que se estabelece entre a produção linguística e a materialidade histórica, buscando as rupturas e os lapsos dos textos (orais e escritos), os quais não são inocentes, uma vez que a própria produção textual é a atuação da ideologia em sua relação com o inconsciente – o sujeito (BARROS, 2014, p. 163).

Ainda coloca que é diferente de outros tipos de análise, rompendo com os procedimentos metodológicos tradicionais.

Entretanto, a AD enquanto metodologia nos possibilita observar o contexto em que um documento foi concebido, indo além do que está expresso em sua escrita.

Da mesma forma, o Discurso Literário não fica ligado apenas aos procedimentos adotados pelo autor, mas também ao contexto sociocultural ao qual está inserido. Segundo Versa e Soares (2014), a AD na contemporaneidade possibilita um caminho interpelativo singular e que pode acontecer em textos que anteriormente era restrito a certas áreas e a determinados pertencimentos epistemológicos, o que era o caso da teoria literária. Assim, ainda segundo os mesmos autores “O texto de literatura, por ser uma produção formada por enunciados determinados dentro de um contexto fictício, mas relevante de condições sócio-históricas, apresenta-se como um objeto a ser estudado à luz da AD”.

Observa-se que o texto literário perpassa por uma série de sentidos em que os sujeitos são atravessados por ideologias e um inconsciente, onde Pêcheux (2008, p. 53) afirma que “todo enunciado, toda sequencia de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a Análise do Discurso”. Esse ponto converge para o que a AD afirma de que um sujeito possui uma Formação Ideológica e uma Formação Discursiva, e sabendo que o sujeito é afetado pela formação discursiva em que se inscreve tanto quanto afeta e determina outros sujeitos em seu dizer.

A Formação Discursiva (FD) é construída pela relação de sentido entre as posições ideológicas, inseridas em um processo sócio-histórico em que os sentidos e as palavras são produzidas. Ou seja

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina "o que pode e o que deve ser dito" (articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

Esse conceito é básico para a AD, pois permite que se compreenda o processo de produção de sentido, a relação existente com a ideologia e, além disso, permite ao analista estabelecer regularidades no modo de funcionar do discurso.

Com a FD pode-se perceber que as palavras não têm sentido nelas mesmas, mas sim derivam o sentido do meio em que se inserem, estando diretamente relacionada com a Formação Ideológica (FI), pois se representam por meio desta última.

Assim, “os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos” (ORLANDI, 2009, p. 43). Assim, a ideologia se trata de uma definição importante porque tudo está inserido em um contexto histórico e ideológico, e o discurso explicita a forma com que a linguagem e ideologia se articulam e se afetam, reciprocamente.

FD e FI estão interligadas, ou seja, Barros (2014) coloca que a FI se trata de um conjunto de práticas e atitudes presentes no espaço-tempo que atravessa várias FDs e interliga a rede discursiva. Ainda que “(...) a FD não é apenas uma formação particular daqueles discursos, ela é atravessada por outras FD e pela própria FI, que a modifica e que estabelece novas FD” (BARROS, 2014, p. 160).

Esclarecidos tais conceitos, parte-se para Silva (2011), demonstrando que a AD trouxe grandes e significantes contribuições para os estudos literários, pois investiga “[...] as condições sociais de produção, funcionamento e de recepção da leitura, principalmente se considerarmos o enfoque de Orlandi (1999), no campo da Linguística, e de Maingueneau (1996), no âmbito da Literatura” (SILVA, 2011, p. 31).

Maingueneau (2009, p. 49-50) afirma que a Análise do Discurso Literário (ADL) se trata de um ramo da AD, sendo os métodos e conceitos mobilizados mediante uma adaptação, mas além disso, se trata de uma disciplina concebida para o estudo da literatura, e somente para esse fim, cujos instrumentos ainda vêm sendo construídos.

A AD e os discursos literários se encontram ao considerar o fato literário como discurso, pois a AD confere esse termo. Maingueneau coloca que isso possibilita restituir “as obras aos espaços que as tornam possíveis, onde elas são produzidas, avaliadas, administradas” (MAINGUENEAU, 2009, p. 43), bem como remetê-las às suas condições de enunciação, o que implica a consideração do estado do escritor e seus modos de posicionamento no campo literário, os papéis vinculados com o gêneros, a relação construída a partir da obra com os destinatários, os suportes materiais e os modos de circulação dos enunciados. Mussalim (2011, p.1456) ainda completa que “Todas essas questões só são

possíveis de serem abordadas quando se considera o discurso como enunciação e como instituição, isto é, como vetor de um posicionamento, como prática discursiva de sujeitos socialmente inscritos em condições históricas de produção de sentidos”, sintetizando, mais uma vez, as ideias de Maingueneau.

Para tratar a ADL então, como Maingueneau propõe, é preciso assumir que a enunciação literária não escapa da orbita do direito, da seguinte forma:

Fala e direito à fala se entrelaçam. De onde é possível vir legitimamente a fala, a quem pretende dirigir-se, sob qual modalidade, em que momento, em que lugar – eis aquilo a que nenhuma enunciação pode escapar. E o escritor sabe disso melhor do que qualquer pessoa, ele cujo discurso nunca acaba de estabelecer seu direito à existência, de justificar o injustificável de que procede e que ele alimenta desejando reduzi-lo. A obra só pode desenvolver *seu* mundo construindo nesse mesmo mundo a necessidade desse desenvolvimento. (MAINGUENEAU, 2009, p. 43)

Nesse ponto de vista se reflete sobre as obras em termos de instituição, de legitimidade, e para isso, precisa-se assumir que é regulada, a obriga a considerar o texto como forma de gestão do contexto, de modo que possa entender que o dispositivo enunciativo não é externo ao enunciado, mas sim o constitui e é constituído por ele. Aqui ainda pode-se observar a ligação com Regime de Informação, que será abordado posteriormente.

A ADL proposta por Maingueneau considera as modalidades históricas e sociais da comunicação literária, afirmando a necessidade de se apoiar nas ciências da linguagem. O autor busca operacionalizar suas abordagens do texto literário, e com isso evidenciar essa posição, com os seguintes tipos de categorias: “cena de enunciação (tipo de discurso; gênero e cenografia); dêixis discursivas (enunciador, co-enunciador, tipografia e cronografia); ethos para citar apenas as categorias mais conhecidas” (MUSSALIM, 2011, p. 1457).

Portanto, esclarece-se agora qual é a questão fundamental para a ADL, segundo Maingueneau:

[...] sua proposta, como já disse, recusa a indagação “de como ir do texto ao contexto, ou de como ir do contexto ao texto”, na medida em que concebe o texto literário como uma forma de gestão do contexto, ou ainda, como um espaço em que se pode perceber o modo como o escritor gere a constituição e a legitimação de seu posicionamento no campo literário – no interdiscurso, portanto (MUSSALIM, 2011, p. 1465).

Para explicar o interdiscurso Maingueneau (1997) coloca em distinção: universo, campo e espaços discursivos. Se tratando de elementos que indicam a relação interdiscursiva entre formações discursivas em sua funcionalidade discursiva (STAFUZZA, 2011).

Nesse prisma, universo discursivo se trata do conjunto de várias formações discursivas que interagem em determinada conjuntura, representando um conjunto inacabado e amplo, que não pode ser compreendido ou apreendido globalmente. Stafuzza (2011) ainda aponta que Foucault (1971) afirma ser por esse motivo o pouco interesse dos analistas, pois serve apenas para definir o horizonte dos domínios suscetíveis a serem estudados, como os campos discursivos, por exemplo. Dessa forma, campo discursivo são os conjuntos de formações discursivas em situação de afluência, delimitando-se reciprocamente em uma região determinada no universo discursivo. Podendo se tratar, inclusive, de diversos campos, como o político, ou literário, que é exatamente o campo explorado nesse trabalho. Ainda Stafuzza (2011), bem explana:

As formações discursivas, pertencentes a uma determinada sincronia, constituem um campo discursivo de mesma formação social, porém, divergem no modo de preenchê-la, o que faz com que se encontrem em relação polêmica, de aliança ou de oposição. Cada uma define sua identidade pela mediação desse sistema de diferenças. Geralmente, como não é possível estudar um campo discursivo em sua totalidade, recostam-se subcampos considerados analiticamente produtivos, constituindo os espaços discursivos (STAFUZZA, 2011, p. 62).

Com espaços discursivos, finalmente, entende-se os recortes discursivos que o analista separa no interior de um campo discursivo, levando em consideração seus propósitos de análise. Precisa-se ter um conhecimento histórico para que tais recortes sejam feitos, pois isso permitira ao analista levantar questões e hipóteses que podem ser refutadas ou confirmadas durante a pesquisa.

Com esses três aspectos pode-se observar que o discurso nunca será autônomo e homogêneo, estando sempre se remetendo a outros discursos e jamais possuindo uma identidade fechada.

O interdiscurso se entende por um elemento que deve ser considerado em toda constituição de análise, sendo trazido à tona na terceira etapa da AD por Pêcheux, com a questão da heterogeneidade discursiva.

Existe uma negociação entre a heterogeneidade mostrada na linguagem e a heterogeneidade constitutiva da linguagem em que o sujeito, movido pela ilusão de centro, pela ilusão de ser a fonte do discurso, localiza o outro e delimita o seu lugar (BRANDÃO, 2004, p. 42).

Entende-se que a “[...] heterogeneidade constitutiva acontece quando há uma sequência linguística marcada de forma implícita na qual podem ser apreendidas por uma abordagem linguística *stricto sensu*”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 31)

Na heterogeneidade constitutiva se encontra o interdiscurso, no sentido em que amarra o Mesmo do discurso e seu Outro, sendo uma relação intrincada (MAINGUENEAU, 2008). Assim, os discursos são colocados em relação com outros, posteriormente, não existindo juntos previamente, ou seja, nascem nessa fenda da rede interdiscursiva.

Ainda, para Maingueneau, além do interdiscurso, existem outros dois conceitos que ele postulou a partir dos quais se torna possível analisar o texto literário enquanto discurso, sendo: posicionamento e interlíngua.

O Posicionamento, aqui, se traduz na FD, exposta anteriormente, Mussalim (2011, p. 1458) mostra:

A noção de formação discursiva no interior de um campo discursivo deve ser compreendida como posicionamento, mais precisamente como uma identidade enunciativa forte, um lugar de produção discursiva bem específico no interior de um campo (por exemplo, o discurso modernista no campo da arte no Brasil de tal período). Na verdade, o termo “posicionamento” designa, ao mesmo tempo, as operações pelas quais uma “identidade enunciativa se instaura e se conserva num campo discursivo, e *essa própria identidade*” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 392).

Para se determinar quem tem o direito de enunciar, um posicionamento define o que é um autor legítimo, Maingueneau (2009, p. 152) afirma que “Cada autor se orienta em função da autoridade que tem condições de adquirir, dadas suas conquistas e a trajetória que concebe a partir delas num dado estado de campo”.

Finalmente, a interlíngua, que Maingueneau (2009) concebe como a interação das línguas e dos registros, ou das multiplicidades de língua que são acessíveis ao autor, no tempo e no espaço, em certa conjuntura. Em suma, o autor não concebe seu estilo de escrita a partir de sua língua, mas mobiliza a linguagem em função do sentido que intenciona construir na obra, sendo essa linguagem apreendida na pluralidade de registros e línguas existentes. Ao desejar escrever literatura, o autor se submete a um ritual linguístico que implica lidar com as variedades de uma mesma língua, e também com as relações dessa língua com outras passadas e contemporâneas (MUSSALIM, 2011).

Desse modo, é possível observar e afirmar que a AD tem relevância em estudos em outros espaços que não somente no acadêmico-institucional, por exemplo, mostrando a importância da prática social que se vinculam aos discursos, estando muito presente no discurso literário, aqui tratado.

E, por tudo explanado, considera-se a ADL uma metodologia viável para analisar obras narrativas de ficção para a representação da informação. O que pode auxiliar o

profissional a compreender o contexto do livro e em que circunstâncias ele foi produzido para que a representação seja adequada e a recuperação mais eficiente.

## 5 REGIME DE INFORMAÇÃO

O conceito de Regime de Informação (RI) é proposto, em um primeiro momento por Bernd Frohmann, em 1984, explicando que se trata de uma genealogia das políticas informacionais. Ou seja, para ele, o conceito surgiu como uma alternativa aos estudos de política de informação e, também, como crítica ao reducionismo das abordagens da política, praticadas na Ciência da Informação e da Biblioteconomia (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012b).

Com isso, é importante observar que diferentes autores se utilizam do termo Regime de Informação para conceituar suas diferentes formas de observar, mas, principalmente, para abordar as relações entre política, informação e poder.

Bezerra et al (2016, p. 61) confirmam o posto por Frohmann, sendo que dentro da Ciência da Informação, o RI tem uma configuração de “formação social conjunta de elementos em rede –como atores sociais (sujeitos, dispositivos e tecnologia), regras de poder, a organização e a gestão política da informação que se operacionalizam em práticas sociais com produtos e serviços”. Assim como o autor, podemos afirmar que a conceituação de RI ainda está em desenvolvimento, sendo possível citar alguns pesquisadores como o próprio Frohmann (1995), González de Gómez (1999a, 2012a, 2012b) e Braman (2004). Alguns outros seguem caminhos diferentes, aplicando os conceitos em outros espaços de informação.

O RI tem estrutura complexa e é possível observar tal afirmação, quando levamos em conta as bases constitutivas dessa definição. Para González de Gómez (2002, p. 34) RI se trata de

[...] um modo de produção informacional dominante numa formação social, conforme o qual serão definidos os sujeitos, instituições, regras e autoridades informacionais, meios e recursos preferenciais de informação, padrões de excelência e os arranjos organizacionais de seu processamento seletivo, seus dispositivos de preservação e distribuição.

González de Gómez (1999a) já abordava seu conceito sob o aspecto político, englobando poder e valor, relacionando sua noção a noção de poder de Foucault, onde são considerados os dispositivos de poder além do Estado, como outras instituições, e se efetivando na formação discursiva por meio da materialidade de documentos e sujeitos.

Para podermos prosseguir, é imprescindível entender o conceito de poder em Foucault. Para ele o poder está ligado a direito e verdade, em uma relação triangular, onde o poder como direito se manifesta pelas formas que a sociedade se coloca e se movimenta, “ou seja, se há o rei, há também os súditos, se há leis que operam, há também os que a determinam e os

que devem obediência” (FERREIRINHA; RAITZ, 2010, p. 370). Já o poder como verdade se institui pelos discursos que produz, sendo sua obrigação, pelos movimentos ocasionados pela própria organização que o acomete e, por vezes, sem devida consciência e reflexão, isto é

(...) somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la (FOUCAULT, 1999<sup>10</sup>, p. 29).

Também, Foucault (1979; 2000<sup>11</sup>) discute o conceito de “Regime de Poder”, referente às formas de estruturação política das ciências que tem como objetivo a regulamentação das linguagens e os enunciados científicos, considerando obras no espaço heterológico dos saberes (BEZERRA et al, 2016). Referente ao conceito, Foucault (19979, p. 9) afirma:

[...] cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Essa afirmação mostra que o Regime de Poder teria sua atuação na sociedade referente às fronteiras institucionais, enquanto o RI tem a intenção de lidar com práticas da vida cotidiana, e nos espaços de formação social responsáveis pelo intercâmbio de informação, ou seja, separando a sociedade em políticas, e isso é o que diferencia as duas conceituações de poder, embora se relacionem. González de Gómez (2012b, p. 31) ilustra de maneira sucinta que: “[...] cada nova configuração de um regime de informação resulta e condiciona diferentes modos de configuração de uma ordem sociocultural e política”.

O RI está exposto a condições políticas, culturais e econômicas, por onde se expressam e se constituem, sempre levando em conta que cada ator envolvido nesses regimes possui características culturais individuais. Com isso, se torna possível afirmar que o conceito de RI se trata de regras do uso da informação em uma determinada sociedade e um determinado contexto.

Por fim, vale expor que quando falamos de RI, acabamos nos utilizando de alguns elementos que, segundo González de Gómez (1999b, 2002, 2003), podemos considerar componentes do regime, como: atores, recursos, canais e mensagens. Vários outros autores conceituam os mesmos elementos de diferentes formas e em diferentes momentos, mas a

---

<sup>10</sup>Data original: 1975-1976.

<sup>11</sup>Data original: 1966

autora traz as definições, tanto de RI, quanto de seus conceitos que mais nos interessa. Dessa forma, para González de Gómez (1999b, 2002) e González de Gómez e Chincanel (2008):

**Atores:** são sujeitos; instituições; autoridades informacionais, grupos; médicos e pacientes (área da saúde); clientela; produtores; organizações; receptores; usuários específicos; públicos amplos; empresa; universidades; domicílios; associações; atores comunitários; coletivos profissionais; agências governamentais.

**Recursos:** são regras, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, distintas maneira de produzir, processar, selecionar e distribuir informação, arranjos organizacionais, bases de dados, acervos documentais textuais.

**Canais:** são caracterizados por conversas informais, TV, jornais, internet, discursos

**Mensagens:** são emissores e receptores (internet, jornais, conversas informais, meios e recursos de informação), diálogo, produtores, usuários. (ZANETTI; SILVA, 2012, p. 23-24).

Podemos observar, portanto, que poder e RI se entrelaçam quando pensamos em um discurso produzido por determinado ator, inserido em determinado contexto levando em consideração seus recursos, ou, em determinado ator que produz discursos (canais) para outros atores, partindo de seu recurso, sua formação discursiva e ideológica, e, ainda, em como uma obra, ou seja, uma mensagem é representada em uma unidade de informação, seguindo certas normas institucionais (recursos).

## 5.1. Paralelo com a Formação Discursiva e a Formação Ideológica.

No presente trabalho, podemos observar o RI de duas formas, seguindo o que já explanado, sendo:

- 1) o autor, inserido na sociedade, com suas vivências e formações, escreve seu discurso, dentro de suas próprias leis de vigência, o poder estando apenas em suas mãos, mas ao mesmo tempo atrelado à sua formação discursiva e ideológicas, sendo esses, então, uma forma de controle, de onde o discurso sai “condicionado”.

É na Formação Discursiva que se constitui o sentido e a identificação do sujeito. É onde todo sujeito se reconhece, por meio de sua relação consigo mesmo e com outros sujeitos, é onde adquire identidade (ORLANDI, 2008). É o que pode ou não ser dito em uma determinada Formação Ideológica, dessa forma, relacionando ambas.

Então podemos dizer que a Formação Discursiva é aquilo que, em uma Formação Ideológica dada, articula o que pode ser dito, levando em consideração o contexto em que os sujeitos estão inseridos. Orlandi (2009) dizia que as palavras (ou discursos, aqui) não têm sentido nelas mesmas, mas sim derivam de suas formações discursivas, onde então inseridas no contexto, ou seja, tem seu suporte em uma formação ideológica. A autora ainda expõe isso de modo claro:

Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca (ORLANDI, 2009, p. 43).

Há algumas noções envolvendo Formação Discursiva que valem ser citadas: a paráfrase e o pré-construído, que se tratam de instrumentos de funcionamento dela.

A paráfrase é o ato de retomar várias vezes durante um texto, por exemplo, o que já foi dito anteriormente, com a intenção de causar maior impacto, “isto é, é um espaço em que enunciados são retomados e reformulados num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade (BRANDÃO, 2004, p.48)”.

Ao contrário da paráfrase existe, ainda, a noção de polissemia, colocado por Orlandi (1984) como dois aspectos opostos formadores do funcionamento discursivo.

A polissemia rompe as fronteiras de fechamento e delimitação de uma formação discursiva da paráfrase, embaralhando, dessa forma, os limites de diferentes formações, instaurando pluralidade, multiplicidade de sentidos (BRANDÃO, 2004).

Se tratando do pré-construído, Henry (1993), quem propôs a ideia a fim de designar o que remete a uma construção exterior e anterior, em oposição ao que já foi construído, se tratando de um elemento eu irrompe na superfície discursiva, como se ali já estivesse e pertencesse. Em outras palavras, o pré-construído se trata de um elemento do interdiscurso, já tratado, re-inscrito no discurso do sujeito e caracterizado por ser proveniente da exterioridade.

Assim, Formação Discursiva e Formação Ideológica, como visto anteriormente, possuem uma relação com Regime de Informação, se observarmos esse primeiro contexto.

- 2) o discurso do autor, presente nos livros, representado em uma unidade de informação seguindo as regras de representação documental; o profissional que representa o item se observa controlado por tais regras, evidenciando o RI que se encontra presente na instituição que, na maior parte das vezes, o

faz representar textos narrativos de ficção de maneira não muito eficiente para seu público.

Como visto, os textos narrativos de ficção não possuem uma metodologia própria para ser representado em uma unidade de informação, sendo representado, entretanto, conforme as regras que servem de maneira mais fiel a textos científicos. Isso faz com que o profissional fique restrito a um RI, então, obedecendo a ordens da instituição para qual trabalha, e, com isso, de certa forma, negligenciando a representação mais eficaz do conteúdo.

Esse ponto de vista poderá ser melhor observado e constatado, posteriormente, no capítulo destinado a comparação das análises feitas com as representações existentes em algumas unidades de informação.

## 6 TEXTOS NARRATIVOS DE FICÇÃO

O presente capítulo se preocupa com a explanação do que de fato são os textos narrativos de ficção, para posteriormente observar como essas obras são representadas em unidades de informação.

Quando se trata de textos, tem-se a noção de que se trata de toda unidade de produção oral e escrita, onde, segundo Koch (2004), na perspectiva de estudos de linguística textual, tem um fundamental papel para os seres humanos, pois é por meio dos textos que se consegue organizar cognitivamente o mundo. Também “(...) são considerados excelentes meios de intercomunicação, produção, preservação e transmissão do saber. [...] Não apenas tornam o conhecimento visível, mas, na realidade, sociocognitivamente existente” (KOCH, 2004, p.36).

Van Dijk (1997) trazia que analisar algumas sequencias de frase, demonstra que uma oração é mais que uma mera sequencia de palavras, pois tende “a constituir o que se poderia chamar de uma rede de significados” (MORAES, 2011, p. 13). Os textos estão subordinados a estruturas peculiares, ou seja, o autor sugere que leve em consideração as estruturas globais de significação de texto, as quais são denominadas de macroestruturas.

Quando analisamos a macroestrutura de um texto, nos referimos a estrutura que explicita a coerência do texto, a estrutura temático-semântica global, “diz respeito aos macroatos que um texto realiza e aos diversos modos de atualização em situações comunicativas” (MORAES, 2011, p. 13), ou seja, se trata do conteúdo do texto.

Enquanto que num nível superficial do texto estão as microestruturas, que se tratam das proposições básicas do texto. É nesse nível que é processada a organização da estrutura linguística do texto. Van Dijk (1997) aponta, então, que se trata da estrutura local de um texto, ou seja, a estrutura das orações e sua relação mútua de conexão e coerência.

Existe ainda, a noção de superestrutura, que para o mesmo autor são estruturas globais que não dependem do conteúdo e caracterizam um tipo de texto, se trata da forma do texto. São culturalmente tidas como esquemas formais que o texto se adapta, sendo definida pelo uso social.

Quanto aos textos narrativos, Sabbag (2013) traz uma questão importante levantada por Guimarães, Moraes e Guarido (2007): o que é o texto narrativo? Essa questão se torna importante para a compreensão conceitual do texto narrativo e para estabelecimento de parâmetros de análise para os textos narrativos de ficção, proposto, aqui, por meio da Análise do Discurso Literário. Desta forma, os autores colocam:

Considerando que la actividad bibliotecaria mira por, en un primer plan, tratamiento de la información para fines de subsidiar la investigación y el solaz (...), se observa que el profesional sabe, intuitivamente, la diferencia entre un texto científico y un texto narrativo de ficción. Sin embargo, ya hace mucho tiempo la literatura del área de análisis documental ha resaltado la importancia de *desautomatización* de procedimientos y de la substitución de los procesos intuitivos por procedimientos metodológicamente previsibles y defensables. Así, y considerando que la literatura tradicional del área de análisis documental ha dedicado sus mayores esfuerzos al delineamiento de los procedimientos metodológicos aplicables al texto científico, cabe la pregunta: en términos conceptuales, ¿cómo puede ser definido un texto narrativo (GUIMARÃES; MORAES; GUARIDO, 2007, p. 95).

Então, Damazo (2006) se utilizava de Van Dijk (1997) para afirmar que a primeira característica fundamental do texto narrativo é que se refere a ações de pessoas, acima de tudo, e de maneira que as descrições de circunstâncias, objetos e acontecimentos fiquem claramente subordinadas a elas.

Travaglia (2007, p. 66) esquematiza de maneira clara e exemplificada a formulação desse tipo de texto:

#### D) Textos narrativos

- a) os verbos gramaticais predominantes são os marcadores temporais e os auxiliares aspectuais, o que é coerente com a propriedade dada pela perspectiva de inserção no tempo e também os auxiliares semânticos (que dão detalhes ou nuances dos fatos narrados);
- b) são constituídos essencialmente por verbos dinâmicos (ações, fatos, fenômenos, transformativos);
- c) aparecem verbos enunciativos de contar e assistir, já que o produtor é o contador e o receptor é o assistente dos episódios: presenciar, assistir, ver (tudo/o que acontecer/suceder/ocorrer), contar, relatar, narrar, falar/dizer (tudo/o que acontecer/ suceder/ocorrer);
- d) só são possíveis com o aspecto perfectivo que caracteriza a narração. Dos aspectos de duração, os mais característicos da narração são o durativo, o iterativo e o pontual;
- e) as modalidades características desse tipo de texto são a certeza e a probabilidade, uma vez que são os textos que dão a conhecer os acontecimentos;
- f) também para a narração o tempo atualizado depende da relação entre o tempo referencial e o da enunciação: a) presente na narração presente (85,65% dos verbos com tempo atualizado. O passado aparece com função retrospectiva.); b) passado na narração passada (98,50% dos verbos com tempo atualizado). O presente aparece com função de relevo emocional; c) futuro nas narrações futuras (os dados não foram quantitativamente significativos, mas confirmam a hipótese).

Nos textos narrativos a microestrutura precisa ser formada por elementos que indicam ações e mudanças de estado, por meio de verbos, e também por indicadores de tempo e lugar.

Já a macroestrutura se caracteriza pela existência dos personagens, presentes em situações que demandam mudanças de estado, enquanto a superestrutura se trata da sequência de ações.

Partindo para o texto narrativo de ficção, abordagens sobre os critérios que podem definir esse tipo de texto, sendo apresentada aqui a reflexão sobre a perspectiva na área de Ciência da Informação, começando por uma definição dada por Beghtol (1994).

A autora compreende o texto narrativo de ficção como criações da imaginação de seus criadores, colocando da seguinte forma:

The world of documents may be divided initially in a conventional way, i.e., those works that are thought to arise primarily from the imaginations of their creators and those that are thought to arise from a rational faculty. "Fiction" may in turn be operationally defined as works arising from the imagination that are written in narrative prose. In this context, "narrative" may be taken broadly to include discourses that progress in some sense from one point to another (BEGHTOL, 1994, p. 7).

Acreditando na mesma perspectiva, García-Marco et. al. (2010) mostra que, devemos nos lembrar que a ficção se trata, sim, de uma forma de manifestação artística presente em todas as civilizações e que vem sendo estudada desde a Grécia antiga. E, dessa forma, "(...) muitos pesquisadores consideram isso como uma manifestação concreta de informações, estudando a estrutura de composição, por exemplo, apesar da ficção contar uma história sobre um lugar imaginário, como fez Swift em As Viagens de Gulliver" (GARCÍA-MARCO et. al., 2010, p. 264, tradução SABBAG, 2013, p. 45).

Precisa-se, ainda, compreender que para uma definição operacional que caiba na área de Ciência da Informação, temos que, segundo Beghtol (1994), nenhuma definição de ficção é aceita com universalidade. Também que "(...) the examination of fiction documents for information storage and retrieval needs to include as many examples of as many types of fiction as possible" (BEGHTOL, 1994, p. 07).

Partindo disso, existe uma conclusão feita por Moraes (2011) afirmando que aquele que é escrito pensando na seleção de temas que melhor se adequem e reforcem o contexto sugerido pelo conteúdo semântico da obra, ou em outras palavras, o texto de ficção é uma manifestação artística, onde o artista (autor) se supre de palavras para criar sua obra de arte, "buscando com esta fornecer um novo olhar para as situações humanas, ou mesmo criando uma realidade que pode ser chamada de paralela" (MORAES, 2011, p. 21). Uma diferença dos textos de ficção é que a escolha dos termos empregados durante sua extensão se dá para causar um efeito de nebulosidade para o que seria o sentido real do que está escrito, servindo até mesmo para sugerir múltiplos e imaginários significados.

Segundo Dufrenne (2004, p. 181), o texto narrativo de ficção atende a três condições estabelecidas por ele para o sentido de uma obra literal, sendo elas:

- ✓ A linguagem: nela a obra se refere de algum modo ao mundo, mesmo que seja para negá-lo ou fazer dele a tela de fundo do imaginário. Um conjunto só é significante se indica um significado, se visa a uma realidade exterior aos signos e primeiramente designada pelos signos: para descrever, é preciso, antes de tudo nomear, e o sentido descrito diz respeito a objetos nomeados. Um conjunto só é significante se apela para o mundo e se encontra no mundo a fonte do sentido;
- ✓ Os elementos desse conjunto sejam eles mesmos significantes: a significação é a expressão pela qual a obra ao se exprimir produz em nós o seu sabor e nos dá a fruir o sentido. A frase diz algo que a palavra por si só não diz, ela instaura uma relação entre termos e o seu sentido reside nessa relação. O sentido dos termos consiste em designar objetos que se prestam a essa relação porque eles mesmos têm um sentido;
- ✓ Leitura fortemente criadora: é necessário que haja alguém não somente para dizê-lo com palavras, mas para lê-lo nas coisas que o carregam ou nas palavras que o dizem.

Tais condições são trazidas por Sabbag (2013) que, partindo disso, mostra que o texto narrativo de ficção se trata, portanto, de uma manifestação artística, onde estão compreendidas: “microestruturas (elementos que indicam ações e mudanças de estado), macroestrutura (presença de personagens em situações que demandam mudanças de estado) e superestruturas (demarcadas por sequências de ações)” (SABBAG, 2013, p. 47). E ainda, em concordância com Moraes (2011) coloca que o texto narrativo de ficção pode ser entendido com uma obra de arte, a obra literária, que se caracteriza pelo meio verbal, e tem seu objeto artístico composto por palavras que são reveladas e entendida pela capacidade de decodificação do sujeito.

Para finalizar, Moraes (2011) faz uma colocação reflexiva sobre o assunto, que encerra de maneira poética, mostrando que, após todas as colocações feitas, pode-se afirmar que a ficção se trata de uma forma de arte construída com palavras, que vai muito além de ser apenas escritos originários da imaginação do escritor.

Sendo os textos narrativos de ficção, então, objetos tão complexos e completos em si, sabe-se que a representação em unidades de informação, seja, de alguma forma, afetada. Nesse contexto, Moraes (2012) afirma que, de fato, a classificação e indexação de ficção não é um problema discutido apenas nas últimas décadas, e que, presumivelmente, tomando como base Eriksson (2005), o primeiro artigo sobre o assunto surgiu em 1898, quando Ernest Baker, importante bibliotecário britânico escreveu sobre Classificação de ficção no Library World, ocorrendo uma discussão sobre o mesmo problema no início do século XX, na American Library Association (ALA).

Moraes (2012) ainda traz um levantamento dos últimos trinta anos sobre a questão da ficção, muito importante para se observar a importância que os estudos veem tomando, citando então, trabalhos como de Pejtersen (1978, 1979, 1983, 1984,1998), Beghtol (1986, 1992, 1994, 1995, 1997), Hayes (1992), Nielsen (1997), Saarti (1999), García-Marco; García-Marco (1997), Moraes, J. B. E. ; Guimarães, J.A.C. (2006), Guimarães, J. A. C.; Moraes, J. B. E.; Guarido, M. D. M. ( 2007), Moraes, J. B. E. (2008), García-Marco et. al. (2010), entre outros, a maioria já citados no presente trabalho.

## 6.1 Contos

De início é preciso destacar que os contos são considerados um tipo de prosa, onde a prosa se caracteriza pela expressão do “não-eu”, se valendo de conotações, metáfora exploradas com cautela, com a intenção de oferecer uma imagem mais concreta da realidade, e se vale também, e principalmente, de denotações, exatamente pelo mesmo motivo de intencionar se aproximar da realidade. E mesmo com essa intenção, Moisés (1970, p. 84) afirma que “a rigor, uma obra em prosa de superior quilate, seja ela de cunho ‘realista’, seja introspectivo ou poético, caracteriza-se por utilizar, equilibradamente, a linguagem denotativa e a conotativa”.

Toma-se os conceitos tradicionais de denotação e conotação, onde a primeira tem o objetivo de trazer o real significado de palavras e termos, enquanto à segunda são atribuídos significados não literais, levando em conta a relação que se encontram inseridos em um texto. A conotação se vale muito da metáfora, citada anteriormente.

Sabendo disso, observou-se que a palavra “conto” pode ter diversas acepções, como mostra Moisés (1995), como se referindo a quantidade em “conto de réis”, ou ainda como uma enganação: “conto do vigário”. O Dicionário UNESP do Português Contemporâneo (2011) traz a seguintes definições:

CONTO<sub>1</sub> con-to **Sm** **1** narrativa escrita ou oral: *Comecei minha carreira escrevendo contos.* **2** engodo; trapaça: *Existe na praça um novo conto para extorquir dinheiro.*

CONTO<sub>2</sub> con-to **Num** [Multiplicativo] **1** um milhar de mil réis, ou seja, um milhão de réis; hoje seria um milhão de reais: *A fazenda foi vendida por trezentos contos* (BORBA, 2011, p. 336).

Existindo ainda, outra definição que diz respeito ao “conto do vigário” citado acima, que se trata de uma extorsão de dinheiro ou bem material de alguém, em que o autor da ação

se aproveita da boa-fé da vítima propondo algo extremamente vantajoso, mas que não passa de uma enganação.

Porém, aqui é a primeira definição que se torna importante: narrativa ou escrita oral. Trata-se de uma forma narrativa, caracterizada por uma menor extensão e também pela concisão, precisão, densidade, unidade de efeito ou efeito único ou total (ANTONIO, 2008). Ainda segundo a autora, para uma análise de tal tipo de obra é importante considerar os seguintes elementos: “a ação, o tempo, as personagens, o ponto de vista e os recursos narrativos” (ANTONIO, 2008, p. 45).

De início é preciso sondar as microestruturas uma a uma, seguida do plano das macroestruturas (ambas explicadas anteriormente), para que se possa ter uma visão macroscópica e abrangente da obra (MOISÉS, 1970).

Seguindo com Moisés (1970), temos que em textos de prosa como o conto, a microestrutura se utiliza da microanálise ou análise microscópica para analisar o texto minuciosamente palavra por palavra, ou expressão por expressão, podendo operar em dois planos: 1) a análise se contenta com pormenores quase se esquecendo completamente do conjunto da obra; 2) a análise “sobe” para a particularização dos componentes da obra de ficção, ou seja, se concentra nas personagens, no tempo, no lugar, na ação, no ponto de vista narrativo e nos recursos de linguagem.

Já a macroestrutura se dá por meio da macroanálise, que é caracterizada por ser mais vertical que a anterior, com a intenção de investigar a esfera dos conceitos, sentimentos e emoções. Não podem ser vistas, apenas imaginadas, ou supostas e sempre se baseando nas microestruturas, não podendo, também, se concretizar, ocupando um espaço virtual “aquêlê existente entre o leitor e o escritor, empenhados num diálogo silencioso, farto de implicações, de que o texto serve de código ou intermediário” (MOISÉS, 1970, p. 86). O autor ainda coloca em uma equação para facilitar a observação, sendo ela:

#### **Equação 1 - Macroestrutura e Microestrutura**

Microestruturas = rede de signos ou de símbolos; macroestrutura = esfera das realidades significadas ou simbolizadas.

**FONTE: Elaborado pela autora, com base em: MOISÉS, 1970, p. 86-87.**

Seguindo, então, ainda para o autor, o conto parece acolher a intensidade e a densidade, ao mesmo tempo, por conta de suas características fundamentais.

Intensidade e densidade se tratam de componentes da **ação**, e por ação compreende-se a somatória de atos que compõem um enredo ou a história. Ainda segundo Moisés (1970, p. 94-95):

**INTENSIDADE:** velocidade, volume, quantidade, frequência da ação ou dos ingredientes componentes da ação. Faz parte a rapidez com que as cenas acontecem; se refere ao número de componentes da ação e da velocidade que surgem no *écran* narrativo, sabendo-se que poucos elementos ainda podem compor uma ação intensa. Condiz mais com as diretrizes da novela do que do conto, embora seja parte das características fundamentais do mesmo.

**DENSIDADE:** condensação e/ou altura dos ingredientes da ação. Fazendo parte aqui a lentidão, referente ao aspecto compacto que os componentes da ação assumem, também à vagareza com que se desdobram.

O conto, por suas características gerais, parece acolher ao mesmo tempo intensidade e densidade, como citado anteriormente, construindo, assim, uma unidade dramática, com tempo, lugar e ação. É comum também, que o conto prefira a intensidade implícita, encontrada no flagrante do cotidiano humano. Moisés (1970) define genericamente a ação como uma cena ou uma “tomada”. Porém, essa pressa não significa ausência completa de densidade, como o mesmo autor traz: “Pelo contrário, graças a ser uma espécie de alargamento ao microscópio de um pormenor apresentado pelo real de todos os dias, o conto se admite a condensação de outros aspectos dêsse mesmo real” (MOISÉS, 1970, p. 98).

Seguindo o que Antonio (2008) colocou, citado anteriormente, trataremos outros aspectos muito importantes para as narrativas de ficção e contos, levando em consideração as explicações e explanações de Moisés (1970).

Começamos pelo **tempo**: é para onde todos os integrantes da massa ficcional são direcionados, do enredo até a linguagem. Tudo em uma narrativa está subordinada ao tempo, sendo um dos aspectos mais importantes, se não o mais.

Pode ser classificado em cronológico (ou histórico) ou psicológico (metafísico), o primeiro sendo responsável pela marcação de tempo no relógio (segundos, minutos, horas), em consonância com o tempo físico ou natural (dias, semanas, meses, anos, ciclos lunares etc). Enquanto o tempo psicológico tem a característica contrária, desobedecendo as regras temporais, e fluindo dentro das personagens, como um eterno presente, sem começo, meio ou fim.

Os contos se encontram no uso do tempo cronológico “caracterizado pela marcação das horas, minutos, segundos, no relógio de acordo com o tempo físico que conhecemos” (ANTONIO, 2008, p. 46).

O **espaço** se trata do local, lugar geográfico, país, cidade etc, onde a narrativa acontece. Porém, para o conto, o espaço pouco conta, como Moisés (1970, p. 108) bem observa: “No conto, a circunstância conta pouco, menos ainda no romance introspectivo, quer o enredo se desenvolva na cidade, quer no perímetro rural, o que facilmente se explica pelo fato da tônica recair sobre o sujeito da ação, e não sobre a paisagem”.

As **personagens** têm lugar de relevo na ficção. Segundo Moisés (1970) podem ser ordenadas em dois grupos, dependendo de suas características básicas: personagens redondas e personagens planas.

- Personagens *redondas*: possuem complexidade de qualidades ou defeitos, mostrando a dimensão que falta às planas, envolvendo os caracteres.

- Personagens *planas*: bidimensionais, possuindo altura e largura, porém sem profundidade (uma só qualidade ou defeito), gerando os tipos e caricaturas – a utilizada em contos.

A posição que o escritor se coloca para escrever a história, a pessoa verbal que desenvolve a narrativa, se trata do **ponto de vista**, conhecido também por foco narrativo. É possível encontrar narradores em primeira ou terceira pessoa, podendo ser divididos ainda, segundo Moisés (1970):

- *Primeira pessoa*: o personagem principal relata a história ou uma personagem secundária comenta os dramas da protagonista.

- *Terceira pessoa*: pode ser encontrado o escritor onisciente, que relata a história, ou o escritor que se limita a observador, de modo que apenas comunica o que está ao seu alcance.

No conto não se pode escapar desses aspectos, sob pena de fazer com que desapareça um fator muito importante na estrutura da obra ficcional.

Os **recursos narrativos**, finalmente, recursos por meio dos quais se expressam as características anteriores, e se tratam de: diálogos, descrição, narração e dissertação.

- *Diálogos*: falas das personagens, podendo ser diálogo direto, mostrado ao leitor por meio de travessão, aspas ou sem nada, e também podendo ser diálogo indireto, sendo mencionado pelo escritor, valendo-se das expressões “ele disse...” e suas equivalências. Também pertencem a essa esfera: 1) monólogos, seja interior direto, onde a fala da personagem parece se dirigir diretamente ao leitor, ou o interior indireto, transmitido com a

participação do escritor; 2) solipsismo, onde a personagem parece falar sozinha, sem escritor ou interlocutor.

- *Descrição*: está ligada a enumeração dos componentes e descrição de objetos inertes presentes na narrativa. Pode, de maneira imperceptível, passar a narração, se as personagens se colocarem em ação.

- *Narração*: acontecimentos, ação e movimento. Pode passar a descrição se as personagens não estiverem em ação.

- *Dissertação*: explanação de ideias e conceitos. Pode ser integrada ao diálogo, passando a ser híbrida.

Dessa forma, podemos observar alguns desses aspectos que podem ser encontrados nos contos, como Propp (1984) coloca, por exemplo, que pode ser classificado em unidades estruturais tais como constantes, variantes, sistemas, fontes, funções e assuntos. Outra divisão possível seria, ainda, em duas fases: a primeira, ou religiosa e a segunda, ou da história do conto (ANTONIO, 2008).

A origem do conto parece ser desconhecida para a literatura da área, porém, por suas características estruturais podem ser consideradas a matriz das demais formas literárias, principalmente para prosa e ficção, e ainda, por serem breves, foram considerados por alguns escritores, como Antonio (2008) coloca, como mais difícil de escrever do que romances. Partindo disso, para muitos críticos o ato de condensar os contos se trata de uma característica essencial, e para Moisés (1995, p. 20), o conto: “trata-se de uma narrativa unívoca, univalente. Constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, gravita em torno de um só conflito, um só drama, uma só ação: unidade de ação”.

O conto que conhecemos, passou por várias fases e muitas vezes, traçou caminhos na direção dos poemas ou das crônicas e levando em considerações os aspectos explanados anteriormente. Podemos concluir que o conto é constituído por uma unidade dramática, possuindo um único conflito, um só drama, uma só ação. Pode ser considerado

(...) uma síntese dramática onde há unidade de ação, espaço, tempo e tom. O lugar físico sempre é dinâmico. O tempo é de período curto, caracterizado sempre por horas ou dias, ou não será um conto. Não possui pormenores secundários, pois vai direto ao ponto, com muita objetividade. Quer provocar no leitor uma só impressão: medo, simpatia, piedade, pavor, horror, riso, etc. Cria situações de conflito onde o leitor pode se identificar, sendo seus personagens instrumentos de ação (ANTONIO, 2008, p.47).

O conto possui poucas personagens, porém nunca apenas uma, sendo paradas, imóveis no tempo, espaço e personalidade. Para Moisés (1995) a personagem do conto se trata de uma tela onde se fixa uma situação humana.

Tem como estrutura narrativa a terceira pessoa, onde apenas palavras de extrema necessidade são usadas, querendo que o leitor faça uma leitura metafórica com ligação com a realidade. Aqui, então, podendo observar onde a ADL serviria para auxiliar na representação da informação, uma vez que possui instrumentos que tem a intenção de retirar o discurso metafórico e não literal.

A palavra é utilizada para dar sentimento, uma vez que o conto depende de conflitos presentes nos diálogos para o tom dramático que apresenta, pois não existem discórdia, desavenças, sarcasmos ou brigas sem as palavras expressas nos diálogos.

Em 1995 Moisés volta a definir os tipos de diálogo, de uma maneira um pouco mais elucidativa, e encontramos o seguinte:

1. *diálogo direto* (ou *discurso direto*), quando o contista põe as personagens a falar diretamente, e representa a fala com um travessão ou aspas (no conto moderno, em geral dispensam-se os sinais gráficos) (...)
2. *diálogo indireto* (ou *discurso indireto*), quando o contista resume a fala das personagens em forma narrativa, isto é, sem destacá-la de modo algum (...)
3. *diálogo indireto livre* (ou *discurso indireto livre*), consiste na fusão entre a terceira e a primeira pessoa narrativa, entre autor e personagem, “numa espécie de interlocutor híbrido”, de modo que “a fala de determinada personagem ou fragmentos dela inserem-se discretamente no discurso indireto através do qual o autor relata os fatos”<sup>12</sup>(...)
4. *diálogo* (ou *monólogo*), interior é aquele que se passa dentro da mente da personagem; esta fala consigo mesma, antes de se dirigir a outrem, por as palavras conterem “vários níveis de consciência antes que sejam formulados pela fala deliberada”<sup>13</sup> (MOISÉS, 1995, p. 56).

As personagens são as responsáveis pelas situações de conflito, por esse motivo se diferenciam pelo contorno dramático ou psicológico. Antonio (2008, p. 48) bem pontua que “A fisionomia, a vestimenta, o desenho das figuras não são importantes de serem descritos, o que importa é o contorno dramático. Sua trama é sempre linear e objetiva. Mas contém um mistério, uma questão dramática que tem que ser desfeita”.

O jogo narrativo, ponto de vista ou ângulo visual tem grande força nos contos, e contistas encontram dificuldades nesse aspecto, para que o leitor se mantenha focado na

---

<sup>12</sup> Othon Moacir Garcia, **Comunicação em Prosa Moderna**, 2ª ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1969, pp. 128 e 132.

<sup>13</sup> Robert Humphrey, **Stream of Consciousness in the Modern Novel**, Berkeley and Los Angeles, University of California Profs, 1962, p. 24. O referido autor considera quatro tipos de técnicas usados na expressão do “fluxo da consciência”, entendida esta como “a área toda dos processos mentais, incluindo especialmente os níveis anteriores à fala” (pag. 3): o “monólogo”, o “monólogo interior indireto”, a “descrição onisciente” e o “solilóquio” (p.23). Todavia, a estrutura do conto, historicamente compreendida, não autoriza empregar tão minuciosa classificação dos processos de expressão dos “fluxos de consciência”, mais adequados ao romance (MOISÉS, 1995, p. 56)

leitura até o final do conto. O grande macete utilizado é constituir um enigma no texto que se revelará no final, deixando o leitor com uma “nuvem de meditação ou indignação perante a nova situação” (ANTONIO, 2008, p. 48).

Moisés (1995) traz que Cleanth Brooks e Roberto Penn Warren, em 1943, diziam que deviam ser feitas algumas perguntas ao texto, para se evidenciar o foco narrativo, sendo: “Quem testemunha a história? Quem conta a história? Em que perspectiva se situa?” (MOISÉS, 1995, p. 66). Então estabeleceram um quadro onde se formam os quatro focos narrativos:

- 1) A personagem principal narra sua história: usa-se a primeira pessoa do singular e do plural e, dessa forma, restringe-se a história ao narrador, se fazendo juiz de sua própria causa, dando ilusão da preventividade;
- 2) Uma personagem secundária narra a história da personagem principal: ausência da atmosfera de oralidade nos outros focos narrativos, tornando mais dinâmico o contato do leitor com o conteúdo, e com isso aumentando a distância do leitor em relação a narrativa, uma vez que tudo acontece com uma terceira personagem;
- 3) O narrador conta a história, sendo ele analítico ou onisciente: o narrador acompanha as personagens a todos os lugares, penetra suas intimidades, devassa seus psicológicos, conhecendo-as intimamente, caminha por seus inconscientes e subscientes;
- 4) O narrador conta a história como observador: torna a narrativa mais linear e menos complexa, pois se vê em posição de contar apenas o que registrou, ampliando a faixa de observação, diminuindo a penetração psicológica em favor do conflito ou da ação.

Até aqui evidenciamos os aspectos que constituem um texto narrativo de ficção e onde os contos se encaixam. Seguindo com os contos, Moisés (1995) coloca quais os tipos de contos podem ser encontrados, sabendo que tal tipo de narrativa tem a intenção de produzir um único efeito no leitor e para tanto, existem tais moldes. Quando nos referimos aos tipos de contos

temos em mente as diferentes formas de conagração dos ingredientes do conto, seu ajuste harmônico no interior da narrativa. Não se trata da alteração do alvo precípua do contista: numa unidade de tom, comunicar uma impressão, uma idéia, um sentimento, uma emoção, etc. Por fim, atente-se para o fato de não existirem contos puros: toda narrativa breve apresenta múltiplas facetas, decerto com o predomínio de uma; assim autorizando e fundamentando sua localização em determinada categoria, dentro da árvore classificatória. Casos há, até, em que se toma difícil fazê-lo, pela

concorrência de traços que se mesclam com análoga relevância (MOISÉS, 1995, p. 73).

Dessa forma, Carl H. Grabo (1913), pioneiro dos estudos sistemáticos do conto, mostra uma divisão que pode servir de ponte de partida para a **classificação dos contos**. Para ele, os contos podem ser classificados em cinco grupos, da seguinte forma, como Moisés (1995) bem explana: histórias de ação, histórias de personagens, histórias de cenário ou atmosfera, histórias de ideias e histórias de efeitos emocionais. Observemos por partes:

1. *Histórias* ou *Contos de ação* se tratam do tipo mais comum, sendo lineares e menos importantes que os outros, porém mais frequente;
2. *Histórias* ou *Contos de personagens* são menos comuns, a imagem do protagonista da história pode se tratar do objetivo principal do contista, ou seja, um conto de caráter;
3. *Histórias* ou *Contos de cenário ou atmosfera* são ainda mais incomuns que o anterior, com o foco nos objetos do interior, no cenário ou ambiente, de maneira que o transforma no verdadeiro protagonista do conto;
4. *Histórias* ou *Contos de ideia* são um pouco mais comuns que os de cenário e predominou no século XVIII, tendo como aspectos a diferenciação das narrativas com intenções psicológicas como as fábulas; a ideia emerge identificada com a ação e as personagens, a ideia de transmissão se torna o centro, prendendo, assim, a atenção do leitor;
5. *Histórias* ou *Contos de efeitos emocionais* geralmente são mesclados com a ideia, tendo o enredo como papel secundário, e estando relacionados com a emoção, persistindo ao racional.

Essas são as principais características presentes nos contos, levadas em consideração pelo contista que tem a intenção de prender a atenção do leitor do início ao fim, pois é da decisão dele, leitor, de terminar a leitura ou não.

Todos os aspectos e características aqui tratados tem a intenção de explorar os contos e suas construções para que possam ser identificados nas obras escolhidas para serem tratadas nesse trabalho e, então, para que a análise seja feita de forma objetiva e com a finalidade de observar o que está escrito no conto, bem como a ideia que pretende passar.

## 7 ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO DOS CONTOS

Após demonstrados os contos a serem analisados, bem como suas características enquanto conto literário, passa-se para as análises de fato.

Para análise dos contos, usaremos como metodologia a Análise do Discurso, mais especificamente a Análise do Discurso Literário. Entretanto, como já observado e estudado, não existem, explicitados na literatura sobre os temas, procedimentos específicos para a realização de uma análise discursiva, sendo ela científica, como já efetuada em outros trabalhos, ou literária, como se pretende fazer aqui.

Observando os processos trazidos por Orlandi (2008), fica claro que o discurso literário também pode ser analisado por meio deles, obviamente que observando as singularidades da literatura e adequando os processos para isso. É interessante observar, também, que esses processos sendo utilizados em obras narrativas de ficção, pode-se pensar em um prosseguimento da pesquisa, onde textos narrativos de ficção e textos científicos dialoguem e possam ser analisados conjuntamente, ou em um mesmo contexto. Vale ressaltar, também, que os processos para análise do discurso fazem parte da metodologia do trabalho, entretanto, se faz importante estar presente nessa sessão, onde a análise será realizada, para que possa ser explanada de maneira ampla e clara.

Para a análise do discurso, então, nos utilizamos da seguinte sintetização realizada por Lima (2015, p. 18-19), baseada em Orlandi (2008):

**“Primeiro tratamento de análise superficial”:**

Momento em que se tem um contato primário com a superfície linguística do texto. É também neste momento em que é exposto o elemento do arquivo, ou seja, o corpus que será submetido à análise.

**“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”:**

Para efetuar esta transformação é necessário realizar uma pergunta norteadora: “O que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?” A partir de tal estruturação, expõe-se o objeto discursivo a partir dos fenômenos linguísticos discursivos (paráfrase, polissemia, polifonia) que incidem sobre ele.

**“Do objeto discursivo para o processo discursivo”:**

Momento em que a pergunta norteadora é: “Por que isso e não outro?”. Na resposta em cada análise será atingido o processo discursivo, que mostra a relação que aquele dizer tem com o seu exterior.

Tal metodologia será explicada e adaptada nos próximos capítulos, enquanto as análises forem sendo realizadas. A primeira etapa se trata da mais ampla, comecemos por ela.

## 7.1 Primeiro Tratamento de Análise Superficial

Esse se trata do momento em que se tem o contato primário com o texto e sua superfície linguística, onde fica exposto, também o *corpus* de arquivo que será submetido à análise. É onde nos perguntamos e buscamos compreender o “quem diz” do texto.

O “quem diz” é parte importante para a compreensão posterior da análise, pois é onde alguns conceitos estão embasados, podendo citar a FD e a FI, anteriormente tratadas.

A FD e a FI são tratadas para expor a vivência do sujeito que profere determinado discurso, sendo importante diferenciar sujeito de locutor e enunciador, diferenças encontradas em uma única personalidade, mas que são responsáveis por proferirem discursos diferentes, na maior parte do tempo.

Drucot (1987) situa as diferenças entre Sujeito empírico (SE), Locutor (L) e Enunciador (E) de forma clara, devendo ser tratado aqui.

Basicamente (SE) se faz presente no tempo e no espaço com sua existência real, indivíduo do mundo, aqui no contexto, podemos exemplificar como o autor escolhido, Dalton Trevisan. Trata-se de algo amplo, que abrange os outros dois.

O (L) se trata da representação desse sujeito, podendo ser a perspectiva institucional que se liga a ele. É mais profundo e específico que o primeiro, porém, ainda intermediário.

Enquanto o (E) se trata da posição tomada durante o discurso proferido, ou seja, como o discurso é representado levando em consideração o sujeito que escreve, estando institucionalizado ou não, e como escreve esse discurso. É a parte mais profunda, algo mais específico do sujeito e do locutor, embora seja onde os dois primeiros se encontram. É responsável pela produção de sentido do enunciado, mostrando o ponto de vista onde se posiciona o (L). Drucot coloca que:

Chamo "enunciadores" estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles "falam" é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras (DUCROT, 1987 p. 192).

Para os textos literários, segundo Bakhtin (1996), é necessário reconhecer que várias vozes falam simultaneamente, sendo que nenhuma delas é preponderante e se julgam entre si. Dessa forma, é possível observar que o autor assume uma série de máscaras diferentes.

Então temos, para textos literários a explanação de que, segundo Ducrot (1987), o (E) está ligado ao (L), da mesma forma que o personagem está ligado ao autor, podendo o (L) ser

comparado a um narrador, dado como fonte de um discurso. Porém, são atribuídas ao (E) as atitudes expressas no discurso, pois mostram seus pontos de vistas no texto. Contudo, pode-se concluir que (L)s diferentes podem ser veiculados de um mesmo (E).

É nessa etapa, também, que o “como diz” é exposto, mostrando o *corpus* de análise, levando em consideração sua estruturação característica de conto e explanando isso, além de observar o que, literalmente, o autor escreveu nesse *corpus*, para posterior análise no momento do processo discursivo.

### 7.1.1 Quem diz?

O autor escolhido para a análise das obras se trata de Dalton Jérson Trevisan, Curitiba, nascido em 14 de junho de 1925, formado em Direito pela Faculdade de Direito do Paraná, vencedor do Premio Camões de 2012 - uma das maiores honrarias da língua brasileira - e conhecido por “Vampiro de Curitiba” por se tratar de um homem misterioso e excêntrico, fazendo alusão a uma de suas mais famosas obras.

Foi escolhido por ser considerado um dos maiores contistas brasileiros contemporâneos. Na literatura brasileira contemporânea estão situadas produções do final do século XX e do início do século XXI, marcada por uma grande variedade de tendências, reunindo diversas características de várias escolas literárias anteriores, mostrando, com isso, a mistura que virá a inovar a prosa e a poesia do período, estando presentes nessa classificação os contos, crônicas, romances etc. O movimento modernista tem grande importância na literatura contemporânea, pois várias de suas características, como o rompimento com os valores tradicionais, estão relacionadas com a contemporaneidade.

Trevisan estreou como escritor com “Sonata ao Luar” uma novela em 1945 e já no ano posterior, passou a liderar um grupo literário em Curitiba, grupo este responsável pela publicação da revista literária “Joaquim”. Foi em tal revista que publicou seu segundo livro “Sete Anos de Pastor”, ainda em 1946.

Passou a publicar seus contos a partir de 1954 em forma de folhetos com a configuração de literatura de cordel, registrando o cotidiano da metrópole curitibana. Mas só passou a ter reconhecimento nacional em 1959, depois de publicar “Novelas Nada Exemplares”, onde reunia quase duas décadas de sua produção literária e por meio da qual recebeu o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. Uma de suas mais conhecidas obras foi publicada em 1965: “O Vampiro de Curitiba” e muitas outras no mesmo ano e em anos posteriores, como “A Morte na Praça” (1965) e “Desastres do Amor” (1968), sendo esse

ultimo, o ano em que ganhou um grande prêmio no I Concurso Nacional de Contos, promovido pelo Estado do Paraná.

Foi um autor que dedicou suas publicações quase que exclusivamente aos contos, tendo apenas um romance publicado: "A Polaquinha" em 1985, e no ano seguinte conquistou mais um prêmio por esse conjunto de sua obra, o Prêmio Ministério da Cultura da Literatura.

Como visto, foi um autor com grandes publicações e vencedor de vários prêmios importantes, sendo um deles, citado anteriormente, o Camões, em 2012, no qual foi eleito por unanimidade pelos jurados. Trata-se de uma das maiores honorarias para autores da língua portuguesa, composto por uma parceria entre os governos do Brasil e de Portugal, ocorrendo a cada ano em um dos países.

Também publicou "A Guerra Conjugal" em 1970, "Crimes de Paixão" em 1978, "Ah, É" alguns anos depois, em 1994, "O Maníaco do Olho Verde" em 2008, "Violetas e Pavões" no ano seguinte, "Desgracida" em 2010, "O Anão e a Ninfeta" em 2011, entre muitas outras obras.

Trevisan, O Vampiro de Curitiba, nunca gostou de ser fotografado e de dar entrevistas, muitas vezes chegando a mandar representantes seus para receber prêmios, e por tais comportamentos sempre foi comparado com um vampiro, que foge de fotógrafos e repórteres ao invés de alhos e crucifixos. Por ser tão recluso, não se encontra muitas informações sobre sua vida online, muitos sites, inclusive, não citam se o autor ainda é vivo, excetuando a Gazeta do Povo que, em 2015, ofereceu um número especial de 90 anos ao autor, intitulado "Na jugular do Vampiro" (<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/especiais/dalton-trevisan-90-anos/>), onde trazia várias reportagens e informações sobre o autor e em sua homenagem. Tal especial serviu como base em vários momentos nesse trabalho para levantar informações sobre o autor, já tão difíceis de encontrar.

Sua personalidade se reflete em suas obras, onde procura retratar a sociedade e os acontecimentos de uma forma viva, em conformidade com o progresso, pois alguns amigos do autor afirmam que Trevisan aprimora e torna sua escrita mais concisa na medida em que a cidade em que vive e se baseia cresce. E ainda que "em mais textos, com menos palavras, ele conseguiu melhor que ninguém captar as mudanças, as sutis e as nem tanto, pelas quais a cidade passou, incluindo as escuras e sangrentas esquinas de nossa periferia, ao aliar a alma de repórter policial à de ficcionista revolucionário" (MOSER, 2015). Acreditam, ainda, que se trata de um representante da face moderna de tradições que vem de Machado de Assis e passa por Graciliano Ramos, pois retrata o cotidiano com realismo incisivo.

É visível em seus textos que o autor tenta retratar o mundo partindo da perspectiva que tem da cidade onde vive, passando pela vida da classe média miserável e seus problemas econômicos, até mundos mais marginais como a prostituição, ou ainda a comunidade gay, tudo isso de forma humana e ao mesmo tempo irônica e icônica. E, com isso, percebe-se que Trevisan tenta compor em suas obras uma grande comédia humana, com romances infundáveis (COSTA, 2015), ficando claro que se trata de observador atento dos pormenores da realidade humana, e talvez, sua principal característica reside no fato de ser um cronista do cotidiano. Marcelo Backes, autor que tem Trevisan como grande base, traz uma belíssima explicação sobre o mesmo, ainda na edição de 90 anos do auto, sendo:

De um ponto de vista panorâmico, a obra de Dalton compõe um mundo uno, uma grande comédia humana, um romance infundável. Ele furunga na miséria, que é a miséria social pra ele, mas no fundo é também a miséria humana. A guerra doméstica é contemplada no detalhe do microscópio; a miséria moral do homem é sua grande obsessão. Suas figuras são esboçadas através de um pincel fugidio, mas preciso, de inspiração às vezes quase caricaturesca. Seu neorealismo existencialista e desesperado (às vezes carregadamente naturalista) devassa os quartos de pensão, emerge da tensão constante entre sujeito e mundo e desvenda o universo perigoso escondido no recanto mais quentinho de um lar, com espaço para o uso pródigo e certeiro do macabro, do grotesco e do sádico, de viés expressionista. Isso é literatura, isso é arte! (BACKES, 2015 em entrevista para a Gazeta do Povo).

As informações sobre a vida <sup>14</sup> e trabalho do autor são de grande importância para que se possa observar como trabalhou e o contexto em que se encontra inserido, uma vez que sua Formação Ideológica e Discursiva tem grande impacto no discurso que profere.

### 7.1.2 Como diz?

Trevisan continua a publicar livros atualmente e a obra aqui escolhida para análise se trata do livro “Arara Bêbada” publicado em 2004, onde se encontram publicados cento e um minicontos repletos de ironia cortante e humor ácido, retratando várias facetas das condições humanas.

O livro apresenta estrutura simples, com um conto por folha, de fácil leitura, porém nem tão fácil entendimento quando pensado um pouco além do que se encontra apenas escrito. São contos que retratam a realidade do país, expondo a miséria, o desemprego e tantas outras coisas que sempre serão tão atuais e verídicas em qualquer momento do Brasil. Talvez por tal motivo os contos de Trevisan sejam tão bem aceitos e atemporais.

---

<sup>14</sup> Algumas informações apresentadas aqui, foram retiradas dos sites eBiografia: biografias e resumo da vida, obras, carreira e legado de personalidades ([https://www.ebiografia.com/dalton\\_trevisan/](https://www.ebiografia.com/dalton_trevisan/)).

Os contos escolhidos para análise são:

Imagem 1- Conto (1): "O Sapatão"

## *O Sapatão*

- Olha, que moça mais linda.
- Nem tanto.
- Um cacho de glicínia branca, ai, com dois olhos azuis.
- Eu diria verdes.
- Sinto em mim o borbulhar do verso: a tua bundinha empinada... ó alegria para sempre!
- Desista, cara. Ela odeia homem.
- E eu, pô? Não sou o maior sapatão da cidade?

Fonte: Trevisan, 2004

Imagem 2 - Conto (2) "Que Vidinha"

## *Que Vidinha*

Mãe e filhinha em férias na praia. À sombra de uma árvore, sentadas na grama, duas bolas de sorvete para cada uma.

- Que vidinha mais ou menos a nossa, hein, mãe!

Fonte: Trevisan, 2004

Imagem 3 - Conto (3) “A Mensagem”

## *A Mensagem*

Mensagem no muro, letras vermelhas:

*Maria, eu te amo. João.*

Ao lado, letras verdes:

*João, eu também não te odeio.*

Fonte: Trevisan, 2004

Imagem 4 - Conto (4) “Dois Açucareiros”

## *Dois Açucareiros*

As visitas elogiam o jogo de porcelana em que é servido o chá. Diz o marido:

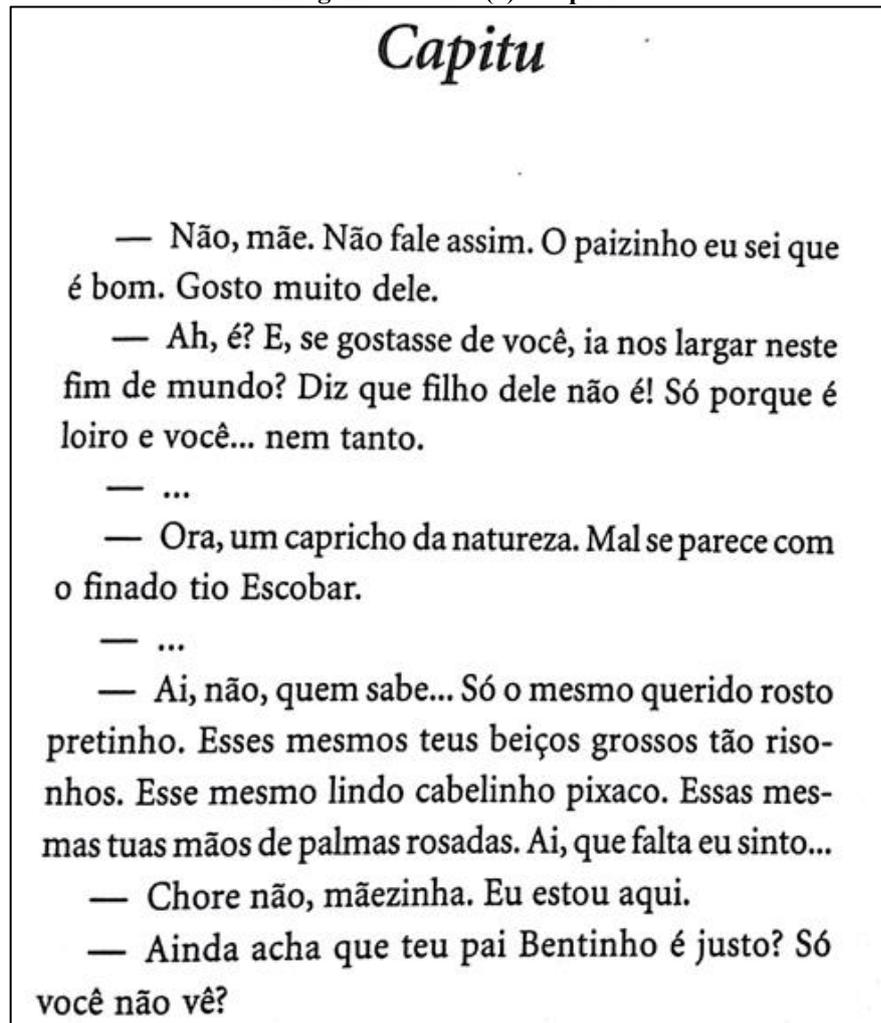
— Lá em casa o nosso tem dois açucareiros.

E, antes que a mulher proteste, com as mãos na cintura:

— O de louça. E essa aí!

Fonte: Trevisan, 2004

Imagem 5 - Conto (5) “Capitu”



Fonte: Trevisan, 2004

## 7.2 Transformação da superfície linguística em objeto discursivo

Para efetuar esta transformação, anteriormente se mostrou necessário realizar as perguntas: “O que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?”, entretanto, nesse contexto, acredita-se que a pergunta feita deve ser apenas a primeira, visto que para a segunda pressupõe-se uma comparação entre os discursos, o que não é de interesse dessa pesquisa. Tem-se o objetivo de tratar, em tese de doutoramento, a comparação entre os Textos Narrativos de Ficção e os Textos Científicos, sendo, assim, necessária a segunda pergunta.

Ficamos, então, com a pergunta “*O que é dito neste discurso?*”, expondo o objeto discursivo a partir dos fenômenos linguísticos discursivos (paráfrase, polissemia etc) que incidem sobre ele, bem como as ideias-??força do discurso literário expostas anteriormente.

Podemos pensar na pergunta também como “*Por que o autor se utiliza desses termos e construções?*”, apenas para facilitar o raciocínio.

Cada conto será tratado de forma separada, utilizando a numeração anteriormente dada para facilitar a exposição, mostrando cada um dos elementos encontrados, e também seus aspectos mais importantes enquanto estruturas de contos.

### 7.2.1 “O que é dito neste discurso?”

#### Conto (1) “O Sapatão”:

O conto é composto por um diálogo entre duas pessoas que se mostram homens (1 e 2), ao final, pela maneira em que falam. Falam de uma moça, que transita pelo cenário em que se encontram, muito atraente para (1), “nem tanto” para (2), e discutem sobre suas características físicas, mostrando o estereótipo tão marcado de homens que só se preocupam com a aparência das mulheres. Depois de entusiasmados comentários sobre os atributos físicos da observada por (1), (2) expõe “- Desista, cara. Ela odeia homem”, querendo expressar, de modo implícito, a orientação sexual da personagem feminina. Então, de maneira irônica (1) exclama que também odeia homens, afirmando ser “o maior sapatão da cidade”.

Nessa última parte do diálogo se utiliza o termo “sapatão” que pode ser definido das seguintes formas:

Sapatão (sapato + ão) – *substantivo masculino*:

1. Sapato grande.
2. [Brasil] Mulher homossexual. = LÉSBICA. (DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA<sup>15</sup>, 2017).

Obviamente o sentido que se utiliza no texto não se trata da primeira definição, levando em consideração o contexto e a forma como foi dita. Fica claro que (1) está querendo transmitir que a mulher é homossexual, também tratada como “lésbica”, como visto na definição a cima, e que não possui interesse em homens, mas que ele também se trata de “o maior sapatão da cidade”, ou seja, afirmando que compartilha de seu “ódio” por homens, e dessa forma, também afirmando que sente atração por mulheres. Essa construção do diálogo se concretiza pela polissemia, onde uma palavra ou locução pode conter vários sentidos.

---

<sup>15</sup> <<https://www.priberam.pt/dlpo/sapat%C3%A3o>>.

É nesse momento da análise que observamos se o texto conta com as ideias força do Discurso Literário, o tornando, então, um Discurso Literário legítimo, como no quadro a seguir:

**Quadro 1 - Ideias força para legitimação do discurso – Conto (1)**

<b>Ideias força do Discurso Literário</b>	<b>Legitimação do discurso</b>
<b>1) O discurso supõe uma organização transfrástica</b>	No conto (1) podemos afirmar que o discurso literário é legítimo, pois: se submete às regras de organização que vigoram nos contos, como visto na “ <i>estrutura de contos</i> ”.
<b>2) O discurso é uma forma de ação</b>	Interage por meio da linguagem (diálogo entre os personagens) com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.
<b>3) O discurso é interativo</b>	Tem intercambio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao princípio de cooperação.
<b>4) O discurso é orientado</b>	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispendo de características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor (jovens adultos/adultos).
<b>5) O discurso é contextualizado</b>	É contextualizado, por se tratar de um conto escrito em 2004, onde discussão dos termos LGBT ainda estavam em visibilidade, e também, pela intenção do autor em provocar o público, visto sua escrita já consolidada e entendida como observadora e atenta dos pormenores da realidade humana.
<b>6) O discurso é assumido por um sujeito</b>	É assumido não por só um, mas dois sujeitos, com elementos dêiticos implícitos que colaboram para a observação dos diálogos do conto, elemento de extrema importância em discursos literários, visto que mostra o sujeito assumindo a enunciação e se inscrevendo no discurso, com elementos linguísticos que colocam em evidencia o tempo e o lugar, mesmo que implícito, e indicam os participantes de uma situação do enunciado envolvendo dois falantes.
<b>7) O discurso é regido por normas</b>	É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala, essas normas são: <i>Estrutura de contos:</i>

	<p><b>Ação:</b> Densidade e intensidade, predominando a intensidade;</p> <p><b>Tempo:</b> Cronológico (metafísico) – implícito;</p> <p><b>Espaço:</b> Não identificado de início, sendo apenas apresentado por uma das personagens como “cidade”, na última fala;</p> <p><b>Personagens:</b> duas personagens Planas;</p> <p><b>Ponto de vista:</b> Terceira pessoa, de maneira implícita;</p> <p><b>Recursos narrativos:</b> Diálogo direto, o narrador observador. Sem um narrador explícito, porém podem-se observar as falas como sendo apresentadas por outro, que não as personagens;</p> <p><b>Classificação do conto:</b> conto de personagens.</p>
<p><b>8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso.</b></p>	<p>Tem seu papel assumido no interior de outro discurso, visto que se trata um conto que faz parte de um livro, onde o autor expressa várias ideias, sendo essa apenas uma delas, possuindo esse tom específico de gênero que se insere na atividade discursiva da literatura.</p>

FONTE: Elaborado pela autora

Observa-se que o autor se utiliza do elemento pré-construído, onde retoma outros discursos, anteriores e posteriores a esse proferido, expressando uma F.D. e uma F.I. em que o sujeito que diz, aqui o autor enunciador, está inserido e domina a conjuntura.

Assim, é possível observar, aqui, onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso.

#### Conto (2) “Que Vidinha”:

O conto é composto por uma única fala, mas que deixa subentendido se tratar duas pessoas que conversam, sendo caracterizadas já no início de “Mãe” e “filhinha”. Inicia-se com a descrição do cenário em que as personagens então inseridas. O autor aponta que as personagens se encontram de férias na praia, sentadas na grama, à sombra de uma árvore e tomando sorvete. A única fala presente é proferida pela personagem caracterizada como filha, sendo ela: “Que vidinha mais ou menos a nossa, hein, mãe!”.

O autor consegue descrever em poucas palavras o cenário, mas de forma clara e que permite ao leitor imaginar como a ação está acontecendo.

A fala final está relacionada com ironia por parte da filha, pois, obviamente, a vida das duas personagens, no momento do conto, se encontra em ótimas condições. Elas estão na praia, tomando sorvete e subentende-se que estão felizes, e por esse motivo a frase é considerada irônica, visto que a filha afirma que a “vidinha” das duas está “bem mais ou menos”.

O termo “mais ou menos” não possui uma definição formal, mas pode ser entendido, popularmente, como algo voltado para dar uma estimativa, resultado aproximado, uma dúvida, entre outros termos, fazendo parte do vocabulário informal. Aqui, pode-se entender como uma definição negativa para a vida das personagens, algo como “que vida ruim”, ou próximo disso. Quanto ao termo “vidinha”, claramente observa-se o diminutivo usado para indicar a ironia em si, levando em consideração o contexto no qual está empregado. Haja vista que existem casos em que o diminutivo tem significação de aumentativo, o que encaixa no caso, pois o que quer se expressar, na realidade, é que a vida de mãe e filha, na verdade se trata de um “vidão”.

Pode-se observar, também, que o discurso encontra-se contextualizado, visto que atualmente, principalmente em redes sociais onde as pessoas expõem suas vidas constantemente, não seja incomum encontrar frases como essa em legenda de fotos, ou em atualização de status. Essa construção se concretiza pela polissemia, onde uma palavra ou, como aqui, uma locução pode conter vários sentidos, visto que, se levada literalmente, a afirmação da filha pode ser entendida como uma reclamação de uma vida que realmente não está boa.

É nesse momento da análise que observamos se o texto conta com as ideias força do Discurso Literário, o tornando, então, um Discurso Literário legítimo, como no quadro a seguir:

**Quadro 2 - Ideias força para legitimação do discurso – Conto (2)**

<b>Ideias força do Discurso Literário</b>	<b>Legitimação do discurso</b>
<b>1) O discurso supõe uma organização transfrástica</b>	No conto (2) podemos afirmar que o discurso literário é legítimo, pois: se submete às regras de organização que vigoram nos contos, como visto na “ <i>estrutura de contos</i> ”.
<b>2) O discurso é uma forma de ação</b>	Interage por meio da linguagem (diálogo entre os personagens) com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.

3) O discurso é interativo	Tem intercambio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao principio de cooperação.
4) O discurso é orientado	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispondo de características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor (jovens adultos/adultos).
5) O discurso é contextualizado	É contextualizado, por usar ironia para se expressar, e, com isso, evidenciando sua Formação Discursiva, ou seja, sua trajetória de escrita que é reconhecida pelo público e o transformou em um dos maiores autores contemporâneos.
6) O discurso é assumido por um sujeito	É assumido não por só um, mas dois sujeitos, com elementos dêiticos implícitos que colaboram para a observação da única fala do conto, elemento de extrema importância em discursos literários, visto que mostra o sujeito assumindo a enunciação e se inscrevendo no discurso, com elementos linguísticos que colocam em evidencia o tempo e o lugar, e indicam os participantes de uma situação do enunciado envolvendo dois falantes.
7) O discurso é regido por normas	<p>É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala, essas normas são:</p> <p><i>Estrutura de contos:</i></p> <p><b>Ação:</b> Densidade e intensidade, predominando a intensidade;</p> <p><b>Tempo:</b> Cronológico (metafísico) – implícito;</p> <p><b>Espaço:</b> Uma praia, com grama, e arvores que fornecem sombra;</p> <p><b>Personagens:</b> duas personagens planas (mãe e filha);</p> <p><b>Ponto de vista:</b> Terceira pessoa, o narrador conta a história como observador;</p> <p><b>Recursos narrativos:</b> Narração e diálogo, embora não haja resposta da outra personagem;</p> <p><b>Classificação do conto:</b> Conto de personagem.</p>
8) O discurso é considerado no âmbito do	Tem seu papel assumido no interior de outro

<b>interdiscurso.</b>	discurso, visto que se trata um conto que faz parte de um livro, onde o autor expressa várias ideias, sendo essa apenas uma delas, possuindo esse tom específico de gênero que se insere na atividade discursiva da literatura.
-----------------------	---

**FONTE: Elaborado pela autora**

Observa-se que o autor se utiliza do elemento pré-construído, onde retoma outros discursos, anteriores e posteriores a esse proferido, expressando uma F.D. e uma F.I. em que o sujeito que diz, aqui o autor enunciador, está inserido e domina a conjuntura.

É possível observar, aqui, onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso.

### Conto (3) “A Mensagem”:

Diferente dos contos anteriores, esse não possui diálogos de forma direta, não havendo falas proferidas pelos personagens. O que encontramos aqui é uma descrição de situação em que se pode remontar um diálogo.

O autor começa descrevendo que existe uma mensagem escrita em um muro, em vermelho, a qual diz: “Maria, eu te amo. João”, e ao lado, outra mensagem, agora em letras verdes: “João, eu também não te odeio”. Não há muito que descrever do presente conto, pois se trata de uma descrição simples e direta, porém, há o que extrair do contexto e de inferências.

O que pode ser retirado do discurso é que a mensagem inicial se trata de uma declaração de amor, primeiro por estar escrito exatamente tal afirmação, e também pelo fato da mensagem estar escrito em vermelho. O autor dá validação, com essa pequena observação, ao discurso de amor à frase, uma vez que a cor vermelha é conhecida por representar o amor, ou a paixão. Parece algo ínfimo de se pensar, mas está preso no subconsciente do leitor esse fato, o que faz com que compreenda a mensagem ainda mais rapidamente, mesmo que de modo inconsciente. A mensagem escrita mostra, também, a demonstração de amor de maneira pública, algo como a prova de que é um amor verdadeiro, ou uma declaração a alguém que não está ciente desse amor. O que mostra o discurso ainda muito inserido na atualidade, visto que a sociedade atual tem grandes necessidades de demonstração de afeto de maneira pública, sendo comum casais agirem de tal maneira para demonstrar à suas amadas o seu amor real.

Porém, como saber se a Maria que João procura será a que lerá a mensagem e compreenderá? No Brasil há inúmeras Marias, assim como há inúmeros “Joões”. Não existe a possibilidade de saber exatamente para quem a mensagem se refere. A não ser que a mensagem tenha sido escrita no muro da casa da Maria específica com quem João deseja se comunicar. Esse fato não pode ser confirmado, pois não está explicitado no texto. Pode-se até imaginar que sim, a mensagem foi escrita no muro da Maria correta, se levarmos em conta o restante do conto, contextualizando dessa maneira.

A segunda mensagem surge trazendo o humor ao conto. O fato de outra mensagem estar escrita no muro e ser uma resposta para a primeira já se trata de algo inusitado, pois não se costuma responder mensagens escritas em muros, além do conteúdo da mensagem, que pode ser considerado uma ironia. A mensagem está escrita em verde, e, como na mensagem anterior, a cor pode dizer alguma coisa. Os significados da cor verde podem ser muito, entre eles a representação da natureza, de esperança e, o que nos interessa, correspondência emocional com segurança. Com isso, podemos afirmar, então, que Maria está muito segura no que escreve, e escreve que “também não odeia João”.

A resposta traz humor exatamente pelos motivos citados: Maria não responde que ama João de volta, apenas que não o odeia, uma maneira de fugir de uma resposta menos genérica para o homem.

Também pelo que levantamos anteriormente: será essa a Maria correta? Se sim, ela realmente está fugindo de uma resposta perante a demonstração de amor, e se não, está sendo genérica por não conhecer a pessoa que escreveu tal mensagem.

Tal análise se trata de especulações por parte do analista, que visa observar o contexto e ideias que possam estar escondidas por trás do discurso escrito.

É nesse momento da análise que observamos se o texto conta com as ideias força do Discurso Literário, o tornando, então, um Discurso Literário legítimo, como no quadro a seguir:

**Quadro 3 - Ideias força para legitimação do discurso – Conto (3)**

<b>Ideias força do Discurso Literário</b>	<b>Legitimação do discurso</b>
<b>1) O discurso supõe uma organização transfrástica</b>	No conto (3) podemos afirmar que o discurso literário é legítimo, pois: se submete às regras de organização que vigoram nos contos, como visto na “ <i>estrutura de contos</i> ”.
<b>2) O discurso é uma forma de ação</b>	Interage por meio da linguagem (diálogo entre os personagens) com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.

3) O discurso é interativo	Tem intercambio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao principio de cooperação.
4) O discurso é orientado	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispondo de características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor (jovens adultos/adultos).
5) O discurso é contextualizado	É contextualizado por mostrar uma cena do cotidiano, se valendo de recursos simples porém efetivos, como o humor, que é presente na maioria dos contos do autor, mostrando, aí também, sua formação discursiva.
6) O discurso é assumido por um sujeito	É assumido não por só um, mas dois sujeitos, com elementos dêiticos implícitos que colaboram para a observação do diálogo implícito do conto, elemento de extrema importância em discursos literários, visto que mostra o sujeito assumindo a enunciação e se inscrevendo no discurso, com elementos linguísticos que colocam em evidencia o tempo e o lugar, mesmo que implícito, e indicam os participantes de uma situação do enunciado envolvendo dois falantes.
7) O discurso é regido por normas	<p>É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala, essas normas são:</p> <p><i>Estrutura de contos:</i></p> <p><b>Ação:</b> Densidade e intensidade, predominando a intensidade;</p> <p><b>Tempo:</b> Cronológico (metafísico) – implícito;</p> <p><b>Espaço:</b> Diz-se que existe uma mensagem em um muro, logo se compreende se tratar de uma cidade;</p> <p><b>Personagens:</b> personagens planas (aparentemente duas pessoas);</p> <p><b>Ponto de vista:</b> Terceira pessoa, o narrador conta a história como observador;</p> <p><b>Recursos narrativos:</b> Descrição e narração</p> <p><b>Classificação do conto:</b> Conto de personagem ou de ação</p>
8) O discurso é considerado no âmbito do	Tem seu papel assumido no interior de outro

<b>interdiscurso.</b>	discurso, visto que se trata um conto que faz parte de um livro, onde o autor expressa várias ideias, sendo essa apenas uma delas, possuindo esse tom específico de gênero que se insere na atividade discursiva da literatura.
-----------------------	---

**FONTE: Elaborado pela autora**

Observa-se que o autor se utiliza do elemento pré-construído, onde retoma outros discursos, anteriores e posteriores a esse proferido, expressando uma F.D. em que o sujeito que diz, aqui o autor enunciador, está inserido e domina a conjuntura. Se utiliza também do elemento humor.

É possível observar, aqui, onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso.

#### Conto (4) “Dois Açucareiros”:

O conto começa com a descrição de uma situação comum em lares: a recepção de visitas, onde se aproveita para conversar e mostrar as melhores louças que a dona da casa possui (essa prática era muito comum antigamente, onde se deixava “as melhores peças” tanto de roupa quanto de utensílios da casa, para ocasiões especiais). As visitas elogiam o jogo de porcelana da anfitriã e então exclama: “Lá em casa o nosso tem dois açucareiros.”. Após a fala, a esposa do falante aparentemente fica brava, e antes que possa dizer alguma coisa, o marido completa: “O de louça. E essa aí!”.

Com o diálogo podemos afirmar que existem no mínimo três pessoas na conversa, onde uma delas se trata da anfitriã ou anfitrião da casa, também que a esposa do falante ficou brava por sua constatação por não ser gentil fazer comparações com objetos de pessoas quando se está de visita. O complemento da frase do marido é inusitado e romântico, ao mesmo tempo. É claro que ele se adianta para concluir seu pensamento por conta do comportamento da esposa, porém, se trata de um complemento, embora que em tom de ironia, um tanto quanto carinhoso.

Chamar a esposa de açucareiro pode ser visto como um elogio, pois açucareiro, literalmente falando, está cheio de açúcar, então estaria usando a metáfora para dizer que ela é uma pessoa cheia de doçura. Porém, também pode ser uma ironia, pois a frase foi dita após a esposa ficar aparentemente brava com o marido, então ele poderia estar se referindo a ela como uma pessoa doce por ironia, visto que aparenta ser brava e nos levando a pensar, até, em

uma pessoa amarga. Quando usa a expressão “E essa aí”, a segunda possibilidade parece mais adequada, por se tratar de uma expressão não muito educada e que tem a intenção de exemplificar o que diz.

O uso da ironia é mais uma vez observada no conto de Trevisan, dessa vez por meio da figura de linguagem metáfora. A metáfora pode ser entendida como um artifício linguístico capaz de produzir transferência de significados de um termo para outro, por meio de comparação nem sempre explícita.

Tal análise se trata de especulações por parte do analista, que visa observar o contexto e ideias que possam estar escondidas por trás do discurso escrito.

É nesse momento da análise que observamos se o texto conta com as ideias força do Discurso Literário, o tornando, então, um Discurso Literário legítimo, como no quadro a seguir:

**Quadro 4 - Ideias força para legitimação do discurso – Conto (4)**

Ideias força do Discurso Literário	Legitimação do discurso
1) <b>O discurso supõe uma organização transfrástica</b>	No conto (4) podemos afirmar que o discurso literário é legítimo, pois: se submete às regras de organização que vigoram nos contos, como visto na “ <i>estrutura de contos</i> ”.
2) <b>O discurso é uma forma de ação</b>	Interage por meio da linguagem (diálogo entre os personagens) com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.
3) <b>O discurso é interativo</b>	Tem intercâmbio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao princípio de cooperação.
4) <b>O discurso é orientado</b>	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus enunciados fortemente controlados e dispondo de características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor (jovens adultos/adultos).
5) <b>O discurso é contextualizado</b>	É contextualizado, Por se tratar de um conto com construção mais cotidiana, aparentando quase como se o próprio autor tivesse passado por isso. Porém, volta a se valer da ironia, mas agora com o uso da figura de linguagem metáfora. Além de mostrar sua formação ideológica.
6) <b>O discurso é assumido por um sujeito</b>	É assumido não por só um, mas dois sujeitos, com elementos dêiticos implícitos que colaboram para a observação dos diálogos do

	<p>conto, elemento de extrema importância em discursos literários, visto que mostra o sujeito assumindo a enunciação e se inscrevendo no discurso, com elementos linguísticos que colocam em evidência o tempo e o lugar, mesmo que implícito, e indicam os participantes de uma situação do enunciado envolvendo dois falantes.</p>
<p>7) O discurso é regido por normas</p>	<p>É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala, essas normas são:</p> <p><i>Estrutura de contos:</i>  <b>Ação:</b> Densidade e intensidade, predominando a intensidade;  <b>Tempo:</b> Cronológico (metafísico) – implícito;  <b>Espaço:</b> A casa de anfitriões que recebem visitas;  <b>Personagens:</b> personagens planas (aparentemente quatro pessoas);  <b>Ponto de vista:</b> Terceira pessoa, o narrador conta a história como observador;  <b>Recursos narrativos:</b> Diálogos, Descrição e Narração;  <b>Classificação do conto:</b> Conto de personagem.</p>
<p>8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso.</p>	<p>Tem seu papel assumido no interior de outro discurso, visto que se trata um conto que faz parte de um livro, onde o autor expressa várias ideias, sendo essa apenas uma delas, possuindo esse tom específico de gênero que se insere na atividade discursiva da literatura.</p>

FONTE: Elaborado pela autora

Observa-se que o autor se utiliza do elemento pré-construído, onde retoma outros discursos, anteriores e posteriores a esse proferido, expressando uma FI muito mais forte em comparação com os outros contos, em que o sujeito que diz, aqui o autor enunciador, está inserido e domina a conjuntura. Se utiliza também do elemento humor.

Mais uma vez é possível observar, aqui, onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso.

Conto (5) “Capitu”:

Esse se trata do conto mais longo encontrado no livro, mas não foi escolhido por esse motivo. Foi escolhido por se tratar de um texto que faz referência a outra obra, explicado ao final da análise a maneira que o faz, aqui vamos nos ater ao o que é dito no discurso.

Começamos o conto com um diálogo, aparentemente, entre mãe e filho(a), que pede à mãe para não falar dessa maneira de seu “paizinho”, pois sabe que ele é bom e gosta muito dele. A expressão “paizinho”, no diminutivo, pode ser considerada usada para demonstrar carinho, pois se trata de uma das aplicações do diminutivo. A mãe aparenta estar brava com o que o filho diz e com o pai da criança, afirma que se o pai gostasse mesmo da criança, não os deixaria isolados nesse “fim de mundo”. Diz que o homem afirma não ser o pai biológico da criança apenas porque ele “é loiro e você... nem tanto”, ou seja, porque a criança não se parece muito com ele.

Nesse momento pode ser entendido que a criança perde a fala, não sabe o que dizer, pois o autor representa seus travessões apenas com reticências (...). Um dos usos das reticências é exatamente esse, servindo para indicar suspensão ou interrupção de pensamento.

A mãe, então, prossegue com o que agora pode ser considerado um monólogo, dizendo que o fato da criança não ser parecida com o pai por um capricho da natureza, e afirma, então que “mal se parece com o finado Escobar”. É nesse momento que é revelada a confluência do conto com outro texto, muito conhecido na literatura: Dom Casmurro, de Machado de Assis, 1900.

Em Dom Casmurro existe um dilema muito conhecido: Capitu, esposa de Bentinho, o traiu ou não com Escobar, seu melhor amigo?

O dilema existe pelo fato de a história ser narrada pelo próprio Bentinho, conhecido como Dom Casmurro depois de envelhecer, e porque durante a narração da história, fica claro que o narrador passa por algumas perturbações mentais, passando a sugerir, então, que sua esposa o traía com seu melhor amigo. Quando Capitu engravida e tem seu filho, Bentinho começa a ter pensamentos de que a criança não era sua, pois, em sua cabeça, ela não possuía nenhuma de suas características físicas, e muitas de seu amigo Escobar, que conhecera no seminário, quando jovens. Porém, essas desconfianças nunca são confirmadas, já que não é possível saber da história pelo ponto de vista de Capitu, e também por ficar claro em muitas partes da história que Bentinho se trata de um homem muito ciumento e que passa a ter problemas internos quanto a isso.

Com isso posto, é possível seguir no conto, observando que a criança que fala é, então, um menino, pois o filho de Capitu, na história original, se trata de um menino, chamado

Ezequiel, em homenagem ao amigo de Bentinho, que também possuía uma filha com sua esposa, chamada Capitolina, em homenagem a Capitu. É após a morte de Escobar que Bentinho passa a ter suas desconfianças quanto a paternidade de seu filho.

No conto, Capitu, então, começa a descrever a criança com todas as características físicas de Escobar. Aqui fica clara a pretensão do autor a expor esse dilema, brincando com o leitor, mostrando que Capitu traiu, sim, Bentinho e a criança possui as características do pai biológico do filho. Termina a sua fala com “ai, que falta eu sinto...”, expressando sua saudade, então, de Escobar.

A criança a consola e então a personagem termina o conto perguntando a criança se acha que seu pai (Bentinho) é justo, pois só ele não vê a injustiça que Bentinho comete com ela ao dizer que o traiu.

Analisando o conto, observa-se que o autor tenta demonstrar o ponto de vista de Capitu, mas apenas para confirmar todas as desconfianças que já existiam quando vistas por Bentinho. Podemos dizer que se trata de um jogo com o leitor, de tentar dizer a ele que sim, Capitu traiu Bentinho, bem como ele imaginava. Ele se utiliza de história que não é sua para criar uma nova narrativa, baseada na original, mas com significação única e, de certa forma, humorada.

Tal análise se trata de especulações por parte do analista, que visa observar o contexto e ideias que possam estar escondidas por trás do discurso escrito.

É nesse momento da análise que observamos se o texto conta com as ideias força do Discurso Literário, o tornando, então, um Discurso Literário legítimo, como no quadro a seguir:

**Quadro 5 - Ideias força para legitimação do discurso – Conto (5)**

Ideias força do Discurso Literário	Legitimação do discurso
1) <b>O discurso supõe uma organização transfrástica</b>	No conto (5) podemos afirmar que o discurso literário é legítimo, pois: se submete às regras de organização que vigoram nos contos, como visto na “ <i>estrutura de contos</i> ”.
2) <b>O discurso é uma forma de ação</b>	Interage por meio da linguagem (diálogo entre os personagens) com o leitor, mobilizando-o a corresponder à vontade do autor no ato de linguagem proferido.
3) <b>O discurso é interativo</b>	Tem intercâmbio, de relações de linguagem entre os interlocutores reais (leitor) e fictícios (personagens), estando vinculado ao princípio de cooperação.
4) <b>O discurso é orientado</b>	Se desenvolve no tempo, constituído em função de ser entendido, tendo seus

	enunciados fortemente controlados e dispondo de características de conto com jogo de palavras e significação para um público determinado pelo locutor (jovens adultos/adultos).
5) O discurso é contextualizado	É contextualizado, por evidenciar a F.D., muito mais do que nos outros, porque quer evidenciar seu contexto enquanto escritor. Além de utilizar de humor, o conto possui maior significado ao leitor que conhece a história original, ficando mais claro esse humor e até mesmo a ironia ao afirmar a traição de Capitu.
6) O discurso é assumido por um sujeito	É assumido não por só um, mas dois sujeitos, com elementos dêiticos implícitos que colaboram para a observação dos diálogos do conto, elemento de extrema importância em discursos literários, visto que mostra o sujeito assumindo a enunciação e se inscrevendo no discurso, com elementos linguísticos que colocam em evidência o tempo e o lugar, mesmo que implícito, e indicam os participantes de uma situação do enunciado envolvendo dois falantes.
7) O discurso é regido por normas	É regido por normas específicas para o tipo de gênero tratado, legitimando a formação de uma unidade com exercício de fala, essas normas são:  <i>Estrutura de contos:</i> <b>Ação:</b> Densidade e intensidade, predominando a intensidade; <b>Tempo:</b> Cronológico (metafísico) – implícito; <b>Espaço:</b> Aqui o espaço não é levado em consideração para o desenrolar da história, não sendo nem ao menos citado; <b>Personagens:</b> personagens planas (claramente duas pessoas em diálogo que tratam de mais duas); <b>Ponto de vista:</b> Terceira pessoa, o narrador conta a história como observador; <b>Recursos narrativos:</b> Diálogos; <b>Classificação do conto:</b> Conto de personagem.
8) O discurso é considerado no âmbito do interdiscurso.	Tem seu papel assumido no interior de outro discurso, visto que se trata um conto que faz parte de um livro, onde o autor expressa várias ideias, sendo essa apenas uma delas, possuindo esse tom específico de gênero que

	se insere na atividade discursiva da literatura.
--	--

FONTE: Elaborado pela autora

Observa-se que o autor se utiliza do elemento pré-construído, onde retoma outros discursos, anteriores e posteriores a esse proferido, expressando uma F.I. e F.D., em que o sujeito que diz, aqui o autor enunciador, está inserido e domina a conjuntura. Utiliza-se também do elemento humor. A FD é bem evidenciada, uma vez que é possível observar que o autor tem bases de sua escrita em escritores consagrados como Machado de Assis, mesmo ele mesmo sendo, também, um escritor de prestígio.

Novamente é possível observar, aqui, onde a Análise do Discurso e os estudos literários se encontram, tornando possível considerar o fato literário como discurso.

### 7.3 Do objeto discursivo para o processo discursivo

Nesse momento a pergunta norteadora é: “*Por que isso e não outro?*”, também podendo ser pensada como “*Por que ele diz daquela forma, e não dessa outra?*”. E espera-se que na resposta de cada análise seja atingido o processo discursivo, que mostra a relação que aquele dizer tem com o seu exterior, ou seja, é aqui que fica clara a relação do texto com a F.D e F.I. do autor e, muitas vezes, também o R.I.

#### 7.3.1 “Por que isso e não outro?”

No conto (1) “O Sapatão”, o autor se vale de um discurso construído anteriormente, fora dele, que se trata da utilização da palavra “sapatão”, mas que se insere no seu contexto.

Sabe-se que a década de 1995 iniciou-se o projeto de lei referente a união civil ou parceria civil registrada, dando início a grandes debates sociais nacionais sobre os direitos LGBT. Quanto a produção acadêmica, Facchini (2017, s.p.) afirma que:

[...] há um incremento significativo da pesquisa sobre sexualidade em várias áreas do conhecimento a partir dos anos 1990. Os anos 2000 trazem consigo o surgimento de grupos ativistas em prol da diversidade sexual no interior das universidades e a organização, a partir de 2003, dos Encontros Nacionais Universitários de Diversidade Sexual (Enuds), reuniões anuais que aglutinam estudantes e professores em torno dessa temática. A partir de meados dos anos 2000, acompanhamos, ainda, a formação de grupos e

núcleos de pesquisa voltados para a diversidade sexual nas universidades brasileiras e a inclusão de grupos de trabalho sobre o tema sexualidade em encontros nacionais de associações científicas.

Isso mostra que o autor está refletindo o que se tem na atual circunstância em que está inserido, e, ainda, mostra sua construção pessoal, sua F.I., ao tratar do assunto com **ironia** e **humor**. Fica claro que o autor utiliza a ironia para fins de humor, e não para ofender alguém ou um grupo de pessoas específico.

No conto (2) “A Mensagem”, o autor se vale de um discurso construído anteriormente, fora dele, se tratando da utilização dos termos “vidinha” e “mais ou menos” em um contexto que se faz entender sua ironia.

O autor faz uso de uma figura de linguagem, citada a cima: a **ironia**.

Ironia se define pelo emprego de uma palavra ou expressão de uma maneira que assuma um sentido diferente do habitual, produzindo, com isso, humor sutil. Para que a figura funcione, o jogo de palavras deve ser feito com elegância, devendo estimular o raciocínio, fazer o leitor considerar os diversos sentidos que determinada palavra pode adquirir, até identificar aquele que se encaixa na mensagem, produzindo, assim, um novo sentido inusitado.

Podemos observar que quando a personagem diz “que vidinha mais ou menos” quer dizer, na verdade, o oposto, ficando claro o uso correto da figura de linguagem, e assim, fazendo o leitor entender a mensagem que se pretende passar.

O uso do diminutivo na palavra “vidinha” colabora para que o sentido seja compreendido da forma correta, como já observado.

No conto (2) “Que Vidinha” a pergunta “*Por que ele diz daquela forma, e não dessa outra?*” fica fácil de responder, na realidade. Trevisan é um autor irreverente, que se vale de seus conhecimentos de escrita e sua capacidade de expressar suas figuras de linguagem da maneira correta, fazendo o leitor entender seu texto e ainda se divertir com ele (**humor**). Ele diz seu discurso de modo **irônico** porque está apenas evidenciando sua formação discursiva. Se escrevesse de outra maneira, o conto não surtiria o efeito desejado, podendo, inclusive, não fazer sentido algum.

No conto (3) “A Mensagem” diz por sua formação discursiva e ideológica, como nos outros contos, nesse aqui se destacando o humor em uma situação do cotidiano, visto que existem muitos muros escritos em toda cidade. O humor está presente na forma como o texto é escrito e reflete o **humor** do próprio autor.

No conto (4) “Dois Açucareiros” o autor diz por conta da formação discursiva e ideológica, como nos outros contos, nesse se destacando muito mais sua formação ideológica do que a discursiva. Por tratar de um conto com construção mais cotidiana, aparentando quase como se o próprio autor tivesse passado por isso. Porém, volta a se valer da **ironia**, mas agora com o uso da figura de linguagem **metáfora**.

A metáfora se trata de uma figura de linguagem empregada fora de seu sentido literal, concreto. Usa-se uma comparação implícita que fica subentendida no texto e se caracteriza por comprar sem que precise se utilizar de termos comparativos.

O autor se utiliza da metáfora para dar um tom irônico ao texto. Ao comparar a esposa com um açucareiro, ele explicita sua ironia, mais uma vez, pela maneira que o faz.

No conto (5) “Capitu” fica evidente a F.D., muito mais do que nos outros contos, e é por esse motivo que o autor se utiliza das construções literárias, porque quer evidenciar seu contexto enquanto escritor. Além de utilizar uma pitada de **humor** também, que é bem característico em seus contos. O conto possui maior significado ao leitor que conhece a história original, ficando mais claro esse humor e até mesmo a **ironia** ao afirmar a traição de Capitu.

Pelos motivos tratados no momento de expor o quem diz dos contos, e pode-se observar que muitas vezes se obteve a mesma resposta em todos os contos: o autor reflete em suas obras a sociedade de forma viva e incisiva, sempre atento ao seu progresso, e, ainda, à temas marginais da sociedade de forma humana, porém irônica e icônica, expressando sua formação e deixando claro que se trata de um observador atento dos pormenores da realidade humana. Sua iconicidade e ironia o permitem tratar do assunto de forma humorada, para que consiga transmitir o que pretende, de forma clara a ser entendida por seus leitores. Ele se vale de figuras de linguagem e construções verbais muito comuns e utilizadas no cotidiano como o humor, a ironia e a metáfora,

Não devemos poupar elogios ao autor quando nos referimos à habilidade de usar a ironia. Trevisan tem uma escrita elegante, por mais que concisa e simplificada, se assim podemos dizer. Ele consegue expor seus pensamentos de forma clara e elegante ao leitor, mostrando que sabe utilizar as figuras de linguagem da maneira correta, e, além disso, de maneira exemplar.

Com as análises realizada, passaremos, agora, para a sistematização em quadros e a retirada de termos para serem comparados com representações em unidades de informação.

## 8 SISTEMATIZAÇÃO DAS ANÁLISES E EXTRAÇÃO DE TERMOS

Acredita-se que a construção de tabelas sistematizadoras das análises facilite a visualização, compreensão e favoreça a comparação. Também para que, futuramente, se houver a necessidade de utilização das informações, estas possam facilmente serem recuperadas e reproduzidas.

Aproveita-se o capítulo para a extração dos termos de indexação, baseado no “Tesouro de literatura”, para que, no próximo capítulo, se possa observar e comparar com as representações encontradas em unidades de informação.

Em um primeiro momento acredita-se ser de extrema importância demonstrar um quadro como um pequeno guia e resumo de como seriam extraídas, então, as informações do texto que se análise, sendo ele:

**Quadro 6 - Etapas da Análise do Discurso**

Etapas das análises	“Primeiro tratamento de análise superficial”		“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”	“Do objeto discursivo para o processo discursivo”
Perguntas norteadoras	“quem diz?”	“como diz?”	“O que é dito neste discurso?”	“Por que isso e não outro?”
TEXTO ANALISADO	Autor (Sujeito Empírico)	O texto como é apresentado.	Expressões e conceitos importantes retirados da análise do texto.	O contexto retirado do texto, explicitando as formações do autor.

FONTE: Elaborada pela autora

Partindo do quadro anterior e das análises realizadas, partimos para a apresentação da sistematização dos contos:

**Quadro 7 - Sistematização das análises realizadas**

Etapas das análises	“Primeiro tratamento de análise superficial”		“Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”	“Do objeto discursivo para o processo discursivo”
Perguntas norteadoras	“quem diz?”	“como diz?”	“O que é dito neste discurso?”	“Por que isso e não outro?”
Conto (1): O Sapatão	Dalton Trevisan (Sujeito Empírico)	O texto como é apresentado Imagem 1, p. 62	Uso da expressão “sapatão” de forma <b>irônica e humor</b> .	Por expressar sua F.D e F.I., e deixando claro sua posição enquanto observador dos

				pormenores da realidade humana.
Conto (2): Que Vidinha	Dalton Trevisan (Sujeito Empírico)	O texto como é apresentado: Imagem 2, p. 62	Uso de diminutivos - figuras de linguagem - para expressar <b>humor e ironia.</b>	Por se valer de seus conhecimentos de escrita e capacidade de expressar figuras de linguagem da maneira correta. Ele diz seu discurso de modo irônico porque está apenas evidenciando sua F.D.
Conto (3):A Mensagem	Dalton Trevisan (Sujeito Empírico)	O texto como é apresentado: Imagem 3, p. 63	O <b>humor</b> está presente na forma como o texto é escrito e reflete o humor do próprio autor.	Diz por sua F.D e F.I., como nos outros contos, nesse se destacando o humor em uma situação do cotidiano.
Conto (4): Dois Açucareiros	Dalton Trevisan (Sujeito Empírico)	O texto como é apresentado: Imagem 4, p. 63	Volta a se valer da <b>ironia</b> , mas agora com o uso da figura de linguagem <b>metáfora.</b>	Diz por conta da F.D e F.I., como nos outros contos, se destacando muito mais sua F.I. Por tratar de um conto com construção mais cotidiana, aparenta quase uma vivência do próprio autor.
Conto (5): Capitu	Dalton Trevisan (Sujeito Empírico)	O texto como é apresentado: Imagem 5, p. 64	Referência a outros autores e textos, utilização uma pitada de <b>humor</b> e até mesmo a <b>ironia</b> ao afirmar a traição de Capitu.	Diz por evidenciar a sua F.D., muito mais do que nos outros contos, e é por esse motivo que o autor se utiliza das construções literárias, porque quer evidenciar seu contexto enquanto escritor.

FONTE: Elaborada pela autora

Como observado no capítulo anterior, Trevisan tem características muito marcantes enquanto autor, sempre evidenciando no seu modo de escrita tudo que acredita e a sociedade em que está inserido. Com as análises e a sistematização no quadro, **é simples** observar o que mais aparece em seus contos, sendo: humor, ironia e metáfora.

Nesse momento, já com os conceitos mais utilizados, partindo das amostras que foram analisadas, podemos utilizar o tesauro escolhido para a retirada de termos que serviriam para a representação das obras de forma mais precisa em uma unidade de informação.

Nos utilizando do tesauro, baseado nos termos encontrados, pudemos extrair os seguintes termos de indexação:

Relacionados ao tipo de literatura:

TG: Literatura

TE: Literatura Brasileira

TG: Gênero Épico

UP Gênero Narrativo

TE: Conto

TG: Narrativa

Ao autor:

TG: Escritores

UP Literatos

TE: Contistas

TE: Satiristas

Aos temas:

TG: Figuras de Pensamento

TE: Ironia

TG: Humorismo (Literatura)

TE: Sátira

TG: Tropos<sup>16</sup>

TE: Metáfora

---

<sup>16</sup> Tropo pode ser considerada uma figura de linguagem onde ocorre mudança de significado, aqui sendo de caráter comparativo: metáfora.

Tesauros são considerados Linguagens pós-coordenadas, ou seja, são linguagens que combinam ou coordenam os termos no momento da busca, sendo especialmente usadas em sistemas automatizados (ARAÚJO et al, 2011, p. 08-09). Sendo assim, o sistema de uma unidade de informação pode receber ordens, no momento da busca, para coordenar os descritores e para que a recuperação seja pertinente ao usuário.

Os sinais de estrutura relacionados com a função dos descritores, como mostram Araújo et al (2011, p. 09), e já usados anteriormente, são:

TG (BT) – Termo Geral

TE (NT) – Termo Específico

TR (RT) – Termo Relacionado

NA (SN) – Nota de Alcance

TGM (TT) – Termo Genérico Maior

UP (UF) – Usado Para

USE (USE) – Use

Porém, o tesauro em particular que estamos utilizando afirma que por sua peculiar elaboração, se tornou apto a ser usado não só em sistemas pós-coordenados de indexação, como a maioria dos tesauros, mas também em sistemas pré-coordenados, chegando a oferecer equações de como coordenar os descritores quando utilizados na indexação pré-coordenada (GOMES et al, 1985).

As linguagens pré-coordenadas, portanto, se tratam das que combinam ou coordenam termos no momento da indexação. Podemos citar como exemplo os cabeçalhos de assunto.

Assim, como apresentado no tesauro utilizado, quanto mais específico o termo para representar, melhor a representação será, então sempre que possível nos utilizaremos dos termos mais específicos.

Para representar nossos contos podemos nos valer de termos: Literatura Brasileira; Conto; Narrativa; Contistas; Satiristas; Ironia; Humorismo (Literatura); Sátira; Metáfora.

Quanto à sátira, o próprio tesauro define: “Composição literária em verso ou em prosa que evidencia [...] loucuras e fraquezas do homem e da sociedade (...). A obra satírica pode empregar o espírito, o humor, o burlesco, a paródia, a invectiva, o sarcasmo, a ironia, etc.” (GOMES et al, 1985, p.113). Podendo ser, então, usado para definir nossos contos.

Esquemmatizando, por fim, temos:

**Quadro 8 - Descritores**

<b>Descritores segundo o “Tesauro de Literatura”</b>	
Literatura Brasileira	
Conto	
Narrativa	
Ironia	
Humorismo (Literatura)	
Sátira	
Metáfora	
Contistas	
Satiristas	

**Fonte: Elaborado pela autora**

Após a retirada dos descritores, passaremos à comparação com os encontrados em unidades de informação, observando se os baseados na análise dos contos seriam mais eficientes ou não.

## 9 COMPARAÇÃO DAS ANÁLISES COM REPRESENTAÇÕES EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO

Nesse capítulo pretende-se comparar os descritores retirados das análises realizadas com descrição em catálogos de duas bibliotecas encontrados online.

Para tal ação, precisamos, primeiramente, tratar de mais um aspecto da Análise Documental, enquanto processo, se tratando dos Sistemas de Recuperação da Informação (SRI). Segundo Sabbag (2013, p.99): “No interior dos SRIs é que são utilizadas as linguagens documentais pelos profissionais para a representação documental”.

Os SRIs viabilizam e organizam acesso aos itens informacionais, realizando atividades de representação das informações contidas nos documentos – descrição dos documentos e indexação – também armazenamento e gestão física e lógica de tais documentos e suas representações (SOUZA, 2006).

Os Sistemas podem ser divididos, segundo o mesmo autor, em clássicos ou estruturados. Clássicos podem ser caracterizados pela descrição de um conjunto de palavras-chave representativas – os chamados termos de indexação – com o objetivo de representar o assunto do documento. Já os estruturados são os que, além das palavras-chave, também contêm algum tipo de informação sobre a estrutura do texto – proximidade das palavras, fontes de letras, etc. (SABBAG, 2013).

Os OPACs (*Online Public Access Catalogue*) são uma das categorias do Sistema de Recuperação de Informação, ainda segundo a autora. Ainda trazendo que podem ser chamados das seguintes formas:

- ✓ Catálogos de computador (*computer catalogs*);
  - ✓ Catálogos online (*online catalogs*);
  - ✓ Catálogos de fichas automatizados (*automated card catalogs*);
  - ✓ Catálogos de acesso de cliente (*patron access catalogs*); e
  - ✓ Catálogo em linha de acesso público (*online público access catalogs*).
- Podendo, ainda, ser conhecidos pelas siglas: OLC, PAC e OPAC (SABBAG, 2013, p.100).

Com o surgimento dos OPACs, a rotina dos catálogos em ficha foi mudada, a pesquisa que antes era feita apenas fisicamente na biblioteca e de forma lenta, agora passa ser realizada com a utilização de vários recursos e por muitos usuários ao mesmo tempo.

O catálogo se trata de uma ferramenta informacional de recuperação de informação de materiais contidos nas unidades de informação, independente do tipo de biblioteca, de acesso on-line ou não. Essa recuperação se faz através de pontos de acesso que podem ser de autor,

título, ano, mês, assunto, etc., pelos usuarios na realização de suas pesquisas (QUEIROZ; ARAUJO, 2014).

Com o exposto, passa-se aos catálogos escolhidos para a comparação das análises.

O primeiro catálogo se trata do Dedalus – Catálogo Coletivo da USP<sup>17</sup>, um catálogo geral de consulta de obras distribuídas pelos acervos da biblioteca da Universidade de São Paulo (USP). As obras podem ser consultadas livremente pelos internautas, e o sistema permite busca pelo título autor, assunto selecionado, editora e gênero/forma. Utilizado por aqueles que desejam realizar pesquisas bibliográficas no acervo das bibliotecas da USP, localizando o ítem no acerto de maneira rápida e precisa.

O catálogo foi acessado e utilizou-se o campo de busca “Informar palavra ou expressão” para pesquisar o título do livro do qual analisamos contos, Arara Bêbada. O sistema recuperou o seguinte registro:

Imagem 6 - Registro Completo do livro "Arara bêbada" - Dedalus

The image shows the Dedalus database interface. At the top, there is a navigation bar with the Dedalus logo, the text 'Banco de Dados Bibliográficos da USP', and the SIBi logo (Sistema Integrado de Bibliotecas Universidade de São Paulo). Below this is a menu with options: Identificação, Preferências, Catálogos, Fale Conosco, Encerrar Sessão, Buscas, Resultados, Buscas Anteriores, Meus Docs., Histórico, Vocabulário, and Ajuda. A secondary menu contains 'Adicionar Reg. Meus Docs.', 'Localizar', and 'Salvar / E-mail'. The main content area is titled 'Registro Completo' and includes options to 'Escolher formato:' (Padrão, Ficha, Formato Reduzido) and 'Nomes MARC' / 'Campos MARC'. It shows 'Registro 1 de 1' with navigation buttons for 'Registro Ant.' and 'Próx. Registro'. The record details are as follows:

<b>No. Registro</b>	001465483
<b>Tipo de material</b>	LIVRO
<b>ISBN</b>	8501069019
<b>Entrada Principal</b>	Trevisan, Dalton
<b>Título</b>	Arara bêbada : ministórias / Dalton Trevisan.
<b>Imprenta</b>	Rio de Janeiro : Editora Record, 2004 São Paulo.
<b>Descrição</b>	109 p.. : 21 cm.
<b>Idioma</b>	Português
<b>Assunto</b>	CONTO -- BRASIL
<b>Acervo Geral</b>	Todos os itens
<b>Itens na Biblioteca</b>	FFLCH-Fac. Fi. Let. C. Humanas

FONTE: <http://dedalus.usp.br/>

No campo “Assunto” pode-se observar apenas “CONTO – BRASIL”, podendo-se observar, então, que se trata do único descritor utilizado.

<sup>17</sup> <<http://www5.usp.br/servicos/consulta-on-line-ao-catalogo-coletivo-das-bibliotecas-da-usp/>>.

O segundo é denominado Base Acervus<sup>18</sup>, o catálogo do Sistema de Bibliotecas da Unicamp. Trata-se de um sistema que gerencia todo o acervo de bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas, disponibilizando on-line serviços diretos ao usuário, como pesquisa, empréstimo, reserva, devolução e renovação online.

O catálogo também foi acessado e utilizou-se o campo de “busca rápida” para pesquisar o título do livro, Arara Bêbada. O sistema recuperou o seguinte registro:

**Imagem 7 - Registro Completo do livro "Arara bêbada" - Acervus**

Detalhes da obra		
Arara bêbada : ministoria / Dalton Trevisan.	Inf. publicação	LIVRO - Português
	ISBN	8501069019 (broch.)
Trevisan, Dalton, 1925-	Número de chamada	
	Classificação	B869.35
	Notação	T729a
	Ent. princ.	Trevisan, Dalton, 1925-
	Título	<b>Arara bêbada : ministoria / Dalton Trevisan.</b>
	Imprenta	Rio de Janeiro, RJ ; São Paulo, SP : Record, 2004.
	Desc. física	109 p.
	Assuntos	1. Contos brasileiros

**FONTE:** <http://acervus.unicamp.br/>

Aqui, no campo “Assunto” pode-se observar apenas “**Contos brasileiros**”. Ao clicar no ícone vermelho que se encontra ao lado, somos redirecionados a uma página que mostra as remissivas, os termos de indexação relacionados a esse, sendo:

**Imagem 8 - Remissivas de assunto - Acervus**

Remissiva Ver (US/UF)	<a href="#">Brazilian short stories</a> <a href="#">Short stories, Brazilian</a>
Remissiva Ver Também (TR)	<a href="#">Ficção brasileira</a>

**FONTE:** <http://acervus.unicamp.br/>

Essas informações nos dizem que o descritor “Contos brasileiros” pode ser usado para “Brazilian shortt stories” e “Short stories, Brazilian”, ou seja, quando se utiliza o primeiro descritor, os outros dois entram como “Remissiva Ver”, enquanto “Ficção Brasileira” é

<sup>18</sup> <<http://www.sbu.unicamp.br/portal2/catalogo-base-acervus/>>.

colocado como termo relacionado para “Contos brasileiros”, ou seja, entra como “Remissiva Ver Também”. Porém, essas informações só são usadas por funcionários para indexar outras obras ou por usuário que querem ver informações sobre aquele assunto específico.

Com as informações retiradas, podemos observar, então que:

**Quadro 9 - Descritores encontrados nas unidades de informação**

Biblioteca	Descritor
Dedalus	“Contos brasileiros”
Acervus	“CONTO – BRASIL”

FONTE: Elaborada pela autora

Com os descritores das bibliotecas selecionadas extraídos, podemos passar para a etapa final do trabalho, que se trata da comparação entre os descritores extraídos através da análise dos contos, com os termos encontrados no Tesauro de Literatura” e os descritores encontrados nas unidades de informações selecionadas. Para melhor visualização, construiu-se o seguinte quadro:

**Quadro 10 - Comparação dos descritores**

Bibliotecas		“Tesauro de Literatura”	“Assuntos” encontrados nas análises
	Dedalus		
Descritores			
	“CONTO – BRASIL”	“Contos brasileiros”	“Literatura Brasileira” “Conto; Narrativa” “Contistas” “Satiristas” “Ironia” “Humorismo (Literatura)” “Sátira” “Metáfora”

				“Contextualização” “Machado de Assis” “Formação Discursiva” “Formação Ideológica”
--	--	--	--	--

FONTE: Elaborada pela autora

Com as comparações realizadas, podemos concluir que as bibliotecas usam apenas um descritor extremamente específico para representar a obra, enquanto a análise dos contos por meio da Análise do Discurso Literária encontrou uma quantidade considerável de termos a mais, e quando utilizando o “Tesouro de literatura” para extração dos termos, obtiveram-se oito termos que serviriam de descritores em uma unidade de informação.

Vale lembrar que as bibliotecas se utilizam dos termos por estarem ligadas às políticas de representação de cada unidade ou organização. Cada instituição possui uma maneira específica de inserir assuntos e representações de itens nos acervos, conhecidas como política de desenvolvimento de coleções ou de acervos, e essas políticas ditam o que entra ou não no acervo e de que maneira entra. Bem como a política de desenvolvimento de coleções, há a política de indexação em uma unidade. A política de indexação diz como o item deve ser representado na unidade, obrigando os funcionários a representarem da maneira que ali está exposta. Portanto, os termos encontrados para descrever as obras nas unidades de informação devem ser os termos de uso recorrente para tal tipo de literatura, nos levando a pensar, também, na inflexibilidade de tais políticas que possibilitem o desenvolvimento e representação correta em uma biblioteca.

Os “assuntos” encontrados com as análises também poderiam servir de base para indexação caso as políticas aderissem ao uso da Análise do Discurso como parte do processo de análise das obras, pois além de amplos, mostram termos que são popularmente utilizados, que possuem visibilidade e de fácil lembrança quando se trata do autor analisado.

Dessa maneira, passaremos, então, para as considerações finais do trabalho.

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando a parte final do trabalho, fica importante destacar o percurso decorrido e as conclusões encontradas. Inicialmente o plano de trabalho e cronograma de execução foram seguidos e executados, começando pelo levantamento bibliográfico exaustivo sobre Análise do Discurso e seus conceitos fundamentais e também sobre Análise do Discurso Literário, tratados no capítulo 5. Porém, anterior a isso, no capítulo 2 foi trata a metodologia do trabalho, expondo os métodos e materiais que foram utilizados.

No capítulo 3 tratou-se sobre a Análise Documental, e como a Análise do Discurso Literário serve como auxílio no momento da análise para futura reconstrução para a representação em unidades de informação.

Passou-se para definições de Discurso e Discurso Literário, no capítulo 4, seguido das definições de Análise do Discurso e Análise do Discurso Literário, suas funções e conceitos importantes, no mesmo capítulo.

No capítulo 5, traçou-se um paralelo entre as Formações Discursivas e Ideológicas com Regime de Informação. Tal paralelo mostrou-se de extrema importância quando tratando do contexto em que o autor escreve suas obras e como o profissional trabalha, em uma unidade de informação, restrito a ela, para representar tais obras.

No capítulo 6 tratou-se dos textos narrativos de ficção, principalmente contos, por se tratar do objeto de pesquisa, seus conceitos e importância no trabalho, aproveitando para comparar como são tradas em unidades de informação em comparação com os textos científicos.

As análises dos contos utilizando a Análise do Discurso Literário como metodologia foram realizadas no capítulo 7, onde foi possível observar o autor e a obra escolhida, bem como as etapas de análise, para que pudessem ficar claras as peculiaridades dos contos enquanto discursos inseridos em um contexto, proferidos pelo autor.

Seguiu-se com a sistematização das análises através de quadros, no capítulo 8, para que os resultados fossem organizados a fim de facilitar a visualização e organização das ideias. Também nesse capítulo utilizou-se o “Tesauro de literatura” para a extração de termos de indexação para que fosse possível observar e comparar com as representações encontradas em unidades de informação, no prosseguimento do trabalho.

Na fase final do trabalho, o Capítulo 9 foi construído para comparar as análises realizadas, e os termos extraídos, com representações encontradas em unidades de

informação, a fim de observar como as unidades representam e se as análises colaboram no momento de representar.

Finaliza-se com o presente capítulo, onde se expõe o que foi realizado na pesquisa e também os resultados encontrados.

Pode-se observar, portanto, que a Análise do Discurso se trata de uma metodologia viável para análise de textos literários, aqui, especificamente, textos narrativos de ficção, uma vez que se preocupava com o contexto em que o documento foi criado, concluindo o primeiro objetivo específico do trabalho.

O segundo objetivo específico pode ser confirmado no capítulo 6, onde se observou os textos narrativos de ficção e confirmou sua importância em unidades de informação, sendo tão importantes quanto textos científicos, embora possuam menos ferramentas para representá-los.

O capítulo 7 concretizou o terceiro objetivo específico, analisando os contos “O Sapatão”, “Que Vidinha”, “A Mensagem”, “Dois Açucareiros” e “Capitu” de Dalton Trevisan, através da Análise do Discurso Literário.

Ficou com o capítulo 8 o quarto objetivo específico, onde foram comparadas as análises realizadas no capítulo anterior, com as representações encontradas nas unidades de informações escolhidas, podendo concluir que a Análise do Discurso Literário auxilia no momento de entender o contexto da obra, bem como seu autor e suas Formações Discursivas e Ideológicas. Foi possível observar como e porque o autor se vale de seus discursos para escrever seus contos e, com a ajuda do “Tesouro de literatura” retirou-se possíveis termos para indexação dessa obra em uma unidade de informação.

Ficou claro que a Análise do Discurso Literário, pautada em todas as bases oferecidas, pode entender melhor a obra e se extrair termos que melhor representam o documento em uma unidade de informação.

Nas unidades selecionadas, apenas um descritor era usado no momento de representar a obra, para futura recuperação dos usuários, enquanto que a análise realizada possibilitou a extração de oito descritores passíveis de serem utilizados, o que concretiza o objetivo proposto.

O último objetivo específico foi concretizado anteriormente, no capítulo 5, onde observou-se que, com o paralelo entre Formação Discursiva e Ideológica. e Regime de Informação, foi possível concluir que existem duas maneiras de observar o Regime agindo, o primeiro estando totalmente ligado ao discurso e como as ideologias e contextos em que o autor está inserido podem fazer com que ele seja condicionado, e o segundo se referindo ao

controle que o profissional que representa as obras do autor em uma unidade de informação, seguindo as regras para tanto, sofre, fazendo com que a representação não seja, muitas vezes, eficientes para seu público.

Foi possível observar, também, a relevância dos estudos de Análise do Discurso em espaços sociais, não somente no acadêmico-institucional, visto que é importante explicitar a parte social vinculada ao discurso, e entender o que se quer passar com o que está escrito, além das palavras impressas.

Assim, além de ser importante para a retirada de termos para a representação temática da informação, a Análise do Discurso Literário tem um papel importante no auxílio ao profissional para a compreensão do contexto da obra e em que circunstâncias ela foi produzida para que a representação seja adequada e a recuperação mais eficiente, concretizando, dessa forma, o objetivo geral do trabalho.

Como visto, os textos narrativos de ficção não possuem uma metodologia própria para ser representado em uma unidade de informação, sendo representado conforme as regras que servem de maneira mais fiel a textos científicos. Isso faz com que o profissional fique restrito a um Regime de Informação, obedecendo a ordens da instituição para qual trabalha, e, com isso, de certa forma, negligenciando a representação mais eficiente do conteúdo.

Com todos os resultados expostos, podemos considerar alguns pontos. O primeiro deles se trata da dificuldade em encontrar obras e trabalhos que tratem da Análise do Discurso voltada para textos narrativos. Na presente pesquisa pode-se constatar e ultrapassar essa barreira, o que a leva a um patamar de futura referência para pesquisas que sigam o mesmo caminho, facilitando essa estrada. Esse fato deixa um pouco fora de evidência o quanto a metodologia é maleável e interessante para outros contextos, outro ponto que pode ser observado ao decorrer da pesquisa. A Análise do Discurso é extremamente complexa e envolvente, podendo ser aplicada em diversos campos e desenvolver muito bem seu trabalho.

Pode-se observar, também, o quanto a representação de obras narrativas de ficção tornam as obras “presas” em unidades de informação, e com “presas” tem-se a intenção de dizer que estão representadas, mas muitas vezes não são encontradas de maneira eficiente, ou nem mesmo encontradas. Os textos literários possuem grande espaço em bibliotecas, principalmente públicas e infantis, e tem o direito de ser melhor representado para que seja melhor recuperado e utilizado. E com esse ponto, também se observa o quanto as políticas de indexação deixam os indexadores de mãos atadas, também atando a eles tais representações. Uma política tem o poder de restringir as representações e esse é outro ponto que vale ser estudado.

Em linhas finais, trabalhar com a Análise do Discurso voltada para a literatura se tratou de uma grande oportunidade. Poder observar como pode-se extrair informações de onde não está explícito, de um (ou muitos) autor singular, apenas observando a forma que escreveu seus textos e o contexto em que ele está inserido é algo impressionante. As considerações encontradas nessa pesquisa serão de extrema importância para futura pesquisa no tema, e espera-se que sirva para muitas outras pesquisas, tanto no tema, quanto em outras áreas em que a Análise do Discurso é capaz de atuar.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. C. V. **Análise de textos literários infanto-juvenis: perspectivas metodológicas com vistas à identificação do tema.** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2008.
- ANTONIO, D. M. **O percurso gerativo de sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias.** 2008. 137f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.
- ARAÚJO, H. C. B. de e al. Linguagens de indexação: uso das linguagens presentes na prática da indexação. In: XIV Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da informação, 14., 16 a 22 de janeiro de 2011. **Anais...** Universidade Federal do Maranhão, 2011. Disponível em: <  
<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/LINGUAGENS%20DE%20INDEXA%C3%87%C3%83O%20uso%20das%20linguagens%20presentes%20na%20pr%C3%A1tica%20da%20indexa%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2017.
- ARTANDI, S. Document description and representation. **ABIST**, v.5, 1970, p. 144-167
- ASSIS, M de. **Dom Casmurro.** São Paulo: Editora Ática, 1996.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12676: Métodos para análise de documentos:** determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BARBOSA, S.; MEY, E. S. A.; SILVEIRA, N. C. **Vocabulário controlado para indexação de obras ficcionais.** Brasília: Briquet de Lemos, 2005, 54p.
- BARITÉ, M. G. Organización del conocimiento: um nuevo marco teórico-conceptual en bibliotecología y documentacion. In: CARRARA, Kester (org.). **Educação, universidade e pesquisa.** III Simpósio em Filosofia e Ciências Marília. São Paulo: Unesp-Marília-Publicações, Fapesp, 2001.
- BARROS, T. H. B. **A representação arquivística: uma análise do discurso teórico e institucional a partir dos contextos espanhol, canadense e brasileiro.** 2014. 218 f. Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, 2014.
- BEGHTOL, C. Bibliographic classification theory and text linguistics: aboutness analysis, intertextuality and the cognitive act of classifying documents. **Journal of Documentation**, London, v. 42, n. 2, p. 84-113, June 1986.
- BEGHTOL, C. Toward a theory of fiction analysis for information storage and retrieval. In: WILLIAMSON, N.J.; HUDON, M. **Classification research for knowledge representation and organization.** Amsterdam: Elsevier, 1992.
- BEGHTOL, C. **The classification of fiction:** the development of a system based on theoretical principles. Metuhen, NJ: Scarecrow Press, 1994.
- BEGHTOL, C. Domain analysis, literary warrant, and consensus: the case of fiction studies. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 1, p. 30-44, 1995.

- BEGHTOL, C. Stories: applications of narrative discourse analysis to issues in information storage and retrieval. **Knowledge Organization**, v. 24, n. 2, p. 64-71, 1997.
- BENVENISTE, É. Problemas de linguística geral I, 2. Ed., Pontes: Campinas, 1988.
- BEZERRA, E. P. et al. Regime de informação: abordagens conceituais e aplicações práticas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 60-86, mai/ago, 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/viewFile/57935/37087>> Acesso em: 26 jul. 2017
- BORBA, F. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.
- BRAMAN, S. **The emergent global information policy regime**. Hampshire: Palgrave, 2004.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução a análise do discurso**. 2. ed. rev. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- BRANDÃO, H. H. N. **Analisando um Discurso**. Museu da língua Portuguesa, 2009. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Brandao\\_AnalisandoODiscurso.pdf](http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Brandao_AnalisandoODiscurso.pdf)>. Acesso em: 02. set. 2015.
- BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008. P. 1-14. Disponível em: <http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1835.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2017.
- BROOKS, C.; WARREN, R. P. **Understanding Fiction**. Nova York: F. S. Crofts e Co., 1943.
- CAPRIOLI, M.S. **O percurso discursivo da Ciência da Informação por meio do estudo de periódicos da área na década de 1990**. Marília, 2016, 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2016.
- CARLAN, E. **Sistemas de organização do conhecimento: uma reflexão no contexto da Ciência da Informação**. 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/14519/1/Carlan-Eliana-Dissertacao.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2017.
- CASTAÑÓN MORENO, B. Análisis temático documental. **Investigación bibliotecológica**, México, D.F., v. 6, n. 12, p. 4-10, Ene./Jun. 1992.
- CAVALCANTI, C. R. **Indexação e tesouro: metodologia e técnica**. Brasília: ABDF, 1978. 89p.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- COSTA, R. R. Dalton Trevisan não tem como ser cânone - Dalton Trevisan, 90 anos. **Gazeta do Povo**: Caderno G, 2015. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/especiais/dalton-trevisan-90-anos/dalton-trevisan-nao-tem-como-ser-canone-a1cxr7oe1dom0vj51jq5311fp->>> Acesso em: 17 mar. 2017.
- COSTA, M. U. P. da; MOURA, M. A. A Representação da informação em contextos de comunicação científica: a elaboração de resumos e palavras-chave pelo pesquisador- autor. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 18, n. 3, p.45-67, set./dez. 2013. Disponível em: <[http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/13958/pdf\\_5](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/13958/pdf_5)>. Acesso em: 09 jan. 2017.

CÚRRAS, Emilia. **Tesouros, linguagens terminológicas**. Brasília: Ibiect, 1995.

DAMAZO, A. C. **Análise de assunto de conto espírita por meio do percurso figurativo e do percurso temático**. 126 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, 2006.

DIAS, C. A. Terminologia: conceitos e aplicações. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 1, p.90-92, jan./mar. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a9>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

DUARTE, I. M. **O relato de discurso na ficção narrativa: contributos para a análise da construção polifônica de "Os Maias" de Eça de Queirós**. 1999. 577 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1999. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/13686>>. Acesso em: 09 nov. 2016.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DUFRENNE, M. **Estética e filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2004. (Debates, 69).

ERIKSSON, R. The classification and indexing of imaginative literature. **16th ASIS&T SIG/CR Classification Research Workshop**, Charlotte: NC, October 29, 2005.

E BIOGRAFIA: biografias e resumos da vida, obras, carreira e legado de personalidades. **Dalton Trevisan**, 2015. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/dalton\\_trevisan/](https://www.ebiografia.com/dalton_trevisan/)>. Acesso em: 18 mar. 2017.

FACCHINI, R. Histórico da luta de LGBT no Brasil. **Revista pré univesp**, n.61, UNIVERSO, dez 2016/jan 2017. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/historico-da-luta-lgbt-no-brasil#.WdTjWf1Sxdg>>. Acesso em 04 out. 2017

FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da análise do discurso no Brasil um breve perambulo. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda (org.). **Michel Pêcheux e Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007. Cap. 1, p. 13-22.

FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v.44, n.2, p.367-83, mar./abr., 2010. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rap/v44n2/08.pdf>>. Acesso: 06 jul. 2017.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Trad. L. F. Baeta Neves. Petropolis: Vozes, 1971 (título original: *L'archeologie du savoir*, 1969).

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FROHMANN, B. Talking information policy beyond information science: applying the actor network theory. In: OLSON, H. A.; WARD, D. B. (Eds.). ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE, 23., 1995, Edmonton, Alberta, **Electronic Proceedings...** 1995. Disponível em: <[http://www.caicsi.ca/proceedings.1995/frohmann\\_1995.pdf](http://www.caicsi.ca/proceedings.1995/frohmann_1995.pdf)>. Acesso em: 16 set. 2016.

FUJITA, M. S. L.; GIL LEIVA, I. As linguagens de indexação em bibliotecas nacionais, arquivos nacionais e sistemas de informação na América Latina. In: Seminário Nacional de

Bibliotecas Universitárias, 2010, Rio de Janeiro. **Onde estamos, para aonde vamos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. p. 1-13. Disponível em: <[http://eprints.rclis.org/15137/1/Indexing\\_languages\\_FUJITA\\_GIL\\_LEIVA.pdf](http://eprints.rclis.org/15137/1/Indexing_languages_FUJITA_GIL_LEIVA.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2017.

GARCIA-MARCO, F. J. et al. Knowledge organization on fiction and narrative documents: a challenge in the age of multimedia revolutions. In: GNOLLI, C.; MAZZOCCHI, F. (Org.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization**. Würzburg: Ergon, p. 262-268, 2010.

GARCÍA-MARCO, L.F.; GARCÍA-MARCO, F.J. El resumen de documentos literarios narrativos: algunas propuestas metodológicas. **Organización del Conocimiento en Sistemas de Información y Documentación**, n. 2, p. 73-85, 1997.

GARDIN, J.C. L'analyse logiciste, 1987. In: GARDIN, J.C. et al. **Sythes -erts et sciences humaines**. Paris: Eyrolles, p. 17-26, 1987.

GAZETA DO POVO. **Dalton Trevisan, 90 anos**. Caderno G, 2015. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/especiais/dalton-trevisan-90-anos/>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

GIL URDICIAIN, Blanca. **Manual de lenguajes documentales**. 2. ed. rev. y amp. Gijón, Espanha: 2004. 280 p.

GOMES, H. E. et al. (org.) **Tesouro sobre literatura**. Brasília: IBICT, 1985.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 7-31, 1999a. Disponível em: <[http://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2010/03/pdf\\_6d5abfb137\\_0008552.pdf](http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_6d5abfb137_0008552.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2017.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Da política de informação ao papel da informação na política contemporânea. **Revista Internacional de Estudos Políticos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 57-93, abr. 1999b.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/view/170/149>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 60-76, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1020/1075>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. As ciências sociais e as questões da informação. **Morpheus - revista eletrônica em ciências humanas**, Rio de Janeiro, Ano 09, n. 14, 2012a. Disponível em: <[http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero14-2012/artigos/nelida\\_pt.pdf](http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero14-2012/artigos/nelida_pt.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2017.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 22, n. 3, set./dez., p. 43-60, 2012b. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/14376/8576>>. Acesso em 26 jul. 2017.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; CHICANEL, M. A mudança de regimes de informação e as variações tecnológicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008, p. 1-14.

GRABO, C. H., **The Art of the Short Story**. Nova York (Chicago): Charles Scribner's Sons, 1913.

GUIMARÃES, J. A. C. A análise documentária no âmbito do tratamento da informação: elementos históricos e conceituais. In: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. (Org.).

**Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 100-118.

GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO).

**Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, v.1, n.1, p. 77-99, jan./jun., 2008.

GUIMARÃES, J. A. C.; MORAES, J. B. E.; GUARIDO, M. D. M. Análisis documental de contenido de textos narrativos: bases epistemológicas y perspectivas metodológicas. In: GARCÍA MARCO, F. J. (Org.). **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación en entorno digital**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2007. p. 93-100.

GUIMARÃES, J. A. C.; SALES, R. Análise documental: concepções do universo acadêmico brasileiro em Ciência da Informação. **DataGramaZero**: revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, fev. 2010. Disponível em:

<[http://www.dgz.org.br/fev10/Art\\_02.htm](http://www.dgz.org.br/fev10/Art_02.htm)>. Acesso em 10 dez. 2012.

HARRIS, Z. Discourse analysis. **Language**, New York, v. 28, n. 1, p. 1-30, 1952.

HAYES, S. **Enhanced catalog access to fiction**: a preliminary study. *Library Resources & Technical Services*, v.36, n.4, p. 441-59, 1992.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2 ed. Campinas: Unicamp, 1993, p. 13-38. Tradução do original de 1969.

KOBASHI, N. Y. **A elaboração de informações documentárias**: em busca de uma metodologia. 1994. 195 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

KOCH, I. G. V. Lingüística textual hoje: questões e perspectivas. In: ENCONTRO NACIONAL DO GELCO (GRUPO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM DO CENTROOESTE), 2., 2004, Brasília, DF. **Anais**: integração lingüística, étnica e social... Brasília, DF: GELCO, 2004. v. 1, p. 21-33.

LANCASTER, F.W. **Indexação e resumos**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LARA, M. L. G. de. **A representação documentária**: em jogo a significação. 1993. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

LIMA, L. M. **O percurso discursivo da Ciência da Informação no Brasil**: uma análise discursiva a partir dos periódicos *Ciência da Informação* e *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. Marília, 2015. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2015.

MAINGUENEAU, D. **Elementos de Linguística para o Texto Literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. Editora Contexto: São Paulo, 2009.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábolas Editorial, 2008.
- MARTINS, G. K.; MORAES, J. B. E. de. Aspectos sociais na representação da informação: concepção integradora e democratizada a partir do âmbito da organização do conhecimento. In: CAVALCANTE, E.; PINTO, V. B.; VIDOTTI, S. A. B. G. (org.). **Ciência da informação e contemporaneidade**: Tessituras e Olhares, Fortaleza: edições UFC. 2012
- MOISÉS, M. **Guia prático de análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- MOISÉS, M. **A criação literária: a prosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.
- MORAES, J. B. E. Análise documental de crônicas: reflexões sobre uma trajetória de interlocução entre literatura, linguística e ciência da informação In: GUIMARÃES, J.A.C; FUJITA, M.S.L. **Ensino e pesquisa em Biblioteconomia no Brasil**: a emergência de um novo olhar. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2008. p. 129-144.
- MORAES, J. B. E. **A questão do aboutness no texto narrativo de ficção**: perspectivas metodológicas para a Ciência da Informação. 93 f. Tese (Livre-docência em Linguística e Documentação) - Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp, Marília, 2011.
- MORAES, J. B. E. Aboutness in Fiction: Methodological Perspectives for Knowledge Organization. In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE (INDIA CHAPTER): CATEGORIES, RELATIONS AND CONTEXT IN KNOWLENDGE ORGANIZATION, 12., 2012, Índia (Mysore). **Conferência**. Índia, 2012. p. 01 - 10.
- MORAES, J. B. E. ; DAMAZO, A. C. ; LARA, L. M. . Avaliação da proposta de análise documental de textos narrativos de ficção. In: Francisco Javier García Marco. (Org.). Ibersid 2008 - **Revista de sistemas de información y documentación**. Zaragoza: Ibersid/Prensas Univesitarias de Zaragoza, 2008, v. , p. 177-184.
- MORAES, J. B. E.; GUIMARÃES, J.A.C. Análisis documental de contenido de textos literarios narrativos: en busca del diálogo entre las concepciones de aboutness/meaning y de recorrido temático/recorrido figurativo. **Scire** (Zaragoza), 2006.
- MORAES, J. B. E. ; GUIMARÃES, J.A.C. Análise documental de conteúdo de textos literários narrativos: em busca de um diálogo entre as concepções de aboutness/meaning e percurso temático/percurso figurativo. In: GASPAR, Nádea Regina; ROMÃO, Lucilia Maria Sousa. (Org.). **Discurso e Texto multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação**. São Carlos: EDUFSCar, 2008, v. , p. 35-45.
- MOSER, S. O autor não vale o personagem - Dalton Trevisan, 90 anos. **Gazeta do Povo**: Caderno G, 2015. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/especiais/dalton-trevisan-90-anos/o-autor-nao-vale-o-personagem-eq9sw6wvmahoz4762tsme0r4q>>. Acesso: 17 mar. 2017.
- MUSSALIM, F. Análise do discurso literário: campo discursivo e posicionamento na interlíngua. **Anais do VII Congresso Internacional da Abralín**, n.1, 2011. Disponível em: <<http://abralin.org/site/publicacao-em-anais/abralin-curitiba-2011/>>. Acesso em: 24 ago. 2016.
- NIELSEN, H. J. The nature of fiction and its significance for classification and indexing. **Information Services & Use**, v. 17, n. 2-3, p. 171-181, 1997.

- NOGUEIRA, C. A análise do discurso. Em L. Almeida e E. Fernandes (Edts), **Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação**. Braga: CEEP, 2001. Disponível em: <[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4355/1/Capitulo\\_analise%20do%20discurso\\_final1.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4355/1/Capitulo_analise%20do%20discurso_final1.pdf)>. Acesso em: 07 set. 2015.
- NOVELLINO, M. S. F. Instrumentos e metodologias de Representação da Informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 1, n. 2, p.37-45, jun./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1603>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ORLANDI, E. A análise de discurso: algumas observações. In: **D.E.L.T.A.**, Vol. 2, nº 1, p. 105-126, 1986.
- ORLANDI, E. P. A Produção da Leitura e suas Condições. In: BARZOTTO, V.H. (Org.) **Estado de Leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.
- ORLANDI, E. P. **A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas, Pontes, 2002.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5.ed. São Paulo: Pontes, 2008. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi.
- PEJTERSEN, A.M. Fiction and library classification. **Scandinavian Public Library Quarterly**, n.1, p. 5-12, 1978.
- PEJTERSEN, A.M. The meaning of ‘about’ in fiction indexing and retrieval. **Aslib Proceedings**, v. 31, n. 5, p. 251-257, May, 1979.
- PEJTERSEN, A.M.; ALBRECHTSEN, H.; SANDELIN, R.; LUNDGREN, L.; VALTONEN, R. The Scandinavian book house: indexing methods and OPAC development for subject access to Scandinavian fiction literature. In: **ADVANCES in classification research**, v. 6, p. 99-113, 1998.
- PEJTERSEN, A.M.; AUSTIN, J. Fiction retrieval: experimental design and evaluation of a search system based on users’ value criteria: part 1. **Journal of Documentation**, v. 39, n.4, p. 230-246, 1983.
- PEJTERSEN, A.M.; AUSTIN, J. Fiction retrieval: experimental design and evaluation of a search system based on users’ value criteria: part 2. **Journal of Documentation**, v. 40, n. 1, p. 25-35, 1984.
- PINHO, F. A.; NASCIMENTO, B. L. C. do; MELO, W. L. As dimensões ôntica, epistêmica e documental na representação da informação e do conhecimento. **ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p.112-123, jan./abr. 2015. Disponível em: <[https://revista.acb.org.br/racb/article/view/995/pdf\\_114](https://revista.acb.org.br/racb/article/view/995/pdf_114)>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- PROPP, V. **A morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

QUEIROZ, N. G.; ARAUJO, S. A. Catálogos on-line: um breve estudo dos catálogos on-line de acesso público (OPAC'S). **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 3, n. 2, p.1-17, 2013. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/viewFile/2132/1328>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

SAARTI, J. Fiction indexing and the development of fiction thesauri. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 31, n. 2, p. 85-92, 1999.

SABBAG, D. M. A. **Análise documental em textos narrativos de ficção**: subsídios para o processo de análise. 160 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação/ Informação, tecnologia e conhecimento) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013. Disponível em: <[http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/SABBAG\\_Deise\\_Maria\\_Antonio.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/SABBAG_Deise_Maria_Antonio.pdf)>. Acesso em: 05 set. 2015.

"**SAPATÃO**". In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/sapat%C3%A3o>>. Acesso em: 04 out. 2017.

SARGENTINI, V. M. O. A noção de Formação Discursiva: uma relação estreita com o *corpus* na Análise do Discurso. **Anais do SEAD – Seminário de estudos em Análise do Discurso**, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/VaniceMariaOliveiraSargentini.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística geral**. Brasil: Cultrix, 2006. Título original: *Cours de linguistique générale*, 1916.

SEARLE, J. R. **Expressão e significado**: estudos das teorias dos atos da fala. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVA, I. M. M. Leitura literária: contribuições da análise do discurso. **Revista Encontros de Vista**, n. 7, 2011. Disponível em: <[http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/artigo\\_7\\_04.pdf](http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/artigo_7_04.pdf)>. Acesso em: 24 ago. 2016.

SOUSA, B. P. de; FUJITA, M. S. L. A classificação bibliográfica no contexto do tratamento temático da informação: um estudo com o protocolo verbal individual em bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IF's). **ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p.796-813, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/868/pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

SOUZA, R. R. Sistemas de recuperação da informações e mecanismos de busca na Web. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 161-173, maio/ago. 2006.

STAFUZZA, G. **Análise do Discurso Literário**: das vozes de Homero em Joyce. Brasil: Appris, 2011.

TRAVAGLIA, L. C. **A caracterização de categorias de texto**: tipos, gêneros e espécies. Alfa, São Paulo, v.51, n.1, p.39-79, 2007.

TREVISAN, D. **Sonata ao Luar**. [s.l.]: Gráfica Requeijão, 1945.

TREVISAN, D. **Sete anos de pastor**. [s.l.]: Edições Joaquim, 1946.

TREVISAN, D. **Novelas nada exemplares**. Rio de Janeiro: Record, 1959.

TREVISAN, D. **A morte na praça**. Rio de Janeiro: Record, 1964.

- TREVISAN, D. **Desastres do amor**. Rio de Janeiro: Record, 1968.
- TREVISAN, D. **A guerra conjugal**. [s.l.]: Civilização Brasileira, 1970.
- TREVISAN, D. **O vampiro de Curitiba**. Brasil: Editora Civilização Brasileira. Série Literatura Brasileira Contemporânea, n. 14, 1974.
- TREVISAN, D. **Crimes de Paixão**. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- TREVISAN, D. **A Polaquinha**. Rio de Janeiro: Record, 1985
- TREVISAN, D. **Ah, É?** Rio de Janeiro: Record, 1994.
- TREVISAN, D. **Vozes do retrato - Quinze histórias de mentiras e verdades**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1994.
- TREVISAN, D. **Arara bêbada**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- TREVISAN, D. **O maníaco do olho verde**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- TREVISAN, D. **Violeta e Pavões**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- TREVISAN, D. **Desgracida**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- TREVISAN, D. **O Anão e a Ninfeta**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- VAN DER LAAN, R. H. **Tesouro e terminologia: uma inter-relação lógica**. Porto Alegre, 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- VAN DIJK, T. **La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario**. Barcelona: Paidós, 1997.
- VARGAS, D. F.; VAN DER LAAN, R. H. A contribuição da Terminologia na construção de Linguagens Documentárias como os Tesouros. **Biblios**. Rio Grande, v. 25, n. 1, p.21-34, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/1988>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- VERSA, C. R.; SOARES, A. S. F. Sujeito e sentido em *O dia em que matei meu pai*, de Mario Sabino. In PATTI, A. R. et al [Orgs.]. **Textecendo discursos na contemporaneidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, 421 p.
- ZANETTI, R. R.; SILVA, T. E. da. Regime de Informação: contribuições para implementação de políticas institucionais de desenvolvimento da pós-graduação stricto sensu e para atendimento à avaliação da Capes. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 1, n. 1/2, p. 20 – 39, jul./dez. 2012. Disponível: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/14586/12254>>. Acesso em: 26 jul. 2017.